



Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares
Amália Marques

Mouras, Mouros e Mourinhos Encantados
em Lendas do Norte e Sul de Portugal



I Volume

Dissertação apresentada à Universidade Aberta para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Portugueses Multidisciplinares, realizada sob a orientação científica da Doutora Isabel de Barros Dias.

Aos meus pais e aos meus filhos pelo seu amor e apoio incondicional. A eles dedico esta dissertação.

À memória dos meus avós maternos...

Agradecimentos:

Manifestamos aqui os nossos sinceros agradecimentos à Doutora Isabel De Barros Dias pela sua dedicação, imprescindível orientação e igualmente pelo apoio que nos deu, não só em termos científicos, mas também morais, pois todo o seu incentivo e palavras de amizade ajudaram à elaboração da nossa dissertação.

Às colegas que nos apoiaram na reta final desta investigação.

Bem hajam!

Resumo:

Lendas, mitos e contos acompanham a humanidade desde sempre, pois encerram uma função cosmogónica e explicam fenómenos para os quais o homem comum não consegue dar explicação. Na sua migração, estas narrativas fundem-se com as singularidades das zonas por onde viajam. Sofrem as transformações que os narradores, através de um processo oral, lhes vão conferindo.

Decorrente da sua origem humilde, a literatura oral tradicional foi, durante muito tempo, entendida como inferior. Em Portugal, como por toda a Europa, só com o Romantismo se assiste a um revivalismo literário destas narrativas, na medida em que contêm um apelo intrínseco às origens, enaltecendo assim o espírito patriótico. Surgem, então, vários autores que coligem lendas e contos populares portugueses.

Neste âmbito, a presente dissertação, " Mouras, Mouros e Mourinhos Encantados em Lendas do Norte e Sul de Portugal", tem por base um estudo comparativo de lendas nortenhas e sulistas com a finalidade de detetar diferenças e/ou semelhanças no que concerne estas figuras encantadas, consoante as zonas em que se inserem. Com este intuito, analisamos um corpus representativo, mas limitado, pois seria impossível o estudo

de um maior número de textos pela limitação que uma tese de mestrado implica.

Desta investigação resulta uma categorização das várias características das mouras, mouros e mourinhos, de acordo com as suas ações, atitudes, modo como se apresentam perante o ser humano, preferência por determinados locais, manifestações em horas consideradas do “entreaberto”, entre muitas outras particularidades. Usualmente, é atribuído maior destaque às mouras, pelo que considerámos particularmente interessante estudar simultaneamente os mouros e mourinhos.

Constatámos a evidência de muitas diferenças, mas igualmente algumas semelhanças. No que respeita aos mouros, salienta-se a distinção entre “mouros históricos” e “mouros míticos”. Relativamente às mouras, o seu papel de encantada, mas também de sedutora ou ainda de vítima do encantamento paterno. Já os mourinhos, afiguram-se escassos a norte, mas abundantes a sul, com a peculiaridade de surgirem sempre de barrete encarnado.

Numa perspetiva histórica, em que os mouros são sinónimo de muçulmanos e, portanto, infiéis, maus e inimigos dos cristãos, estes possuem um vasto repertório de hábitos que não coincidem com os das populações católicas. Como tal, despertam nestas a curiosidade e é-lhes atribuído um sem número de feitos, riquezas, poderes que em tudo se assemelham ao contacto com o sobrenatural. Ao surgirem encantados, nomeadamente as mouras e mourinhos, visto que os mouros raramente ocorrem nessa condição, acabam por encarnar a manifestação do desconhecido junto das populações, mas também a vontade do contacto com o outro mundo e a esperança de que, de algum modo, a vida se prolongue além da morte.

Todavia, são muitas as situações em que aos mouros é associada a ideia do “outro” independentemente da nacionalidade que possam ter. Esta alteridade reflete a memória histórica das populações, remetendo para todos os que passaram pelas povoações e comunidades enquanto intrusos, aos quais não é reconhecida uma verdadeira identidade ou pertença a esses grupos.

Palavras – Chave: Literatura oral tradicional, Mito, Lenda, Conto Popular, Mouras Encantadas, Mouros, Mourinhos, Norte, Sul.

III

Abstract:

Legends, folktales and myths have always walked along with mankind because they have a cosmogonic function and try to explain certain phenomenon to which the human being cannot find a suitable and understandable explanation. In their migration, these narratives tend to assume the characteristics of the places where they travel. Once they are told orally by different narrators, these legends face changes and acquire different values as well.

As a result of its humble origin, oral traditional literature has been, for a long time, understood as unimportant. However, the romantic period brings along a revival of this kind of narratives. At that time, they were regarded as a way of going back to the origins praising patriotic values. The result is the gathering of many folktales by numerous and different Portuguese writers.

Within this scope, our study titled “Enchanted Moorish maids, Moors and Moorish children in legends of the north and south of Portugal” focuses on a comparative study of texts, enabling the detection of any potential differences as well as similarities between the two areas of the country as far as these legends are concerned.

Bearing in mind this purpose, we study a limited representative corpus, since it would be completely impossible to analyze a larger number of texts in a Master thesis.



This research results in a classification of the various characteristics of the Moors, Moorish maiden and Moorish children as far as their behavior is concerned, but also how they appear in the presence of the human being as well as the time these characters choose to contact the mortals and many other peculiarities. Usually, it is given greater prominence to the Moorish maiden. Therefore, we considered very interesting to study simultaneously, the Moors and Moorish children.

We acknowledged the evidence of many differences regarding these enchanted figures of the two areas of the country, but some similarities too.

The duality of the historical Moors and the mythological ones is obvious. Regarding the Moorish maiden, we stress her role as an enchanted and charmed character but also the fact that she sometimes is shown as a victim of paternal enchantment. As regards the Moorish children, scarcely ever we found them in the north of Portugal. On the contrary, in the south there are many and always showing up wearing a red bonnet.

From a historical point of view, in which the Moors are seen as Muslims and thus faithless and enemies of the Christians, they have different customs that do not match with those of the Catholic communities. Probably, that is the reason why the populations have such a curiosity towards the Moors and assign them a vast number of deeds, richness and magical powers. The Moorish maiden and Moorish children are enchanted (the Moors seldom are) because they represent the unknown, but also the will to contact the beyond and the hope that somehow life extends after death.

Nevertheless, many are the circumstances in which the Moors are connected with “the other”. This otherness reflects the historical memory of the populations, referring to all the ancient people seen as intruders but not acknowledged with a real identity or belonging to any community.

Keywords: Oral Traditional Literature, Myth, Legend, Folktale, Enchanted Moorish Maiden, Moors, Moorish Children, North, South

I Volume

1- Introdução	1
----- Primeira	
Parte	3
Capítulo 1 – Metodologia	5
----- Capítulo 2 -	5
Pressupostos teóricos apresentados por vários autores ----- 2.1. Literatura	6
de tradição oral: uma narrativa menor? -----	7
2.2. A importância da literatura Oral Tradicional enquanto testemunho de uma época, de um	7
povo e suas tradições -----	9
Capítulo 3 - Conto popular, lenda e mito	11
----- 3.1. Características dos contos	13
Populares ----- 3.2. Características das Lendas	
----- 3.3. Características do Mito	
----- 3.4. Lenda vs Mito vs	15
Conto -----	
Segunda Parte	18
Capítulo 4 – As Mouras: hipóteses de origem e transmissão -----	20
Capítulo 5 - A imagem das mouras, mouros e mourinhos encantados em Lendas do norte e	22
sul de Portugal -----	39
5.1. A imagem das Mouras -----	50
5.1.1. As Mouras a norte -----	59
5.1.2 As Mouras a sul -----	59
5.1.3. Comparação entre as Mouras a norte e a sul ----- 5.2. A	62
imagem dos Mourinhos ----- 5.2.1.	66
Os Mourinhos a norte ----- 5.2.2 Os	69
Mourinhos a sul ----- 5.2.3.	69
Comparação entre os Mourinhos a norte e a sul ----- 5.3. A	

imagem dos Mouros ----- Mouros a norte -----	5.3.1. Os	Museu do Trajo São Luís de Alportel Centro de Documentação
---	-----------	---

5.3.2 Os Mouros a sul -----	76
5.3.3. Comparação entre os Mouros a norte e a sul ----- 6.	84
Conclusões -----	90
7. Bibliografia -----	98

II Volume

Anexos -----	4
A- Quadro de Semelhanças/ Diferenças entre lenda, mito e conto popular ----- B-	4
Tabela de lendas de Mouras a norte -----	7
C-Tabela de lendas de Mouras a sul -----	13
D- Tabela de lendas de Mouros a norte -----	21
E- Tabela de lendas de Mouros a sul -----	25
F- Tabela de lendas de Mourinhos a norte -----	30
G- Tabela de lendas de Mourinhos a sul -----	33
H- Corpus analisado-----	37
Lendas do	37
Norte----- Lendas	66
do Sul -----	

1 – Introdução

Positivamente, contar histórias é uma das mais belas ocupações humanas: e a Grécia assim o compreendeu, divinizando Homero, que não era mais que um sublime contador de contos da carochinha. Todas as outras ocupações humanas tendem mais ou menos a explorar o homem; só essa de contar histórias se dedica amoravelmente a entretê-lo, o que tantas vezes equivale a consolá-lo. (Queirós,2001:208)

Na nossa prática docente, e também enquanto estudantes de literatura, constatámos que as narrativas ditas populares, em geral, contos populares e lendas em particular, são frequentemente referidas e tratadas como pertencentes a “casos de literatura menor “. Cientes desta realidade, acreditamos nos estudos que ao longo dos tempos têm vindo a contrariar esta opinião tão desfavorável. Dada esta convicção, é nesta linha que inserimos o presente estudo, demonstrando pela análise aqui efetuada, a importância da nossa literatura de tradição oral na transmissão de saberes, crenças e culturas das populações de diferentes zonas do nosso território.

O trabalho aqui realizado tem como objetivo estudar o papel, importância e simbolismo das mouras, mouros e mourinhos encantados, na variedade lendária do norte e sul de Portugal e analisar eventuais diferenças e semelhanças existentes no corpus selecionado. Por outras palavras, tentamos responder às seguintes questões: Será que os mouros, mourinhos e mouras encantadas surgem de forma idêntica na nossa tradição oral? Ou, pelo contrário, apresentam-se com características e simbolismos diferentes consoante as regiões em que se inserem? Com este intuito, mostraremos em que consistem as semelhanças e/ou diferenças e tentaremos também perceber porquê. Apresentamos, igualmente, uma panorâmica da imagem da moura e seu simbolismo no imaginário popular ao longo dos tempos.

Acreditamos tratar-se de um estudo inovador e original, pois vários autores têm coligido este tipo de narrativas, outros estudiosos têm-nas eventualmente analisado, mas não a partir deste ponto de vista comparativo. Além disso, a pertinência deste trabalho aumenta na medida em que tencionamos não só estudar a moura como também os mouros e mourinhos, uma vez que estas duas últimas personagens são habitualmente esquecidas em favor da primeira.

Acrescentamos ainda como justificação para esta investigação, o facto de estarmos a tratar de narrativas que ajudam a caracterizar um povo e o seu *modus vivendi*, no sentido em que nascem no seu próprio seio e, conseqüentemente, dão a conhecer o seu imaginário, cultura e tradições, apresentando mesmo, na sua forma toponímica, explicações para a origem e nome de determinadas localidades, demonstrando assim a pluralidade e diversidade cultural que existe no nosso país.

As lendas constituem um pilar essencial para o desenvolvimento de comunidades, em geral, indivíduos, em particular, interferindo no modo como estes se veem a si próprios e ao mundo que os rodeia. Enfim, constituem um espólio literário, um património imaterial que se apresenta como a melhor testemunha de uma tradição multidisciplinar: histórica, literária e linguística. Esta afirmação assume particular relevo no que respeita as lendas de mouras, mouros e mourinhos encantados, já que estas pressupõem testemunhos de vivências e influências árabes na nossa cultura, durante um longo período de tempo.

Esta temática começou a despertar o nosso interesse a partir do momento em que nos apercebemos que a

moura era constantemente associada ao mundo onírico do encantamento e do secretismo, exercendo

uma função sobrenatural, muitas vezes sedutora e enigmática para os cristãos, contrariamente ao mouro, grandemente relacionado com a guerra e reconquista cristãs, logo mais histórico e perto do real, possuidor de características essencialmente bélicas, portador de uma força extrema e quase deificada. Por este motivo, acreditamos que a questão histórica não pode ser completamente dissociada destas narrativas, pois, usualmente, onde a história se revela impotente para dar explicações completas e convincentes, surge, paralelamente, a lenda para apresentar as suas explicações fantásticas. Portanto, a lenda aproveita um dado histórico do conhecimento geral e completa-o ficcionalmente, preenchendo assim a vontade de conhecimento e o imaginário das populações.

Primeira Parte

Capítulo 1 – Metodologia

Este é um estudo assente num método dedutivo que consiste no destacar de um número relativamente limitado de ocorrências, extraindo daí algumas hipóteses gerais que, posteriormente, serão particularizadas

e demonstradas. Baseia-se num procedimento metodológico de pesquisa e escolha de uma bibliografia passiva de apoio à temática por nós escolhida e capaz de fornecer os ensinamentos necessários à investigação. Assenta igualmente, num método de triagem, apresentação e análise de uma bibliografia ativa composta pelos vários textos selecionados, que em anexo são apresentados e numerados. O objetivo é dar a conhecer e demonstrar os diferentes papéis que os mouros¹ assumem nas lendas, bem como a sua simbologia ao longo de diferentes épocas e culturas.

Em suma, o trabalho será desenvolvido a partir de dois pilares: o primeiro assenta na procura de ensinamentos, técnicas de análise textual, revisão bibliográfica e estudo de obras cuja vertente se insira na temática desta investigação; o segundo, consiste na análise propriamente dita dos textos eleitos inseridos na bibliografia ativa, decompondo-os de forma a torná-los compreensíveis e mostrar diferenças e semelhanças entre os mouros representados nas lendas do norte e sul do nosso país.

Na medida em que se trata de um universo textual bastante vasto e rico, cingimo-nos a um corpus de trinta lendas nortenhas e outras trinta oriundas da região algarvia, no que concerne as mouras encantadas; vinte lendas do norte e quinze do sul, para demonstrar o nosso ponto de vista relativamente aos mouros; finalmente, doze lendas do sul e dez textos nortenhos respeitantes aos mourinhos encantados.

As lendas pertencentes à região norte são extraídas da obra *A Mitologia dos Mouros*, de Alexandre Parafita. As narrativas referentes ao sul, foram retiradas da recolha levada a cabo por Francisco Xavier D' Ataíde Oliveira, no seu livro *As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve*. Estas obras constituem a nossa bibliografia ativa. Ainda assim, não queremos com isto dizer que, esporadicamente, lendas de outras zonas não possam ser apresentadas para confronto e melhor entendimento das anteriormente referidas e também com o objetivo de atribuir maior sentido à nossa tese.

A eleição destes dois autores não foi aleatória, mas sim propositada, pois pareceu-nos muito apelativo e interessante o facto de serem dois estudiosos pertencentes a épocas diferentes, mas interessados na mesma matéria. Ataíde Oliveira², autor do século XIX, e Alexandre Parafita, autor deste século, nosso contemporâneo, autor de inúmeros livros inseridos no Plano Nacional de Leitura do Ministério da Educação. O primeiro, embora nascido noutra região, interessou-se particularmente pela zona algarvia, pois aí viveu muitos anos. Como o próprio refere, considera o Algarve "minha terra adotiva". Já o segundo optou por dar destaque à região onde nasceu, o norte de Portugal, mais particularmente, Sabrosa. Esta dissertação apoia-se essencialmente num método interpretativo do corpus selecionado. Inicialmente, procedemos à leitura de várias lendas coligidas por diversos autores (Gentil Marques, Alexandre Parafita, Leite de Vasconcellos, Ataíde de Oliveira, entre outros) em várias obras. Posteriormente, por considerarmos que algumas coleções apresentavam lendas demasiado "trabalhadas", isto é, deixando passar, de alguma forma, o cunho pessoal de quem as recolheu, optámos pelos autores atrás mencionados, uma vez que reproduzem as narrativas tal como lhes foram contadas. Todavia,

¹ Entenda-se aqui mouros, mouras e mourinhos.

² Este autor é mencionado de duas maneiras: "Ataíde de Oliveira" e apenas "Ataíde Oliveira". Por exemplo, no Centro de Estudos com o seu nome, é referido pela última hipótese.

salientamos o facto de Parafita ser mais fiel a este propósito e Ataíde de Oliveira, esporadicamente, nos parecer "romancear" um pouco a sua recolha.

Poder-se-á, agora, perguntar: "porquê o norte e o sul e não optar por outras regiões?" A resposta prende se essencialmente com o facto de serem zonas das extremidades do país, de alguma forma opostas, mas ambas extremamente produtivas em lendas de mouras encantadas. Ora, esta abundância de narrativas mouriscas, captou definitivamente a nossa curiosidade.

Qual o critério na escolha deste corpus? Na impossibilidade de analisar todas as lendas lidas, visto tratar-se de um universo muito rico mas também extenso e variado, a principal preocupação foi a de escolher lendas exemplificativas das várias temáticas de forma a transmitir uma boa panorâmica dos conteúdos em causa. Procurámos, pois, apresentar narrativas que demonstrassem a riqueza destes textos no imaginário português e assim justificar o tema da nossa tese, isto é, mostrar as diferenças e eventuais semelhanças entre as lendas de mouras, mouros e mourinhos nas lendas do norte e sul do nosso país.

Este primeiro capítulo foi dedicado à explicação da metodologia que seleccionámos. O segundo apresentará uma panorâmica relativa à literatura de tradição oral, apenas com o intuito de contextualizar o corpus que nos propomos analisar. Daremos conta da opinião de alguns estudiosos no que concerne as diferentes nomenclaturas para os géneros narrativos que provêm da oralidade e do povo. Também consideraremos o renovar do interesse por estes textos, após um longo período de esquecimento. O capítulo três visa uma breve apresentação das características do conto popular, assim como do mito e da lenda. Esta última, por ser o cerne do nosso trabalho, o mito porque é facilmente confundível com a lenda e o conto na medida em que muitas das lendas por nós seleccionadas apresentam particularidades inerentes aos contos tradicionais. A verdade é que estes três tipos de textos demonstram alguma influência mútua e sobreposições parciais entre si.

O capítulo quatro contextualiza o simbolismo que a figura da moura encerra no imaginário coletivo europeu, ainda que manifestado de diferentes formas, consoante os espaços e culturas. Salienta um quadro de dualidade em que esta personagem se insere, isto é, a sua manifestação sobrenatural, mas igualmente a vivência histórica que de facto aconteceu, mas que neste estudo literário funciona somente enquanto contexto, pretendendo contribuir para a explicação do papel dos mouros nas lendas portuguesas.

O capítulo cinco com todos os subpontos que lhe estão associados, constitui o verdadeiro "coração" deste estudo. Como é sabido, Portugal é um país rico em lendas de mouras encantadas pelo que nos pareceu interessante explorar a imagem destas personagens, assim como as suas diferentes características, posturas, atividades e verificar também se todos estes itens variam, ou não, consoante as regiões em que as narrativas proliferam.

Este será um ponto manifestamente dedicado à análise comparativa do corpus em estudo. Pretendemos verificar eventuais diferenças e semelhanças na imagem das mouras, mouros e mourinhos em lendas do norte e sul de Portugal, e, simultaneamente, tentaremos perceber o porquê dessas mesmas similitudes e divergências. Para essa tarefa, considerámos da maior importância a elaboração de tabelas de ocorrências onde fosse possível analisar as pretendidas semelhanças e/ou diferenças atrás mencionadas, pelo que a divisão em características pelas quais guiámos este estudo tem a sua fundamentação nos itens propostos nas referidas tabelas, as quais poderão ser consultadas no volume de anexos. Neste ponto, importa ainda referir que todas as lendas se encontram numeradas para um melhor entendimento e para facilitar a sua consulta. Por esse motivo, ao longo deste estudo, sempre que apresentamos excertos das lendas analisadas, fazemo-lo com referência ao número da narrativa em causa.

Todas as opções contemplaram o nosso gosto pessoal, o que considerámos da máxima importância, pois se o estudioso não se identificar com o seu objeto de estudo, dificilmente conseguirá passar qualquer

espécie de interesse ou motivação a quem a lê, além de que a metodologia de investigação utilizada coincide com a nossa experiência ao nível da docência.

Finalmente, foi ponderada a acessibilidade dos corpora, uma vez que as lendas do sul em particular, se encontram um pouco dispersas no livro de Ataíde Oliveira. Neste sentido, pensámos ser mais funcional anexar os textos analisados.

2.1. Literatura de tradição oral: uma narrativa menor?

" Quando estudamos por meio de qualquer elemento tradicional da nossa sociedade, achamo-nos constantemente em estreita relação com o passado..." (Vasconcellos,1987:27)

Alexandre Parafita, na sua obra, A Mitologia dos Mouros considera:

Consoante os autores e a natureza dos seus contributos teóricos, esta literatura é apresentada com diferentes denominações:

Literatura tradicional, literatura oral, literatura popular; mas também literatura étnica; etno-literatura e mesmo literatura marginal ou marginalizada. (Parafita, 2006:53).

Com efeito, sejam quais forem as denominações, todas estão sujeitas a críticas e nenhuma parece satisfazer plenamente o conteúdo destas narrativas. Talvez por isso J. D. Pinto Correia prefira o termo " literatura oral tradicional" para se referir a estes textos. Parece-nos ser este o termo que melhor define as narrativas em causa, na medida em que terão nascido no seio da tradição popular, passado oralmente de geração em geração como testemunho de épocas, vivências, tradições, religiões, cultos e formas de ensinar os mais novos. Enfim, transmitem valores e fornecem pistas relativamente aos nossos antepassados mais longínquos, razão pela qual jamais poderá ser considerada uma "literatura menor", uma vez que atravessou várias gerações, demonstrando assim ser suficientemente valiosa e forte, caso contrário, teria sucumbido ao capricho do tempo e desvanecido pelo caminho. E não é verdade que todas as culturas têm a sua literatura popular? Alegarão muitos que a linguagem não é elaborada, que o vocabulário é repetitivo, que as frases são apenas coordenadas, não havendo nada suficientemente sofisticado... Mas, se falamos de uma literatura cujo principal suporte de transmissão é a oralidade, é perfeitamente normal a presença de linguagem pouco elaborada. É preciso não esquecer que nos reportamos a textos cuja elaboração e divulgação não sabemos precisamente quando aconteceu, mas tal foi certamente, há muito tempo. Portanto, quando se usa a expressão "literatura menor", não estará o modo de difusão destes textos, isto é, a via oral, a ser desprestigiada? António José Saraiva considera que "... a literatura deve ser entendida como o conjunto de obras escritas mas também das obras faladas." (Saraiva, 1981:11). Guerreiro, por sua vez, defende: "... e há quem acredite! – que o vulgo nada cria, limitando-se a adotar, transformar e conservar o que lhes vem da arte dita culta.[...] Por agora, queremos lembrar que os Gregos ouviam voz melodiosa de aedos e rapsodos, cantos líricos e épicos muito antes de haver escrita." (Guerreiro, 1978:9)

O mesmo autor, um pouco mais adiante, diz ainda:

E literatura sem escrita com tantos géneros como os nossos, é a da maior parte da gente dita primitiva, da África, da Ásia, da América e a Oceânia. E que monumental riqueza a dessas literaturas! [...] Se quiséssemos

5

enunciar por ordem de importância os valores da literatura popular, poderíamos talvez estabelecer a seguinte seriação: estético, pedagógico, filosófico. (Guerreiro,1978:10)

Todas estas reflexões subscrevemos neste trabalho por entendermos que as narrativas de cariz oral e tradicional são tão importantes como outras mais elaboradas, utilizando vocabulário mais sofisticado, mas que, por isso mesmo, não estarão ao alcance de todos. Além disso, enquanto professores, podemos testemunhar que as crianças que crescem com estas histórias, com estes contos e lendas, aprendem a

expandir a sua própria imaginação, constroem a sua personalidade e desenvolvem, igualmente, o gosto pela leitura para que, posteriormente, possam então participar de uma literatura " mais culta".

2.2. A importância da literatura Oral Tradicional enquanto testemunho de uma época, de um povo e suas tradições

Ao longo dos tempos, vários foram os autores que coligiram contos populares e lendas portuguesas: José Leite de Vasconcellos, Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Gentil Marques, Trindade Coelho, Almeida Garrett, José António Gomes, Consiglieri Pedroso, Ataíde de Oliveira, António Mota e Alexandre Parafita foram algumas das fontes de inspiração bibliográfica deste estudo porque investigaram as particularidades da literatura popular, oral e tradicional portuguesa.

Além destes autores, foram igualmente considerados outros estudiosos destas matérias, embora de forma mais generalizada e portanto, não incidindo particularmente sobre a nossa literatura popular, como Bruno Bettelheim, Vladimir Propp, Tzevetan Todorov, entre muitos outros.

Durante muito tempo, a literatura tradicional foi obliterada. Somente com o revivalismo da nacionalidade prescrito pelo Romantismo, o património imaterial ganha importância por toda a Europa, procedendo-se, então a muitas recolhas: "...o interesse pela recolha teve, em Portugal, a sua primeira manifestação em 1824 data na qual Almeida Garrett iniciou os seus projectos coletores. Com o advento do Romantismo, a chamada cultura foi redescoberta, tendo tido o Romanceiro um papel de destaque. (Ferré,2000:67)

O conto popular renasce verdadeiramente no século XVII e passa a merecer a atenção dos intelectuais, a partir do momento em que autores como La Fontaine e Charles Perrault se iniciam na tarefa de coligir e publicar diversos contos populares franceses. Desta recolha fazem parte várias histórias hoje sobejamente conhecidas. É o caso do " Pequeno Polegar", a "Bela adormecida" ou o "Barba azul".

Posteriormente, no século XIX, a Europa assiste à continuidade deste trabalho por parte dos irmãos Grimm, na Alemanha, enquanto Hans Christian Andersen exercia tarefa semelhante na Dinamarca. Em Portugal, é preconizado um trabalho idêntico pelos já referidos investigadores como Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Leite Vasconcellos e Consiglieri Pedroso.

Com efeito, com a voga do Romantismo na Europa, surge o movimento de busca das origens nacionais e de tudo o que lhe possa estar associado. Neste âmbito, todas as tradições naturais e próprias de cada povo, da sua índole, da sua cultura, assumem importância maior. É então que por toda a Europa, diversos escritores procuram inspiração na literatura de tradição oral. Tal foi o caso de Walter Scott, em Inglaterra, Chateaubriand, em França ou Almeida Garrett e Alexandre Herculano, em Portugal. A literatura popular passou assim de um época de quase, ou mesmo total abandono, para assumir um interesse primordial no quadro de um certo revivalismo patriótico, marcando as particularidades de um país relativamente a outro. Todavia, há que ter em linha de conta a universalidade de muitas histórias que sofreram adaptações consoante as realidades dos países que as acolhem e que testemunham assim, a relevância desta "literatura menor" como essencial não só para a formação do imaginário e conseqüente personalidade infantil, como também para a base de conhecimento de regiões e tradições.

6

O gosto por coligir contos, romances e lendas alargou-se a autores como Morais Sarmiento e Trindade Coelho, assim como os outros autores portugueses já aqui mencionados.

Na nossa modesta opinião, o fenómeno que assume maior relevância neste tipo de literatura, é a estreita relação existente entre narrador e narratário, na medida em que no ato de contar, o narrador e ouvinte constituem um todo em que se salienta a entoação e gestualidade e onde é igualmente possível emitir emoções, reflexões não passíveis de veicular pelo texto escrito. De igual modo, as marcas linguísticas³ caracterizadoras destes textos, tornam-nos muito diferentes de um tipo de literatura considerada mais

elaborada, mas simultaneamente, bastante acarinhados e divulgados entre os leitores, pois não podemos esquecer que, durante muito tempo, estas narrativas eram sinónimo de momentos de lazer entre as famílias e gerações.



Capítulo 3 - Conto popular, lenda e mito

Como já constatámos, da literatura popular fazem parte vários géneros e na impossibilidade de tratar todas as características inerentes a cada um, optámos por distinguir conto popular, lenda e mito⁴, registando para isso, as principais diferenças e semelhanças entre estes tipos de narrativa. Porquê estes três géneros e não outros? A razão é simples e cabe na ténue fronteira que separa o mito da lenda e igualmente no facto do corpus por nós escolhido adotar, por vezes, características inerentes ao conto popular.

Esta diferenciação não se revela tarefa fácil, já que, frequentemente, estes tipos de narrativa esbatem as suas fronteiras. J. David Correia prefere considerá-los em conjunto e nomeá-los como "narrativas compósitas (visto que englobam narração, descrição e diálogo)."⁵

3.1. Características dos Contos Populares

Os contos populares consistem em narrativas relativamente curtas caracterizadas pela intemporalidade e imprecisão espacial. Narram episódios considerados interessantes, mas igualmente alicerçados numa estrutura simples e ação curta. O número de personagens é limitado e a sua caracterização vaga e estereotipada. Apresenta uma ampla divulgação em todas as culturas e línguas, razão pela qual um mesmo conto pode ter várias versões adaptadas, consoante o país em que é divulgado⁶.

O conto apresenta uma estrutura interna fixa⁷ onde uma ordem existente é, posteriormente, perturbada e restabelecida por um herói, não sem que antes este tenha ultrapassado uma série de obstáculos. É esse o caso da "Bela adormecida" ou "A bela e o Monstro", entre muitos outros contos tradicionais. A caracterização das personagens é breve, concentrando nos heróis os traços positivos que simbolizam o

³ Textos produzidos oralmente ou por escrito; apresentam-se na forma de diálogo ou de monólogo; estão marcados pela alternância de fala nas formas dialogadas; apresentam grande número de frases não declarativas, isto é, frases interrogativas, imperativas e exclamativas; predomínio dos tempos verbais: presente, traduzindo valor de simultaneidade, e pretérito perfeito, com valor de anterioridade e futuro perifrástico com valor de posterioridade; ocorrência de unidades que fazem referência às coisas que estão ao alcance dos participantes, ao espaço e tempo da interação: pronomes e determinantes demonstrativos e possessivos assim como advérbios de tempo e de lugar; número grande de anáforas pronominais (de 1ª e 2ª pessoa); ocorrência de auxiliares de modo: poder, querer, dever, ser preciso; densidade verbal elevada e densidade sintagmática baixa por um uso muito mais abundante de orações coordenadas em detrimento das subordinadas.

⁴ Cf quadro do anexo A

⁵ Pinto-Correia, João David, prefácio in *O Maravilhoso Popular*, de Alexandre Parafita, Lisboa, 1ªed.Plátano Editora, 2000 p.10 ⁶ Por exemplo, em Portugal, temos o Capuchinho Vermelho, enquanto no Brasil já é Chapéuzinho vermelho. ⁷ Vladimir Propp, na sua obra *A Morfologia do Conto*, considera que o conto apresenta uma estrutura fixa com funções próprias e relativamente estáticas que funcionam como modelos, variando apenas os nomes das personagens de região para região ou de cultura para cultura. Concentra unidades narrativas mínimas.

bem, enquanto os vilões evidenciam todos os aspetos negativos sendo, portanto, sinónimo do mal. O bem e o mal são assim personificados, transmitindo-se sempre os valores morais das ações benéficas, em detrimento das atitudes condenáveis. O objectivo é conduzir as crianças à prática do bem. Nas lendas que nos propusemos analisar, embora não sejam contos populares, esta dicotomia é representada pelo antagonismo mouro/cristão, em que os segundos representam o bem e os primeiros o mal ou mesmo o próprio Diabo. Tal situação é perceptível, por exemplo, pela figura dos "Sete Cavaleiros das Esporas

Douradas" (lendas do norte, nº1) .

Ainda no conto, a caracterização indireta prevalece sobre a direta, visto que é sobretudo pelas atitudes e valores que as personagens revelam o seu caráter, ajudando assim a moldar a personalidade dos mais pequenos.

A estrutura fixa destas histórias manifesta-se nas fórmulas iniciais que remetem para um passado longínquo e incerto: “Era uma vez”, “Há muito, muito tempo”, “ Certo dia”. Com frequência, o povo diz : " no tempo dos reis ", dando a entender que tudo aconteceu há já bastante tempo, mas igualmente que os acontecimentos, provavelmente, tiveram lugar num plano imaginário diferente e não real. Expressões como estas, serão então indício de que tudo se irá passar num espaço irreal e sobrenatural que o ouvinte não controla e, como tal, tudo é possível.

As fórmulas finais são, igualmente, repetitivas: "...e viveram felizes para sempre” ou “...e tudo acabou em bem...” Assim se compreende a imprecisão temporal e espacial destas narrativas que lhes faculta uma certa universalidade pela adaptação a diferentes culturas, povos e contextos.

Os contos tradicionais também se caracterizam pelo seu caráter simbólico, pois pretendem sempre transmitir uma mensagem. Neste quadro de simbolismo, sobressai o número três por significar a perfeição, o beijo porque permite o renascimento, a juventude dos heróis, pois regra geral, os mais novos simbolizam a pureza e a inocência, por oposição aos irmãos ou meio-irmãos mais velhos ou mesmo madrastas (é exemplo o conto da "Gata Borralheira"). As vítimas, donzelas ou crianças infelizes porque maltratadas, são recompensadas acabando por se tornarem poderosas (a pastora bela e incompreendida ou a gata borralheira, desposam príncipes encantados, por exemplo). Em suma, parece existir uma compensação para os nossos sentimentos de inferioridade, provavelmente a recompensa que gostaríamos que existisse no mundo real.

É curioso referir que muito deste simbolismo é passível de ser encontrado também nas lendas: é o caso da simbologia dos números. O número três (na lenda da Moura Cassima são três irmãs encantadas e três pães, supostamente, para as desencantar) que significa a Santíssima Trindade e a perfeição; o sete que pode ser decomposto em 4+3: temos sete anões, por exemplo, também sete cabritinhos e igualmente nas lendas, sete infantes; a brancura (a pomba branca no conto “ As três Cidras do Amor”, mas também “as damas muito brancas” que encontramos nas lendas de mouras).

Também o indício temporal da "meia-noite" (na “ Cinderela”, a meia-noite simboliza o retorno ao mundo real e à sua condição de pobreza e infelicidade) enquanto altura preferencial para um acontecimento importante, está presente nas lendas, significando aí a "hora do entreaberto"⁸ e poderemos ainda considerar uma certa equivalência entre as fadas e as mouras encantadas.

Sendo assim, são muitos os temas tratados nos contos populares que podemos, simultaneamente, encontrar nas lendas, mais precisamente nas narrativas que selecionámos para este estudo. Facilmente nos deparamos com a temática do maravilhoso e do encantamento, do exemplo e religião, assim como da

⁸ Altura em que os seres do outro mundo contactam com os humanos. Nas lendas também pode ser ao meio dia e, muito em especial na noite de S. João.

etiologia. Por todas estas evidências, considerámos relevante dedicar este capítulo à sistematização das características destas narrativas.

Ao longo dos tempos, o conto popular manteve a sua função lúdica preenchendo os tempos de lazer, mas, paralelamente, propõe aos ouvintes modelos de comportamento, transmite os valores e concepções do mundo muito antigas, assim como uma moral, um ensinamento, o modo como todos se deveriam

comportar. A este propósito, Bruno Bettelheim, referindo-se à importância que têm os contos de fadas no desenvolvimento do caráter das crianças e na descoberta da sua própria identidade, afirma na sua obra *Psicanálise dos Contos de Fadas*:

Os contos de fadas, ao contrário de qualquer outra forma de literatura, orientam a criança no sentido de descobrir a sua identidade e vocação e sugerem também quais as necessárias experiências para melhor desenvolver o seu caráter. Os contos de fadas insinuam que uma vida boa, compensadora, está ao alcance de todos, apesar da adversidade, desde que não nos subtraíamos a enfrentar lutas árduas, sem as quais ninguém pode conseguir a verdadeira identidade. Estas histórias prometem que, se a criança tiver a coragem de se embrenhar nesta terrível e esgotante demanda, poderes benévolos virão em seu auxílio e ela vencerá. As histórias advertem também que os que são demasiado timoratos e acanhados para se arriscarem a encontrar-se a si próprios têm de se sujeitar a uma existência insípida – se não lhes for reservada sorte pior ainda. (Bettelheim, 1998:34)

É verdade que durante a sua peregrinação, os contos transformaram-se pela influência do meio, a alteração de certos factos, lacunas que foram preenchidas e novos motivos surgiram, mas a base da criação continua a mesma; as particularidades locais, muitas vezes morais, fornecem ensinamentos fundamentais sobre o povo, em geral, e determinados povos ou comunidades, em particular, e sua maneira de pensar. Sendo assim, a literatura popular, e muito particularmente os contos populares e lendas, constituem um pilar de transmissão de valores aos mais jovens. Esta importância levou a que diversos estudiosos, como já vimos, se debruçassem sobre o estudo deste género de narrativas.

No fundo, o que verificamos, e é essa a nossa motivação quando apresentamos algumas características dos contos tradicionais, é uma certa sobreposição de conteúdos e especificidades que não permitem que as fronteiras entre os vários tipos de textos populares sejam assim tão lineares como inicialmente poderíamos pensar.

3.2. Características das lendas

A lenda consiste no relato de factos ou acontecimentos cuja base é tida como verdadeira e, por conseguinte, é respeitada e transmitida oralmente de geração em geração, pelas populações. É possível localizar geográfica e temporalmente estas narrativas, embora os factos históricos cheguem até nós alterados pelas próprias gentes que os interpretam à sua maneira. Como diz Parafita:

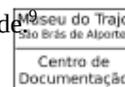
Não raramente, a existência de uma lenda é uma consequência da fragilidade da história, ou dos documentos que a fundamentam. Por isso, muitas vezes nasce num espaço nebuloso da história, procurando complementá-la, ou justificá-la, num quadro de representações do imaginário.

As personagens da lenda são seres bem definidos e bem representados na memória coletiva da comunidade. A lenda surge, por isso, mais histórica e mais verdadeira do que o conto que é, por natureza, mais ficcional. (Parafita, 2006:61)

Posto isto, acreditamos que, na sua origem, a lenda manifesta-se como a expressão daquilo que o povo julga ser sinceramente a verdade. Mas quando terá sido iniciada a narração das lendas? Rúbia Lóssio, estudiosa desta matéria, apresenta a seguinte contextualização para este género popular:

Era de costume nos conventos e mosteiros, desde os primeiros tempos da era cristã, fazer cada dia, à hora das refeições em comum nos vastos refeitórios, a leitura da vida do santo que dava o nome ao dia. Daí o chamar-se ‘lenda’ o trecho a ser lido. A lenda era pois, a biografia dos santos e bem aventurados, feita, ouvida e criada piedosamente como fossem diárias as leituras e pudessem faltar as biografias, foram sendo compostas ou acrescentadas com as ações que a fé ardente dos autores atribuía a seus heróis. Não pode haver lenda sem sinceridade e simpleza no coração. Em todos os casos, ainda quando reconhecida depois como fabulosa, a lenda foi

sempre na sua origem - e não podia deixar de sê-lo – a expressão naquilo que ele julga sinceramente a verdade



Obviamente que a intensidade religiosa foi contaminando estas lendas com acrescentos ou supressões¹⁰ e, com o passar dos séculos, passou a integrar a vida profana através de inúmeras narrativas populares. Estas teriam os seus fundamentos em factos históricos, ou tentativas de explicação histórica contadas à maneira oral, popular e tradicional. Dito por outras palavras, a história dos homens seria "ornamentada" de acordo com os povos, crenças e até localidades. Assim se explica as diferentes versões de uma mesma lenda. Neste âmbito, o herói é sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo e embora com personagens mais modestas do que os contos, as lendas integram o aparecimento de mágicos, fadas, bruxas, mouras que influem nos destinos humanos. Trata-se de relatos de factos ou acontecimentos tidos com um fundo verdadeiro e, por isso, acabam por ser o contar da História de Portugal pela voz do povo, pois os temas simbolizam as suas aspirações e acabam por preencher a lacuna que a História não conseguiu explicar.

Tal como acontece com os contos, temos vários tipos de lendas, consoante o assunto visado e neste ponto são também vários os autores que apresentam diferentes classificações. A autora que referimos há pouco, Rúbia Lóssio, no seu estudo intitulado Folkcomunicação, apresenta a classificação das lendas sugerida por Susana Chertudi e igualmente pela Internacional Society for Folk-Narrative Research, e que consiste no seguinte:

1- Lendas etiológicas e escatológicas

2- Lendas históricas e lendas histórico-culturais

- a) origem de lugares e bens culturais;
- b) lendas relativas a localidades;
- c) lendas relativas à pré-história e à história dos primeiros tempos;
- d) guerras e catástrofes;
- e) personalidades destacadas;
- f) infração de uma ordem.

3- Seres e forças sobrenaturais: lendas míticas

- a) o destino;
- b) a morte e mortos;
- c) lugares encantados e aparecimentos de fantasmas;
- d) procissões e lutas de fantasmas;
- e) estadia noutra mundo;
- f) espíritos da natureza;
- g) espíritos de ambientes culturais;
- h) seres metamorfoseados;
- i) o diabo;

⁹ Lóssio, Rúbia, Lendas: Processo de Folkcomunicação, consultado em http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Lendas:_Processo_de_Folkcomunica%C3%A7%C3%A3o, a 6 de Agosto de 2012

¹⁰ No corpus que pretendemos analisar, é facilmente identificado "o cunho da igreja" quando ao mouro se atribui tudo o que é maléfico e, portanto, sinónimo do próprio diabo. Já ao cristão tudo é desculpável, uma vez que as maldades que leva a cabo são em nome de Deus.

- j) demónio da doença e das enfermidades;
- k) pessoas que possuem dons e forças sobrenaturais/mágicos;
- l) animais e plantas míticas;
- m) tesouros.

4- Lendas religiosas: mitos de deuses e heróis (Chertudi, 1978:165-173)

É aparente nesta classificação a sobreposição temática que existe entre lendas e mitos, sendo que esta última forma textual será abordada no subcapítulo seguinte. Aliás, lenda e mito parecem caminhar a par, pois as suas fronteiras são demasiado frágeis. Mesmo quando tentamos incluir as lendas de mouros, mouras e mourinhos encantados, não podemos inseri-las apenas numa destas categorias, pois recorrentemente apresentam características de diferentes ordens.

Na senda de outras definições, encontramos a de Luís da Câmara Cascudo afirmando o seguinte:

As lendas são episódio heróico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antigüidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço...(Cascudo,1976:348)

A lenda foi sempre a expressão daquilo que se julga ter um fundo verdadeiro, mas, simultaneamente, foram-lhe constantemente associados elementos maravilhosos e sobrenaturais, pelo que falamos de textos que existem em todo o mundo, independentemente das sociedades serem mais ou menos organizadas.

3.3. Características do mito

Não é fácil distinguir o mito de outras formas narrativas, nomeadamente da lenda, pois, frequentemente os conteúdos e enredos são similares. As comunidades em que se inserem, aceitam-nos como histórias verdadeiras, mas o mesmo acontece com as lendas, isto é, para as populações a que dizem respeito, as histórias narradas aconteceram realmente. Na sua obra, *O Sagrado e o Profano*, Mircea Eliade considera que:

O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, ab initio. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores. [...] A função mais importante do mito é, pois, “fixar” os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação etc. Comportando se como ser humano plenamente responsável, o homem imita os gestos exemplares dos deuses, repete as ações deles, quer se trate de uma simples função fisiológica, como a alimentação... (Eliade, 1992:50)

De facto, parece-nos que a principal característica do mito será o relato de histórias de deuses e semi deuses referente aos primórdios da humanidade. Muitas destas narrativas míticas explicam a origem de certas comunidades, por isso, certamente que todos os povos terão os seus próprios mitos. Uma outra característica das narrativas míticas é a sua ligação aos rituais, ou seja, o mito manifesta-se muitas vezes através de rituais, já que este último confere significado ao primeiro, no sentido em que o materializa. Particularizamos aqui este argumento, exemplificando-a através de narrativas e costumes ligados às mouras e mouros, já que é a essência deste nosso estudo. A festa da "Mourama", em Torre de Dona Chama:

... reúne um rei cristão e um rei mouro numa celebração litúrgica, retratando um assalto do povo à torre, o roubo dos burros dos mouros e por fim o confronto entre cristãos e mouros e a expulsão destes – assume, com toda a

nitidez que todo o fenómeno simbólico permite, o sentido de um mito, que nos remete para um tempo primordial, o tempo da «criação» de uma comunidade, capaz de induzir uma visão prospetiva do seu universo cósmico. (Parafita, 2006:106)

Temos então o mito enquanto expressão do tempo, lugar e função do homem. No fundo, ficamos com a

ideia de que os mitos não têm necessariamente que conter lendas, mas estas, por vezes remetem para mitos.

Particularizamos novamente com lendas do nosso corpus. Nas lendas sulistas, encontramos reis mouros levando a cabo rituais para encantar as próprias filhas, ora, se o mito contém rituais, então podemos dizer que, neste sentido, estas lendas aludem a possíveis fundos míticos.

Os mitos apresentam-se fortemente ligados ao sagrado, independentemente das religiões adotadas pelas sociedades em que se inserem. Dizemos "sociedades" porque nos parece que estas narrativas caracterizam realmente mais as sociedades do que as comunidades. A necessidade de mito será universal, a sua concretização é distinta de sociedade ou civilização para sociedade / civilização.

Na medida em que os mitos têm uma função explicativa, isto é, tentam encontrar explicações prováveis para a origem de diferentes realidades ou situações, podemos ter diferentes tipos de mitos, à semelhança do que sucede com as lendas.

Victor Jabouille, no seu livro *Iniciação à Ciência dos Mitos*, defende a seguinte tipologia:

- Mito teológico – relata o nascimento dos deuses, os seus matrimónios e genealogias;
- Mito cosmogónico – debruça-se sobre a criação e o ordenamento do mundo e os seus elementos constitutivos;
- Mito antropogónico – apresenta a criação do homem;
- Mito soteriológico – apresenta o universo da iniciação e dos mistérios, das catábases e dos percursos purificadores;
- Mito cultural – narra a atividade de heróis que, tal como Prometeu, melhoram as condições do homem;
- Mito etiológico – explica a origem das coisas e das pessoas; pesquisa as causas por que se formou uma tradição, procurando em especial encontrar episódios que justifiquem nomes;
- Mito naturalista – justifica miticamente os fenómenos naturais, telúricos, astrais, atmosféricos;
- Mito moral – relata as lutas entre o Bem e o Mal, entre anjos e demónios, entre forças e elementos contrários;
- Mito escatológico; descreve o futuro, o homem após a morte, o fim do mundo (Jabouille, 1994:39)

Ainda segundo este autor, o que o homem pretende do mito é:

Uma resposta teológica às suas aspirações, uma compreensão mais vasta que o íntegro, de uma forma sacral, no macrocosmo a que pertence e simultaneamente, um encontro consigo próprio e com a divindade, encontro que lhe traga a Paz e a Fé. Mas também uma integração social, uma personalização da sociedade circundante, um dimensionamento microcosmático do Universo; inversamente, uma generalização, uma socialização dos seus problemas individuais, uma projeção do ego numa escala dimensionada cosmicamente, uma compreensão do SER que não passa apenas pela via ontológica. O mito pode ainda assumir uma dimensão histórica: nele o homem reconhece as suas origens, as suas tradições, e esta perspetiva pode tornar-se nacional. Ao encontrar-se com o passado, ao integrar-se num fluido temporal e existencial definido, é também a si que o homem se encontra. (Jabouille, 1994:17)

Com efeito, não é por acaso que muitos relatos são iniciados pela expressão «Naquele tempo...», é a referência ao tempo primordial "in illo tempore", "o começo do Mundo", o tempo da origem. Neste sentido, é inevitável que pensemos nas culturas consideradas clássicas, como a helénica e romana, mas também em outras, como as tradições e rituais celtas, pois todos partilham a necessidade de utilizar o mito para explicar a origem do mundo, a razão de ser de todo o universo. Para cada fenómeno cosmogónico ou

antropogónico, era necessário encontrar a razão de ser. Assim surgem os deuses, independentemente dos nomes que possam ter. A eles é atribuído o poder de criar, transformar ou destruir o mundo e o homem, de acordo com a sua vontade e a narração desses feitos é veiculada pelo mito, daí este ser universal, apesar

de se concretizar de modo específico em cada cultura.



3.4. Lenda vs Mito vs Conto

Numa tentativa de diferenciar lenda de mito e conto, e já vimos anteriormente que esta é uma tarefa árdua, podemos dizer que estes três tipos de narrativa têm em comum o facto de terem a sua génese numa determinada comunidade, de serem transmitidos inicialmente pela palavra falada e, posteriormente, pela palavra escrita. Apresentam, todavia, algumas diferenças: enquanto o mito se centra numa tentativa de explicação das preocupações do homem face ao universo e a si próprio, e como tal, o homem passa a tê-lo para si como verdades, o conto caracteriza-se fundamentalmente pela sua componente fantástica e função moralizante.

Quanto à lenda, é a componente imaginária e fantástica que a aproxima do conto, pois neste como naquela é factor determinante. Mas a lenda não pretende moralizar. Tem como objetivo explicar determinado acontecimento, nome ou situação. Todavia, é facilmente confundida com o mito, especialmente quando se trata de lendas hagiográficas ou toponímicas e igualmente devido aos aspetos simbólicos e ritualistas.

As lendas são narrativas que enfeitam e caracterizam um lugar, acompanhadas de mistérios, assombrações e medo. Não se sabe ao certo como nasceram e criaram as lendas. Elas acompanham fatos e acontecimentos comuns, ilustrada por cenários exóticos e de curta extensão. Muitas vezes são fatos verídicos acrescentados de novos dados ou até mesmo recriados. Podendo ser muito confundida com o mito.¹¹

Embora estes dois géneros possam estar relacionados com acontecimentos de um passado distante e fabuloso, diferem nas personagens. Os mitos, em regra, têm os deuses, semideuses e heróis como protagonistas, enquanto as lendas têm, geralmente, homens comuns que, por uma razão ou outra, se notabilizaram e cujos feitos deram origem a narrativas. O mito encerra em si, para além da tradição popular, à semelhança da lenda, relatos de aparições sobrenaturais, bem como uma enorme religiosidade e compreende pelo menos três funções: "Les trois fonctions qu'on lui reconnaît traditionnellement: sa fonction narrative (le mythe raconte), sa fonction initiatique (le mythe révèle), sa fonction étiologique (le mythe explique) ..." (Walter, 2011:11)

No nosso entender, a lenda poderá aludir a vários mitos. Tomemos aqui como exemplo as lendas das mouras encantadas, corpus deste nosso estudo. Encerram nelas próprias, ou têm subjacentes, mitos ligados à fertilidade, à terra mater, oriundos de povos ancestrais. A provar esta tese, temos as inúmeras fontes, águas, veneração à vegetação ou retribuição de figo e outros bens aos humanos que cumprem o acordo com as mouras. O mito tem origem num espaço nebuloso entre a realidade e a fantasia, ganhando uma significação especial adaptada às diferentes comunidades. Assim nasce também a mitologia dos mouros e mouras em espaços noturnos e subterrâneos.

Na lenda, tal como no conto, existem funções e a cada uma corresponde uma personagem diferente divergindo, igualmente, a organização das unidades narrativas. São narrações tradicionalmente fantásticas

¹¹ Lóssio, Rúbia, Lendas: Processo De Folkcomunicação, consultado em http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Lendas:_Processo_de_Folkcomunica%C3%A7%C3%A3o, a (6 de Agosto de 2012)

e alegóricas, recorrendo ao maravilhoso e, ao contrário dos contos populares que se caracterizam pela intemporalidade, as lendas são passíveis de uma localização precisa em pessoas, épocas e locais

determinados, portanto, encerram marcas espaço-temporais bem definidas. No entanto, esta definição não é assim tão linear, já que existem lendas onde a localização espacial fica ao critério do narrador, aproximando-se assim da indefinição geográfica do conto. Quanto aos heróis, estes, ao contrário do que acontece no conto, aparecem bem identificados.

Contrariando a ideia de que não serão textos suficientemente importantes para serem considerados literários, as lendas têm origens bastante antigas e despertam o interesse não só dos que as leem, mas também de muitos estudiosos, pois "...deve ser entendida como um relato transmitido por tradição oral de factos ou acontecimentos encarados como tendo um fundo de verdade, pelo que são objecto de crença pelas comunidades a que respeitam. É, por isso, a história de um povo narrada pelo próprio povo..." (Parafita,2012:80)

À semelhança da lenda, o conto apresenta reduzido número de personagens, concentração do espaço e do tempo (embora estes elementos, como já vimos, não apareçam bem definidos). A ação é simples e decorre de forma mais ou menos linear, sendo o narrador, geralmente, não participante. Em termos conteudísticos, o conto apresenta um carácter simbólico, universal e intemporal. Ambos os textos fazem parte de um universo cultural que tem como suporte a tradição oral de um povo, procurando deleitar, entreter ou educar os seus ouvintes. Têm uma origem anónima e refletem os mais variados sentimentos da alma de um povo, os seus hábitos, usos, costumes, vícios e índole. Na realidade, são resultado de uma criação coletiva, dado que cada "contador" lhes introduz inevitavelmente pequenas alterações. Ora, aqui se aplica o provérbio "Quem conta um conto, acrescenta um ponto".

Capítulo 4 - As Mouras: hipóteses de origem e transmissão

Pensa-se que a ideia de um ser ou entidade semelhante ao caráter das atuais mouras das nossas lendas, remonta a tempos tão antigos como a pré-história, tendo crescido e enriquecido através dos tempos e dos vários povos (Lusitanos, Celtas, Romanos, Godos, Árabes e Berberes) que passaram pelo território que é hoje Portugal, acontecendo o mesmo em tempos pré-romanos, assim como nas lendas irlandesas e na mitologia basca.¹² Neste sentido, certamente não será despropositado pensarmos que as lendas de mouras encantadas, terão a sua origem em mitos veiculados por povos indo-europeus (Celtas, Lusitanos, etc.), que, posteriormente, foram modificadas até se adaptarem e miscigenarem com a memória da presença árabe.

Parece-nos assim pertinente falar em duas espécies de mouras: as que realmente têm origem muçulmana ou alguma base histórica e que estarão diretamente ligadas à presença árabe no nosso território, e as que adquirem a denominação de "mouras" ou "moiras", sem que nada tenham que ver (ou muito pouco) com uma eventual nacionalidade / etnia. É assim designada, no fundo, uma personagem sobrenatural, desconhecida e poderosa que, na verdade, poderia ter qualquer outro nome e que facilmente encontra equivalentes noutras culturas, tradições e povos. Isto mesmo já era mencionado por Martins Sarmento: "Ora na Irlanda os Tuatha de Danann representam exactamente o mesmo papel que os mouros nas nossas tradições populares." (Sarmento, 1990:2).

Como constatamos, várias são as teorias e as hipóteses, pelo que não podemos precisar a origem desta personagem, mas sabemos que já eram referidas na antiguidade clássica, pois disso nos dão conta os poetas greco-romanos. Na Grécia antiga, eram denominadas moiras e decidiam o destino dos homens tendo mesmo um estatuto superior aos próprios deuses, na medida em que ditavam a sorte destes, à semelhança do que faziam com os humanos. Funcionavam como um trio designado por Klothes¹³ e várias são as histórias que sobre elas são narradas¹⁴. Mas quem eram estas moiras? Falamos de três irmãs: Cloto, que em grego significa "fiar"¹⁵, segurava o fuso e tecia o fio da vida, atuando também como deusa dos nascimentos e partos; Láquesis, que em grego significa "sortear", dedica-se à tarefa de puxar e enrolar o fio tecido, distribuindo a cada um a própria sorte; Átropos significa "afastar" em grego, cortava o fio da vida, isto é, representa a própria morte. Eram estas três irmãs que determinavam o destino. Três mulheres fúnebres¹⁶, responsáveis por tecer, através da roda da fortuna, e cortar aquilo que seria o fio da vida de todos os indivíduos. "Moira" era sinónimo de "parte" e tratava-se de um vocábulo derivado do verbo "meiromai" (dividir). A moira seria então a deusa distribuidora das partes e o nome mais comum para designar o Destino. No fundo, tratava-se da personificação de abstrações a que o humano comum não conseguia responder. Assim, a ideia que inicialmente poderíamos ter de que as mouras surgiram apenas aquando das invasões árabes na Península Ibérica, e de que esse mesmo simbolismo só se terá iniciado nesse período e neste local, rapidamente se desvanece quando aprofundamos a temática em causa. É certo que esta terá sido uma época determinante tanto em termos históricos como para a influência desta figura

¹² Aí, os mairu (mouros), são gigantes construtores de dólmenes e cromeleques.

¹³ Curioso é constatar que nesta cultura, as moiras eram grisalhas, ao contrário das nossas belas e sedutoras mouras encantadas

¹⁴ Dizia-se que elas presenciaram o nascimento do herói Meleagro em casa do rei Eneu e uma destas moiras profetizou que a criança seria de natureza nobre, outra profetizou-lhe a condição de herói enquanto a última profetizou que ele viveria apenas enquanto durasse o tronco de árvore que, naquele momento, se achava no fogo. Ouvindo isso, a mãe, Atléia, salvou o tronco das chamas. Dizia-se também que, das três, a mais velha seria a de menor estatura, mas, ainda assim, a mais poderosa.

¹⁵ Podemos estabelecer aqui uma comparação com as nossas mouras encantadas fiandeiras.

¹⁶ Diferentes das nossas mouras encantadas que são belas e jovens.

menosprezar a influência e destaque que já detinham na cultura grega arcaica, assim como as ~~nouras~~ culturas primitivas.



Também na cultura romana encontramos alusão a estas personagens denominadas "Fatae" ("aquelas que falaram") e as "Parcae" ("aquelas que fazem parir"), deusas fatais da religião romana. Estas últimas têm equivalência nas nossas lendas, pois temos as mouras – parteiras e igualmente as parturientes. Durante a Idade Média, apesar de se tratar de um período católico, perduraram vários elementos anteriores ao cristianismo e outros foram assimilados pela igreja como forma de evitar a propagação de procedimentos pagãos. Receia-se tudo o que é sobrenatural e obscuro, possivelmente fruto de uma religiosidade extrema ou da falta de explicação do homem para certos fenómenos naturais. Philippe Walter, no seu livro *Mythologie Chrétienne* explica estas crenças:

Au Moyen Âge ces rites et ces croyances constituaient le langage naturel d'un peuple qui ne lisait pas la Bible. Ils lui servaient de cadre pour penser le monde et le sacré. L'essentiel de cette matière mythique provenait en fait de la mémoire «sauvage» des peuples européens et put s'incorporer, grâce à l'Église. À la lettre et à l'esprit de la Bible. (Walter, 2011:10)

No que respeita a aparição de entes sobrenaturais, inserindo-se aqui as mouras encantadas, é realmente durante este período considerado sombrio, que estes seres adquirem maior divulgação, pois tudo aquilo a que o ser humano não conseguisse dar explicação, teria certamente uma resolução mítica do além. Surgem assim as referências às fadas, especialmente na literatura cortesã florescente nesta época, novelas de cavalaria do Ciclo Arturiano, tendo por base textos - fonte de origem céltico - bretã, destacam o amor mágico e imortal vinculado às figuras de fadas como Morgana e Viviana, evidenciando o status social elevado das mulheres na cultura celta. Aí possuíam uma ascendência e um poder muito maiores do que entre outros povos contemporâneos ou mesmo posteriores.

Embora com características e denominações diferentes, a Europa (e possivelmente todo o mundo) sempre foi considerada como sendo habitada também por seres fantásticos de índole sobrenatural, que, consoante a sociedade a que dizem respeito, assim adquirem características diferentes. É por isso que chegamos às nossas mouras, como diz Leite de Vasconcelos: "As moiras são mais nossas..." Pelo que já vimos, a alusão e importância atribuída a estas personagens, vem de épocas muito antigas e remotas, mas no território português adquiriram um rosto novo onde se misturam características e influências da mitologia mais antiga, assim como particularidades desenvolvidas pela longa permanência muçulmana na Península Ibérica.

Pensa-se também que o vocábulo "moira" poderá derivar da palavra celta *mrvos*, significando «morto» mas também não se pode descurar algumas parecenças entre as mouras e as sereias que enfeitiçam os homens ou com as fadas dos contos tradicionais. São inúmeras as comparações possíveis entre os vários entes sobrenaturais existentes em todas as culturas europeias desde as épocas mais ancestrais. Fernanda Frazão, no seu livro *Portugal, Mundo dos mortos e das mouras encantadas*, insere as mouras no grupo de "seres do além", na medida em que se trata de uma personagem de ligação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

Na verdade, qual a razão para a moura surgir encantada? Por que não apenas "moura"? É nossa convicção que tudo se resume à necessidade humana de acreditar em algo e, simultaneamente sentir-se atraído pelo mistério e inexplicável. É neste contexto que as mouras adquirem maior preponderância relativamente aos mouros e mourinhos. Com efeito, nesta nossa pesquisa, encontrámos muito menos referências a estas últimas personagens que às primeiras. A moura é, de facto, a protagonista e surge

encantada para não ser "demasiado real" de modo a alimentar a curiosidade humana. Além disso, esta encantada e nunca morta porque é a projeção de uma crença de que existirá um além, isto é, uma vida para além da morte. O ser humano precisa de ter esta ideia para dar sentido à sua própria vida. Trata-se de uma esperança dos vivos para uma outra vida que estas mouras sugerem. Aliás, se quisermos comparar esta crença pagã com a religião católica, facilmente concluímos que a ressurreição de Cristo transmite a mesma ideia: " En ressuscitant d'entre les morts, le Christ donne aux hommes l'espoir de la vie éternelle, puisque la mort n'est plus une fatalité aboutissant au néant." (Walter,2011:108)

Nos corpora que escolhemos, as mouras podem facilmente ser associadas a fadas, pois surgem encantadas em serpentes de longos cabelos louros, penteando-se com pentes de ouro, formosas e sedutoras. Também à semelhança das fadas que concedem desejos, as mouras concedem recompensas a quem as desencantar. Mas o problema é exatamente esse: raros são os casos de lendas em que as mouras são desencantadas e isso pode significar duas coisas: em primeiro lugar, a impossibilidade da união entre o além e o terreno; em segundo, porque historicamente também nunca foi possível o entendimento entre os muçulmanos e os cristãos.

São muitas vezes consideradas alterações de mitos pagãos e além da possível associação com as fadas e as sereias, nas suas características mais nefastas, as mouras podem apresentar alguns pontos em comum também com as bruxas e feiticeiras da Idade Média, facilmente associáveis ao diabo, especialmente no que respeita a magia por estas utilizada. Não nos esqueçamos que recorrentemente, as mouras sofrem processos de metamorfose e são perfeitamente capazes de transformar rochas em palácios ou figos em ouro. Já os mouros demonstram muito mais o seu poder pela prática de encantamentos ou pela força demonstrada nas construções.

Por outro lado, não podemos deixar de considerar curiosa a possibilidade de associação entre as mouras e a figura da Virgem. Aparentemente antagónicas, já que as primeiras farão parte de um mito pagão e a segunda constitui o símbolo da cristandade, parecem por vezes confundir-se. Philippe Walter vai um pouco mais além mencionando uma "Virgem negra", possivelmente uma simbiose ou equivalência entre ambas as crenças religiosas:

Le personnage mythique de Sara [la vierge noire] doit lui – même être replacé dans tout ce contexte folklorique de croyances relatives aux fées. Sara, la noire est ce que le folklore appelle une Sarrasine. Ce n'est pas nécessairement une femme arabe; c'est d'abord et avant toute une créature chthonienne, féérique, à l'instar de celles qui hantent les sites traditionnels de l'Autre Monde... (Walter, 2011:175)

É evidente que não pode ser esquecida alguma fusão entre paganismo e cristianismo, pois a igreja inseriu-se numa cultura pré-cristã onde já existiam mitologias diferentes de cultura para cultura, de povo para povo. Tudo aquilo que em que as populações acreditavam, o cristianismo integrou, isto é, tornou-o católico.

Particularizando um pouco, no sentido de acompanhar as mouras das lendas lusitanas, é realmente espantoso o facto de existir alguma semelhança e confusão entre as mouras e Nossa Senhora, pois não podemos deixar de considerar as parecenças evidentes entre as duas figuras que algumas lendas ostentam: ambas têm a pele muito clara, alva, quase branca, ainda que se saiba que os mouros, segundo o conceito histórico, são muito mais escuros, apresentam-se envoltas num mistério extremo e possuidoras de uma beleza fora do comum. Talvez o elemento que mais as distingue seja o facto de Nossa Senhora surgir como elemento muito mais religioso e, claro, intimamente ligada ao cristianismo, enquanto a moura aparece envolta num misto de mistério e sedução, representando a religião muçulmana. O que significará, na verdade, esta parecença entre a moura, figura muçulmana, e Nossa Senhora, figura cristã? Períodos de

paz histórica entre ambos os povos? O mistério que estas figuras femininas sugeriam aos cristãos da época, pelo facto de habitarem castelos inatingíveis e falarem uma língua que os cristãos não entendiam? Não sabemos, mas não abandonamos estas hipóteses.

Capítulo 5 - A imagem das mouras, mouros e mourinhos encantados em Lendas do norte e sul de Portugal

O homem primitivo, com a sua imaginação fecunda e a sua ignorância das leis que regulão os phenomenos physicos, tinha tendência para considerar como outras tantas individualidades humanas, embora sui generis, tudo aquilo a que elle attribuia movimento ou vida,—a ágoa, o vento, a nuvem, o astro, a planta, o animal, o lume, a sombra fugidia...; mal differenciava o sonho da reahdade, a morte do sonho ou do delíquio, a vida da morte; attribuia muitas vezes á simples successão no tempo uma relação necessária de causalidade; tomava não raro o nome pela cousa nomeada: d'aqui resultou o povoar o universo de entidades superiores e mysteriosas, da vontade das quaes julgava que elle próprio e a natureza estavam dependentes em certos casos, e as quaes por isso precisava de invocar ou de esconjurar, conforme as circunstancias. E isto a religião. (Vasconcellos, 1807:96)

Em capítulos anteriores, tentámos fazer uma distinção entre lenda e mito e constatámos que a fronteira é muito ténue. Tal acontece porque na lenda, assim como no mito, as entidades divinas e as crenças dos povos, formam o nosso sentido mitológico. A mitologia existiu desde os primórdios da humanidade, acompanhando a necessidade do homem dar explicações plausíveis a tudo aquilo que estava fora do seu alcance e que não conseguia esclarecer de forma fácil e minimamente lógica para os seus sentidos. Neste âmbito, os próprios elementos da natureza eram divinizados porque o ser humano não os conseguia controlar nem explicar. Julgou então que ao atribuí-los a entidades mitológicas, ser-lhe-iam mais compreensíveis. De resto, todos os povos têm sentido esta necessidade. Aconteceu na pré-história, com os celtas, com os druidas, mas a mitologia grega é, provavelmente, a que maior destaque alcançou.

Sobre este assunto, várias teorias poderemos encontrar. Para os pré-socráticos, por exemplo, a vida provinha da água e os próprios deuses gregos dividem-se em ctónicos e olímpianos, embora, é certo, frequentemente invadam os espaços uns dos outros, originando, consequentemente, uma certa confusão. A tentativa de explicar “os caprichos” da natureza não acaba com os gregos. Muito embora esta ideia, de alguma forma, tenha evoluído, facilmente encontramos vestígios nas lendas de mouras encantadas: a norte, por exemplo, as pedras e penedos sugerem muitas vezes figuras incompreensíveis atribuídas aos mouros, ao diabo ou qualquer outra personagem sobrenatural, assim como o surgimento inexplicável de água numa rocha pode originar um qualquer culto ritualista suscetível de se transformar numa lenda. Neste âmbito, um ponto que consideramos da máxima importância para a compreensão deste estudo, convém destacar: o imaginário popular reserva para si duas espécies de mouras, mouros e mourinhos encantados. A primeira (não necessariamente por esta ordem) diz respeito a uma vaga ideia do "outro", conceito de alteridade que engloba os povos primitivos invasores das suas regiões e que viveram muito antes dos muçulmanos. É por isso que grande parte dos locais onde as mouras se revelam aos humanos, é um espaço de culto, o que testemunha, simultaneamente, uma religiosidade primitiva e um certo paganismo. Nestes casos, não podemos falar das mouras enquanto pertencentes ao povo muçulmano, mas sim de mouras enquanto resquícios de uma memória de um "outro" que habitou "por estes lados". Assim podemos explicar os cultos a elementos pertencentes à natureza, prática nunca bem vista pela igreja, que condenou muitas das crenças enraizadas nas populações, como devoção a pedras, a fontes a plantas, animais, rios e água em geral, etc. Esta veneração não constitui uma novidade, pois sabe-se, por exemplo, que os celtas não construíam templos para a adoração de seus deuses, utilizavam para isso, altares em

bosques e consideravam determinadas árvores sagradas. Enfim, locais característicos e presentes nas lendas das mouras encantadas.

Muitos autores acreditam que os vocábulos " mouro" e " pagão" são muitas vezes confundidos uma vez que o termo e referentes ligados a este último, já existiriam muito antes da invasão muçulmana na Península Ibérica. Martins Sarmiento defende essa ideia nas seguintes palavras:

As tradições populares, a que anda ligado o nome de mouros, são alguns séculos mais velhas que a aparição dos mouros (árabes) na Península; ou, para tirarmos a esta afirmativa o seu ar paradoxal, o nome dos mouros intrometeu-se sub-repticiamente num corpo de tradições, que estavam formadas, muito antes da invasão árabe na Espanha. (Sarmiento,1881:105)

Também Gentil Marques, citando Leite de Vasconcellos, partilha da mesma ideia: " O povo, cuidando que antes dos mouros ninguém existia, serve-se da palavra «mouro» para designar, não só os monumentos arruinados, mas também os que oferecem uma aparência estranha" (Marques,1999: 5). Sendo assim, acredita-se que "mouro" pode designar não só os sarracenos propriamente ditos, como todos os que fossem pagãos e, de alguma forma, pusessem em causa a soberania da igreja católica. Por isso, o termo "moira" ou o masculino "moiro", pode ser utilizado para designar" morte" ou " infiel". A segunda espécie diz respeito às "nossa mouras" muçulmanas e, a nosso ver, adquire uma relevância muito maior. Nas palavras de Leite de Vasconcelos: " Moiras encantadas são seres obrigados, por força oculta, a viverem em determinado local até que alguém lhes quebre o encanto." (Vasconcellos,1938:496) O mesmo autor, citando Bernardo Pereyra, afirma:

...as mouras encantadas, cujas almas dis a opinião popular estão alli guardando essas opulências até que haja pessoaa, que tenha resolução de as descobrir, a quem apparecer, ou em forma de molher, ou de cobra, e se o cazo descobrirem o segredo, se lhe dobra o encantamento, e perdem esses thesouros, que se transformam em carvões, tijolos, areias, etc. (Vasconcellos,1938:497)

As mouras encantadas, os mouros gigantes, construtores de megalitos, os mourinhos, entes pequenos comparáveis aos "elfos" e "duendes" britânicos, são prova da grande tradição mítica, oral e tradicional que polvilha toda a Europa. É provável que, numa época ainda sem fronteiras bem definidas, as diferentes culturas se influenciassem mutuamente, mas a verdade é que independentemente das origens, e para os que consideram a literatura popular "marginal", aqui está uma prova do seu testemunho e riqueza histórica, ao perpetuar, no tempo e nas mais diversas sociedades, os entes fantásticos, figuras sobrenaturais, crenças, religiosas ou não, mas testemunhos inegáveis das vivências dos diferentes povos, especialmente do espaço europeu.

Cingindo esta temática às nossas mouras, mouros e mourinhos encantados, encontramos-los por todo o país, sendo óbvia a sua relevância a norte e a sul. A sua imagem surge das mais diferentes formas, mas a metamorfose em serpente é "muito apreciada" pela moura. Aliás, este animal, talvez pela sua ligação ao simbolismo da iniciação, aparece em várias culturas e em várias épocas. A este propósito, considerámos muito interessante a seguinte lenda, que embora não seja de mouras ou mouros, transmite uma belíssima ideia da influência cristã no espírito medieval, assim como do simbolismo da serpente ou cobra em diferentes culturas e religiões: " A tradição popular cristã mantém a crença de que, quem não for em peregrinação a Santiago de Compostela, em vida, irá depois de morto como alma penada..." (Parafita,2006:35) e, por isso:

Certo dia, quando um homem ia cumprir uma promessa a Santiago de Compostela, ao passar perto de S. Vicente da Raia, encontrou uma cobra. E logo ali a matou, cortando-a em três bocados. Acontece que, após este ato

19

o homem não pode continuar o seu caminho. Não conseguiu dar nem mais um passo para a frente. Só para trás. Foi então à povoação mais próxima falar com um padre, a quem contou o sucedido. E este disse-lhe que voltasse ao lugar onde matara a cobra, que ligasse os três bocados, pois que ela era uma alma que ia para Santiago de Compostela cumprir uma promessa que não tinha cumprido em vida. O homem seguiu o conselho do padre, foi ao local, ligou os três pedaços da cobra, e viu-a depois seguir calmamente o seu caminho, arrastando-se por entre as fragas da serra, na direcção da Galiza. (Parafita,2006:35)

À semelhança de outros entes do além, os mouros encantados, entram em contacto com o mundo dos vivos às horas do "entreato" ¹⁷, isto é, à meia-noite, meio-dia ou noites de S. João. Temos aqui a importância dos solstícios, tal como já acontecia em povos ancestrais, portanto prova da amplitude destas crenças e ligação entre costumes e tradições. É nestas ocasiões que mourinhos, mouras e mouros encantados atraem os mortais para o seu espaço do além. Referimos aqui um exemplo através da seguinte lenda que considerámos curiosa e muito interessante:

... em Querença, Algarve, numa cova, chamada Cova dos Mouros, a tradição afirma aí estar um mourinho encantado. Perto, uma pedra é apontada como sendo uma estátua de mulher que se diz ser uma moura encantada. «À meia-noite em ponto e ao meio-dia em pino, abre os olhos e, nesse momento, ouve-se chorar uma criança no fundo da cova», pois, segundo, acrescenta Ataíde de Oliveira, só a essas horas lhes é permitido entrar no mundo real. (Frazão,2009:27)

Mas o imaginário popular distingue as mouras, dos mouros e mourinhos encantados, isto é, não tem a mesma opinião sobre todas estas personagens. Como afirma Alexandre Parafita: "As moiras, segundo a literatura popular, eram mulheres belas, sedutoras, e, geralmente, bondosas e suplicantes, ao contrário dos moiros, habitualmente ferozes e sanguinários." (Parafita,1999:70)

Após uma minuciosa leitura de várias lendas de diversas zonas do país, rapidamente nos apercebemos das diferenças que contrapõem estas narrativas, pois se é certo que o encanto e os tesouros constituem temáticas assumidas como denominadores comuns, não menos correto será afirmar que os mouros, mouras e mourinhos encantados não são vistos da mesma forma em todas as regiões. Acentua-se essa diferença quando comparamos lendas do norte e sul de Portugal, tarefa a que nos propusemos neste nosso estudo.

5.1. A imagem das Mouras

...a moura tem exercido singular fascinação no espírito do nosso povo. Há determinadas afinidades entre as fadas e as mouras, como entre as fadas e as sereias. Mas estas não são verdadeiramente nossas. Vieram de fora para dentro. Ao passo que as mouras – mais propriamente as mouras encantadas – ficaram agarradas ao nosso solo, arreigadas à nossa alma, presas ao nosso coração. (Marques,1999:5)

É este carácter onírico da moura no nosso património oral tradicional que nos deu o mote para este projeto, pois considerámos absolutamente atrativo e ao mesmo tempo curioso, o facto dos mouros, enquanto elemento masculino, serem indiscutivelmente associados ao “infiel”, “malvado”, extremamente forte, insensível e, acima de tudo, portador de um carácter e instinto bélicos, enquanto a moura, elemento feminino associado à beleza, é apresentada como uma figura encantada e encantadora, revelando ingenuidade e possuindo sempre algum secretismo que fascina o ser humano, em particular o cavaleiro cristão.

¹⁷ Utilizamos aqui a mesma expressão utilizada por Fernanda Frazão por considerarmos muito adequada.

Como já constatámos, todos os povos, culturas e tradições possuem uma figura feminina de índole sobrenatural, cujas características e nome variam consoante as comunidades: sereia, fada, Melusina. A nossa denomina-se "moura encantada". Segundo Alexandre Parafita: " ... a moura (especialmente a moura encantada) é uma mulher bela, sensual, doce, tentadora, rica e desejada." (Parafita, 2012:125).

A moura encantada resume um ideal feminino pleno de virtudes domésticas, que se completa igualmente com qualidades extremamente sedutoras. Será talvez esta uma das principais razões para o fascínio que exerce no nosso povo e nas nossas lendas.

No seu livro *Lendas Portuguesas*, Fernando Frazão, defende que as mouras encantadas, são um dos temas mais comuns das lendas e superstições populares da Europa Ocidental, sendo classificadas como divindades maléficas, génios femininos das águas, guardiãs de tesouros encantados escondidos no centro da Terra. Contudo, não deixa de ser curioso que na nossa cultura, essa feição malévola foi muito atenuada, dando lugar a uma das mais poéticas criações do maravilhoso popular. Além disso, sendo Portugal um país de tradição católica, é normal que as mouras, de religião islâmica, fossem “encantadas” para não poderem exercer nenhuma influência religiosa. Assumem várias formas: vivem em ribeiros, regatos, poços e sobretudo em fontes, ora em forma de cobras/serpentes que pedem aos viajantes que as desencantem; ora subtil donzela que promete enormes riquezas a quem lhe quebrar o encanto. Segundo antigos relatos populares, as mouras encantadas são as almas de donzelas que foram deixadas a guardar os tesouros que os mouros esconderam antes de partir. Estas jovens moças de grande beleza e, segundo Alexandre Parafita, “perigosamente sedutoras” (Parafita, 2006:118), aparecem frequentemente cantando e penteando com um pente de ouro, os seus longos cabelos louros como o ouro, ou negros como a noite, pois, em consequência de séculos de tradição oral, cada lenda tem um grande número de versões.

Muitos estudiosos destas matérias tentaram fazer uma divisão das lendas de mouras e mouros encantados. Leite de Vasconcelos, por exemplo, já considerava grupos entre estas lendas de acordo com o sítio onde apareciam: poços, cisternas, fontes, paredes, ruínas. Alexandre Parafita, outro estudioso deste assunto, apresenta uma divisão muito mais minuciosa no seu livro, já aqui referido, *A mitologia dos Mouros*. Nesta obra, o autor apresenta uma categorização de acordo com as tarefas/ atividades e qualidades das mouras e mouros. Assim, temos mouras tendadeiras, fiandeiras, tecedeiras, sedutoras, entre outras.

É inegável que estes seres encantados assumem várias formas e diferentes papéis: Na sua grande maioria, como já tivemos oportunidade de dizer, revelam-se extrema e perigosamente sedutoras, de espírito bondoso ou maléfico, elas são as protagonistas de um sem número de lendas por todo o país e, curiosamente, despertam facilmente nos cristãos um sentimento de pena, devido à sua condição de encantadas sem fim provável.

Com o intuito de pôr fim a esse infortúnio, as mouras tentam acordos com os humanos, mas estes estão constantemente a desiludi-las porque não cumprem o que com elas acordam ou são demasiadamente curiosos. Perante tal situação, revelam-se penalizadoras.

A sobrevivência destas lendas, através dos tempos até aos nossos dias, pode ser explicada pelo fascínio que a cultura muçulmana sempre exerceu no Ocidente, mas, igualmente pela reconquista cristã. De acordo com este contexto, muitas lendas referem que os mouros tiveram que retornar à sua terra, deixando no nosso território lindas princesas mouras encantadas a guardar os seus tesouros, na esperança que, um dia, alguém as desencantasse. É este o motivo pelo qual atraem frequentemente os humanos.

Nos rochedos, dólmenes, grutas ou fontes, nos poços e nos ribeiros e até mesmo em certas ruínas de

monumentos e aldeias abandonadas, pelas manhãs de S. João, a moura aparece nas mais variadas formas,



21

realizando diferentes tarefas. Aí estarão encantadas e o povo conta que herdaram segredos e magias de antigas divindades.

Enquanto metamorfoseada em serpente, ligada às tentativas que se lhe conhecem de união com humanos a troco de tesouros e de segredos, tem levado a que seja associada a outras personagens como Melusina, a fada medieval que casou com o Senhor de Lusignan. Na mesma linha de pensamento, a moura encantada poderá igualmente conter traços da Dama do Pé de Cabra que deu origem à linhagem dos Senhores da Biscaia e com a Dona Marinha, antepassado dos Marinheiros. Maria Del Mar Llinares, na sua obra *Mouros, Ánimas, Demonios*, associa uma outra personagem: "La Reina Lupa"¹⁸. Estas lendas, difundidas durante o período medieval, contêm muito de fantástico e atração pelo sobrenatural, à semelhança do que acontece com o mistério e fascínio pelas mouras encantadas.

Surgem ainda detentoras de vários poderes ou ocupações, assim como acompanhadas de vários objetos ou elementos simbólicos, como tesouros, ligadas a alimentos como o leite, pão ou figos. Sedutoras e seduzidas, encantadas perto de fontes, castelos, penedos, rochas, castros ou até perto de locais propagadores da fé cristã.

Numa primeira análise, somos confrontados com uma figura encantada que, no imaginário popular, é encarnada numa linda princesa moura, filha de um rei igualmente mouro e portanto, ambos de origem nobre. Este facto é importante e curioso. Na verdade, não encontramos mouras pobres ou de baixo estatuto social. Pertencem sempre a uma certa linhagem, ostentam uma origem nobre a fazer lembrar os contos tradicionais onde predominam as princesas e príncipes belos, mas também recordando as damas nobres dos romances de cavalaria. Todavia, quando aprofundamos esta matéria, deparamo-nos com muitas outras características e simbolismos caracterizadores da nossa moura encantada, deixando entrever que o assunto não se esgota por aqui.

5.1.1. As Mouras a norte

Nesta região, as mouras são associadas a elementos e fenómenos naturais, como rochas, pedras e monumentos funerários semelhantes a antas e dólmens. Esta associação poderá ter a sua justificação na alteridade dos mouros, de que já aqui falámos, pois são considerados "os outros", em geral e não como os árabes ou sarracenos, em particular. Com efeito, sentimos que na região nortenha, a memória do povo não é seletiva, ou seja, as populações referem-se aos mouros enquanto sinónimo de todos os povos que por ali habitaram. Sabe-se que esta zona do país é prolífera em achados arqueológicos pré-históricos e megalíticos, pelo que é muito provável que, sem saber, as populações se estejam a referir a povos muito anteriores aos muçulmanos considerando que todos são mouros.

Assim, numa primeira conclusão, pareceu-nos da maior importância considerar os mouros do norte facilmente confundíveis com outros povos, resultando daí algumas diferenças consideráveis relativamente aos mouros do sul. Esses, sim, parecem ser, na verdade, "os verdadeiros mouros", veiculados pela história das invasões árabes naquele que é o território português. Não será alheia a esta hipótese as constantes referências históricas que estas últimas lendas apresentam, sugerindo acontecimentos históricos reais, mas que obviamente, foram adulterados e fantasiados nestas narrativas.

Achámos por bem começar este estudo apresentando a "Lenda da fonte da moura de Seixo de Ansiães" (nº47) pelo facto de encerrar, num mesmo texto, uma boa parte das características inerentes a estas lendas e assim exemplificar os topoi mais frequentes neste tipo de narrativas.

¹⁸ "El folclore del Pico Sacro es típicamente de mouros. Aparece también el episodio de Lupa com los toros, pero la Reina toma unas características que la relacionam com las mouras que aparecen en castros, fuentes, cuevas, etc." in Llinares, Maria Del Mar, Mouras, Ánimas, Demonios, Madrid, Akal Universitaria, 1990, p. 63

22

Tanto na temática, como nas atitudes da moura e dos humanos, e até mesmo na quantidade de objetos simbólicos, este escrito vale pela sua riqueza, por juntar um grande conjunto de elementos exemplificativos das lendas de mouras encantadas e que as distingue de todos os outros géneros narrativos: encontramos um tesouro enterrado, a moura que tece, ao mesmo tempo que estende uma barrela de ouro ao sol, apresenta as principais atitudes erradas por parte dos humanos: cobiça e medo; como usual, a troca do desencanto, são prometidas riquezas, mas, para as alcançar, o interlocutor não deve ter medo, nem pode quebrar o acordo. Contudo, o ser humano sucumbe à tentação (de possuir grandes riquezas), mas não cumpre o prometido à moura. Pelo contrário, assume a atitude insensata de cortar um cordão de ouro. Temos ainda, neste texto, uma moura que aparece metamorfoseada sob a forma de uma serpente e leão, numa manhã de S. João e também à meia-noite. Por último, ocorre a indicação do número sete, muito frequente nos contos tradicionais, mas que ocasionalmente, também encontramos nestes textos, em virtude de ambas as formas narrativas terem origem popular.

A - Localização

De uma forma geral, a norte, tanto as mouras como mouros ou mesmo mourinhos encantados, surgem longe da civilização, escondidos em zonas de difícil acesso, quer seja pela altura extrema quer pelo posicionamento em subterrâneos. Esta oposição é muito comum. Tão depressa encontramos mouras em locais muito altos: "...há umas fragas que têm aí uns dez metros ou mais de altura, as quais o povo conhece como «Torre de Celas» " (nº260), como guardando tesouros em grutas ou vivendo em palácios subterrâneos como testemunha o seguinte excerto: "O povo da aldeia sente que estas fragas têm grande mistério. Há lá uma entrada de forma circular, igual a um forno de lenha, e que depois se divide em vários túneis subterrâneos." (nº261)

Preferencialmente, escolhem locais como rochas, fragas, dólmenes, castros, ou minas. Locais fracamente utilizados pelos humanos, sugerindo assim que os seres encantados não teriam grande interesse em "conviver" com os cristãos, ao mesmo tempo que se reitera a ideia de que as populações se referiam ao mouro com o objetivo de denominar "os infiéis" em geral, isto é, todos os que não fossem católicos

Ainda na mesma linha de sentido, que aponta alguma confusão entre um certo passado histórico, mais longínquo e a realidade da permanência árabe na Península Ibérica, Martins Sarmento refere o seguinte:

Realmente o povo não distingue a entidade histórica, que construiu os castros e as sepulturas, da entidade mítica que na noite de S. João sai do centro dos penedos, etc.; umas e outras têm o mesmíssimo caráter; e, se se faz o inquérito severo destas credices, vê-se bem que na imaginação popular todos estes personagens se moveram e movem num meio humano e verdadeiramente histórico. (Sarmento, 1881:5)

Com efeito, os castros¹⁹ e dólmenes, pertencem a épocas muito distantes e anteriores aos mouros no nosso país, mas, frequentemente, são associados a estes. Notoriamente, há uma confusão de épocas a que o povo não é sensível, retém não mais do que a memória histórica de que tudo já se passou há muito tempo. Particularizando um pouco mais, notamos, por exemplo, que os dólmenes são, por vezes, denominados como "casas de mouros" ou "fornos de mouros". Neste âmbito, encontramos referência a dólmenes e castros, reiterando deste modo, a ideia de povos anteriores aos mouros. Por exemplo, na lenda

¹⁹ "Nome dado aos povoados fortificados da Idade do Ferro, quase sempre defendidos por três ordens de muralhas [em forma predominantemente circular], localizadas nas montanhas do Noroeste Ibérico e logo no Norte de Portugal. Podem também ser designados por...citânias..." in AAVV, Nova Enciclopédia Portuguesa, Lisboa, Ediclube, Vol. 5, 1992

23

"O dólmen de Vilarinho de Castanheira" (nº45), surge-nos uma moira que opta por chamar a atenção do humano, pois "...há lá um dólmen chamado Cova da Moira. Diz a lenda que na noite de S. João vem a moira dançar dentro dele." "Ora, se existe esta indeterminação histórica, é natural que as populações confundam o mouro com "o outro". Os nomes de mouro e pagão tornaram-se sinónimos, e, como quase sempre sucede no conflito de dois sinónimos, prevaleceu o vocábulo que tinha por si uma realidade objetiva: o nome abstrato." (Sarmiento, 1881:2)

Também Parafita diz o seguinte relativamente a este aspeto: "Grande parte destes monumentos exprime as manifestações materiais das sociedades pré-históricas, as quais, pelo enorme fascínio que exercem sobre o povo rural, foram incorporadas no seu imaginário coletivo como lugares habitados pelos mouros." (Parafita, 2006:103)

Não obstante a preferência por uma vertente ctónica reveladora do plano físico e geográfico destas zonas nortenhas do país, encontramos também, embora com uma incidência muito menor, uma vertente aquática, pela referência a locais intimamente ligados à água: margens de rios, algumas fontes (embora poucas), lameiros, isto é, zonas de muita lama ou mesmo pantanosas. Água e Terra são os elementos básicos e primordiais, dos primeiros a serem adorados pelos povos mais arcaicos, corroboram da ideia apontada inicialmente de que o mouro, no norte do país é alvo de confusão com outros povos mais antigos.

Salientamos ainda as lendas, pouquíssimas, é certo, que não referem uma localização específica mas apenas o local onde a narrativa proliferou. Tal é o caso da lenda "[O Segredo da moura]"(nº5) cuja localização espacial é o "termo de Sendim", ou ainda, da lenda "[A Moura e a pastora]"(nº247) passada em Vinhais.

B – Tesouro

Independentemente da localização a norte ou a sul, o tesouro é um elemento caracterizador deste corpus, pois são poucas as lendas que o excluem. Todavia, é uma situação que ocorre. Nas lendas "A Torca de Bameão" (nº259) e "As mulheres do linho e a moura"(nº260) não damos conta de qualquer tesouro, mas, regra geral, ao ser excluído, é substituído por uma das seguintes situações:

- a) É apresentado o tema da maternidade através das mulheres do linho, o que acaba, de alguma forma, por comutar o tesouro sendo este entendido à luz da importância que os filhos têm para as mães, isto é, ao que parece, independentemente da mulher ser moura ou cristã, os filhos são sempre "tesouros".
- b) É igualmente comum a temática do amor, surgindo a moura enamorada de um cristão ou vice versa. Uma vez que esse amor não é bem visto por ambas as crenças, o romance torna-se tão difícil quanto o alcance de uma riqueza. Portanto, será entendido como um tesouro espiritual.
- c) Encontramos ainda lendas que não contêm tesouros, mas tal como as do parágrafo anterior, expõem um argumento que conduz a um grande sofrimento por parte da moura, por isso ela "geme" e chora. É também devido a este sofrimento da moura, que ela inspira tanta piedade junto das populações. Desenvolve-se, no espírito popular a ideia de que foi deixada para trás aquando da

reconquista cristã e assim terá sido encantada com o objetivo de guardar os tesouros que os reis mouros não tiveram tempo de levar, deixando assim as mouras encantadas para sempre, até que apareça um humano com coragem suficiente para as desencantar.



24

- d) Por último, deparámo-nos com uma narrativa sem tesouro, mas em que a moura se converte ao cristianismo. Querirá isto dizer, que o valor espiritual do cristianismo se sobrepõe ao valor material dos tesouros? Parece-nos perfeitamente possível já que era esse o objetivo utópico das cruzadas cristãs, ou seja, converter todos os árabes.

Desta sorte, podemos concluir que existem duas espécies de tesouros: uma que, efetivamente, conduz à riqueza em termos materiais; outro de ordem espiritual, ligado ao amor e à religião. Mas qual a razão para tanta preocupação com os tesouros? Acreditamos ser uma manifestação do desejo que o povo acalenta, no sentido de melhorar de vida. Então, algures, guardado por uma moura, mouro ou mourinho encantado, encontra-se um tesouro, sob as mais variadas formas, mas sempre entendido como recompensa.

Nas narrativas do norte do país, os tesouros surgem sob a forma de dinheiro, objetos em ouro como pentes, teares, panelas, cordões, figos ou carvões²⁰ passíveis de se transformarem em ouro. Do mesmo modo, e como anteriormente mencionámos, o alcance do tão apetecível tesouro, pode perfeitamente ocorrer com um carácter mais espiritual, simbolizado, neste caso, pelo amor e amamentação ou simplesmente pelo cuidar de um filho.

O humano que cede à tentação de arriscar alcançar esse tesouro, muito raramente o consegue, pois terá não só que ultrapassar uma série de obstáculos, como de ser bem-sucedido na tarefa que lhe é proposta pela moura. A lição a retirar desta extrema dificuldade é uma certa moral explicativa de que tudo deve ser conseguido com muito esforço e trabalho árduo. Entende-se assim, o surgimento de lendas onde o oportunismo e aproveitamento fácil do ouro das mouras são criticados, desvanecendo-se esse lucro com enorme facilidade. A moral proposta é a de que nos devemos contentar com o que temos. Em jeito de exemplo, referimos uma passagem da "Lenda da fraga de Selim" (nº49) em que o interlocutor é um padre, tornando-se assim ainda mais gravosa a situação, na medida em que se trata de um homem da igreja:

- Credo! Um tendal de figos?!

Ora, a admiração do padre era porque, sendo inverno, não podia haver figos a secar. E pensou então: - Pecado sei que é, mas vou meter três ao bolso. [...] Quando acabou a missa apeteceu - lhe um figo e meteu a mão ao bolso para o tirar. E qual não foi o seu espanto ao ver que em vez de figos, o que tinha no bolso eram três libras de ouro. Sem dizer nada a ninguém, foi rapidamente ao lugar onde tinha encontrado os figos a secar para tirar mais, mas quando lá chegou já não achou nada. E ao meter a mão ao bolso ...apenas achou três carvões.

O fracasso no alcance de riqueza fácil também sucede em consequência de outra atitude negativa por parte dos humanos: falarem demais. Não guardam o segredo que a moura lhes pede, quebrando, desse modo, o acordo com ela realizado.

Concluimos, portanto, que a tentativa de obter riqueza e tesouros é o principal objetivo dos cristãos. Não o conseguem, porém, alcançar por uma de duas ordens de razões: ou porque, como já referimos, fracassam nos acordos que efetuam com as mouras ou simplesmente, devido ao facto da riqueza estar de tal forma protegida por seres encantados, demónios ou até por seres tão horrendos que assustam quem ousar tentar. No fundo, obstáculos que funcionam como uma espécie de penalização pela ganância dos humanos que, além de quererem riqueza fácil, também demonstram ser parcos em coragem e audácia.

Ainda assim, é curioso assistirmos a uma certa supremacia das mulheres relativamente às mouras encantadas, pois, ao contrário dos homens, não cedem facilmente à tentação. Por exemplo, na lenda "As

mulheres do linho e as mouras" (nº260) as últimas interpelam as primeiras, mas estas " não ligavam

²⁰Estes dois últimos elementos, como veremos mais à frente, são muito mais frequentes no sul do país do que a norte.

25

nenhuma ao que as mouras diziam". Também na lenda "[A moura e a pastora]"(nº247),a jovem não cede à tentação, pois não tem como explicar aos pais a obtenção de dinheiro.

C - Ações, atividades ou qualidades das mouras e objetos simbólicos

Considerámos importante analisar em conjunto todos estes itens uma vez que aparecem interligados, ou seja, as qualidades manifestam-se em ações e estas pressupõem sempre determinados objetos. Na verdade, torna-se difícil separar os assuntos, pois todos convergem para criar este mundo onírico das mouras encantadas estando, conseqüentemente, interligados, no sentido de formarem um todo.

Os objetos ostentados pela moura refletem a identidade das populações por oposição à alteridade da figura encantada no seu imaginário. Significa isto que as comunidades espelham, nestas personagens, o seu próprio dia a dia e, conjuntamente, revelam uma certa expectativa de desejo e ascensão social para que a vida lhes seja mais facilitada. Assim se explica a abundância de teares de ouro ou simplesmente teares em que a moura procede à sua tarefa. Poder-se-á então pensar: mas se a moura tem tesouros por que precisará de ter uma ocupação? A nosso ver, a explicação está no local onde nascem as lendas, porque, como já referimos, estas acabam por ser o reflexo dos hábitos populares. É por isso que a norte, as mouras tecem, fiam, enfim, estão em contacto direto com o linho, tal como acontece com as mulheres cristãs destas localidades. Com efeito, o linho é uma realidade característica desta zona do país: " Nesses serões dobava-se o linho e fiavam-se ou desfiavam-se meias de lã, enquanto a memória dos mais idosos ia, também ela, desfiando contos, lendas, máximas, adivinhas..." (Parafita,1999:68)

O facto de possuírem ou guardarem tesouros é, por um lado, o poder do mistério que estas personagens exercem sobre as populações, pois uma explicação sobrenatural favorece o misticismo e suspense e, por outro, o desejo de viver uma vida mais folgada do ponto de vista económico, caso esses tesouros fossem alcançados.

Nas características que esta figura encantada apresenta, os elementos e objetos simbólicos são evidentes, podendo uns ser mais abstratos e outros mais concretos. Queremos com isto dizer que alguns elementos estarão mais ligados ao sentimento, religião ou espiritualidade enquanto outros traduzem objetos materiais. Quer uns quer outros apresentam-se como essenciais ao seu desempenho. Neste âmbito, é possível dividir os objetos em três grupos:

a) Ligação à comida

A alimentação é essencial à humanidade mas, evidentemente, não ao ser encantado. Este será o pensamento inicial. Todavia, não nos esqueçamos que no imaginário popular, estes seres constituem uma espécie de prolongamento das nossas vidas, com respetivas angústias e preocupações, pelo que é perfeitamente comum encontrarmos indícios do quotidiano humano: temos cestos de comida, água e figos.

Ao nível dos alimentos que oferecem maior simbolismo, surge o leite, ainda que camuflado na própria amamentação ou implícito quando a moura escolhe um processo de metamorfose em serpente ou cobra, pois é conhecida a ligação que este réptil mantém com o leite. Remete também para um simbolismo de fertilidade e iniciação, já que é o primeiro alimento dos bebés assim que nascem, portanto, fonte de energia e, igualmente, o alimento mais completo. É também simbólico por estar relacionado com um universo exclusivamente feminino na medida em que estreita os laços mãe-filho. Nestas lendas, o facto

dos bebês mouros poderem vir a ser amamentados por uma mulher cristã, significaria não só o desencantamento da própria moura como do seu bebê.

O elemento "água" também é referido ocasionalmente, mas, como veremos mais à frente, tem uma incidência muito maior a sul.

Em suma, todos estes elementos pertencem a um imaginário povoado, desde os primórdios, pelas preocupações que o ser humano demonstra relativamente à sobrevivência. Neste sentido, a abundância, riqueza, comida, fertilidade e descendência, são garantes da prosperidade da tribo ou da raça.

b) Objetos relacionados com riqueza e/ou ocupação

O tesouro é o objeto que mais ocorrências regista, manifestando-se nas mais variadas formas: cordão em ouro, pente em ouro, panela, bezerro, dinheiro, altar e lagar de ouro, etc. A moura ostenta pentes de ouro que usa para pentear os seus longos cabelos louros, símbolo da sua sensualidade e poder sedutor, o próprio ouro, dinheiro, cordão muito comprido, também em ouro e ainda um javali e bezerro de ouro. A par destes elementos, surgem outros que apontam no sentido das suas ocupações, mas igualmente valiosos: lagar em ouro, um novelo de lã, tear em ouro.

c) Elementos coniventes com o sobrenatural e com aspetos religiosos

Salientamos, em primeiro lugar, os dados ligados ao oculto. Sobressaem figuras diabólicas ou a presença do próprio diabo, assim como a alusão a rezas proferidas a partir do livro de S. Cipriano. É igualmente referida "uma luz", o sino saimão ou palavras de esconjura que poderão, eventualmente, quebrar o encanto.

Quanto aos elementos religiosos, salienta-se a brancura da moura. Na medida em que sabemos que a moura de origem muçulmana tem a tez escura, esta alvura parece-nos sugestiva de duas explicações possíveis: por um lado, poderá ser a reminiscência de outras figuras femininas pertencentes a povos anteriores aos mouros, assunto já aqui abordado. Por outro lado, será sugestiva de uma associação a nossa Senhora, de que é exemplo a "Lenda da Moura Branquinha"(nº231), ou à Virgem²¹, possivelmente uma certa mistura entre crenças pagãs e cristãs. Se for este o caso, podemos contrapô-lo a uma outra lenda que refere uma mesquita, símbolo da religião islâmica(nº226).

Tal como referimos no segundo parágrafo deste subcapítulo, de um modo geral, as ocupações das mouras do norte, espelham as próprias tarefas das mulheres desta zona do país. Estamos, pois, a falar de dois mundos que funcionam em paralelo, como se um fosse o espelho do outro: um no plano terreno e outro pertencente ao além, mas que parecem realizar tarefas muito idênticas. Assim se explica que a par das atividades das mouras (fiando, tecendo), sejam apresentadas personagens humanas trabalhando nas suas profissões, na sua labuta diária. Encontramos o carvoeiro, a mulher do linho, a pastora e o pastor, o caçador, o padre, o cavaleiro, entre outros.

A moura revela as mais variadas qualidades: é mãe, tendeira, guarda simplesmente um tesouro mas é, acima de tudo e como já referimos, tecedeira e fiandeira, pois existe, na verdade, uma maior ocorrência de mouras que tecem, provavelmente, porque o linho é um produto com muito maior evidência e propagação a norte e, portanto, as lendas acabam por espelhar realidades inerentes às próprias comunidades em que se inserem. Sendo uma das características mais comuns das nossas mouras, esta tarefa também as associa às moiras gregas de que falámos no capítulo quatro, que fiavam e decidiam a vida dos humanos.

Por outro lado, esta característica pode também ser interpretada como uma maior proximidade do universo feminino já que em tempos mais antigos, e em especial na província, este era um trabalho

doméstico. Encontramos outras figuras sobrenaturais associadas a este afazer. Por exemplo, ainda hoje se



²¹ Cf Capítulo 4

ouve falar, em certas zonas do Alentejo, na "Lenda da costureirinha" que trabalha toda a noite na sua máquina de costura ou "Quando alguém tinha para fiar uma porção de linho, punha-o numa sala à noite, juntamente com uma vasilha de água; e no lar punha um bolo debaixo do borralho. Altas horas da madrugada quem espreitasse, via andar pela casa luzinhas pequenas. De manhã estava o linho fiado." (Vasconcellos,1963:747)

Permanecendo nas atividades das mouras nortenhas e continuando a utilizar a sabedoria do Doutor Leite de Vasconcellos, este estudioso conta a seguinte narrativa que também a ele lhe foi transmitida: " Na ocasião de se fundar o convento de Vila de Feira, segundo me informa uma velha de noventa anos, andavam moiras a acarretar para ele pedras à cabeça, indo o mesmo tempo com a roca à cinta a fiarem." (Vasconcellos,1963:65)

Por todo o país encontramos testemunhos destas crenças. Por exemplo, em Lagiosa, perto de Citânia de Briteiros, diz o mesmo autor: "...tem sido vista uma moira a fiar e a guardar ovelhas. Sob a forma das ovelhas, diz a lenda, estão os tesouros da Moira." (Vasconcellos,1938:503)

Algumas lendas mostram uma imagem feminina cuja única ocupação é chorar e gemer, Estender "uma barrela ao sol"(n°47), dançar, pentear, "passear pelo castelo"(n°54). Estas personagens pedem, inúmeras vezes, ajuda aos humanos para serem desencantadas. Vivem num profundo lamento pela sua condição e o término da sua má sorte depende da coragem humana. Infelizmente, isso nem sempre é fácil, não obstante as recompensas prometidas: " Uma vez passou ali um homem, e a moura chamou-o e disse-lhe que fosse lá ao outro dia desencantá-la, e que não tivesse medo porque ela nesse dia apareceria toda serpente, mas o homem ficaria rico " (Parafita,2006:272). Mas os homens raramente cumprem os seus acordos ou demonstram coragem nos obstáculos que têm de ultrapassar, pelo que as mouras continuam encantadas e desiludidas.

Seja qual for a sua ocupação, a moura é sempre uma sedutora para os homens que tenta motivar a desencantá-la. Ao contrário de muitos outros entes femininos sobrenaturais como as bruxas e feiticeiras, a moura é descrita como uma mulher bela, jovem e sedutora que utiliza as suas artimanhas para seduzir os humanos. Nesse processo, são ingredientes indispensáveis a idade associada à fertilidade, feminilidade e ao canto. Sobre este último, podemos estabelecer alguma comparação com o canto das sereias que enganam os humanos com a sua beleza e poder sedutor.²² Um dos aspetos que contribui para esta sedução são os seus longos cabelos penteados com pentes de oiro.

Registámos algumas narrativas particulares e que apresentam situações curiosas. Por exemplo, a moura que levanta voo (n°231) ou que "se arrasta guardando o tesouro" (n°186). Nestes casos, a moura surge quase sempre metamorfoseada em serpente.

D - Ações/ atitudes incorretas dos humanos

Grande parte das lendas espelha atitudes praticadas pelos humanos aquando da interação com a moura encantada. Com efeito, no universo das trinta narrativas analisadas ao pormenor, apenas cinco não revelam qualquer atitude por parte dos humanos. As restantes revelam posturas erróneas, o que não deixa de ser curioso, pois sendo cristãos, deveriam ser "os bons", já que essa parece ser a versão mais aceite pela história porque foi igualmente essa a mensagem difundida pela própria igreja, durante vários séculos. Contudo, os humanos realizam ações permeáveis à corrupção de valores censurados pelo catolicismo: excesso de curiosidade e ambição, impaciência, falar demais, tentar enganar a moura, ser usurário e

preguiçoso ou ainda atitudes censuráveis praticadas por padres, homens supostamente, ainda mais ligados

²²Lembramos aqui, a título exemplificativo, as sereias da Odisseia, mas também a enganadora Melusina.

à igreja e, por isso mesmo, tidos como exemplo para as comunidades em que se inserem. Na medida em que estas atitudes são fortemente penalizáveis, não é de admirar que impeçam a obtenção de riqueza. De todas as atitudes manifestadas, o medo é o mais frequente. Quando associado à falta de coragem, estabelece o principal motivo para que o humano falhe no alcance do tão pretendido tesouro ou mesmo no desencanto da moura. Muitas das ações realizadas pelos humanos, simbolizam o que os une ou separa do além e, igualmente, o obstáculo que, por não ser transposto, impede o alcance do tesouro assim como do desencanto²³. É disto exemplo o cortar de um cordão, pois "o corte" simboliza uma tentativa fracassada de união entre os dois mundos. A bem da verdade, existe um paralelo com a "vida real": os humanos sofrem as consequências das suas atitudes. A impaciência e excesso de curiosidade são mais evidentes nestas lendas que apresentam cordões de ouro infundáveis que os humanos, numa atitude errada, acabam por cortar, quebrando assim o acordo estabelecido com a moura e deixando cair por terra, toda e qualquer possibilidade de alcançar o tão proclamado tesouro, que, de imediato, é transformado em carvão. Contudo, registam-se outras ocorrências menos frequentes e, por isso mesmo, também mais curiosas. Em duas lendas que apresentam mulheres como interlocutoras, estas não cedem à tentação. Em todas as outras narrativas, os interlocutores são homens, apontado assim no sentido da sedução que fará maior efeito junto do interlocutor masculino.

Registámos uma lenda em que o cristão tenta dirigir a fala à moura, o que constitui uma infração, pois é o mesmo que tentar contactar com o além e isso não é possível. Além do mais, geralmente o procedimento é ao contrário: a moura é quem interpela o humano.

Outra transgressão é registada na lenda "A moura e o cavaleiro cristão" (n.º 255) em que este último se apaixona pela moura. É óbvio que neste caso a atitude do cristão não é censurável, simplesmente os dois mundos são inconciliáveis.

Por último, salientamos o facto de muitas vezes os humanos terem que optar ou pela moura ou pelo tesouro, o mesmo é dizer que o humano é posto à prova, tendo que escolher entre os bens materiais e os valores espirituais. Por ganância, escolhe o primeiro, mas porque não é essa a opção correta, é penalizado pela ambição desmesurada. Deveria ter escolhido os valores espirituais e desinteressados, pois dessa forma seria recompensado e ficaria com a moura.

E - Encanto/ desencanto

É o encanto que domina estas lendas, ou não fossem elas sobre mouras encantadas, de modo que não haver encanto não faria qualquer sentido. Todavia, das trinta narrativas aqui registadas, três não revelam qualquer encantamento, embora este esteja subentendido.

Mas por que motivo surgem as mouras sempre encantadas? Acreditamos tratar-se de uma explicação para o fascínio que os árabes exerceram, e ainda exercem, junto do nosso povo, pois é certo que muito embora se tratassem de povos inimigos, altura houve em que conviveram pacificamente, tendo havido trocas comerciais e culturais com alguma frequência.

Tanto tempo por cá permaneceram que seria impossível não deixarem por estas terras e gentes a sua marca, mas, por se tratar de um povo tão diferente do nosso e, especialmente, pelo facto das mulheres se vestirem de forma tão distinta das cristãs e registarem hábitos igualmente divergentes, era natural que existisse uma certa curiosidade sobre esses mesmos costumes. Na impossibilidade de os explicarem,

certamente que as populações terão considerado o encanto uma boa solução ao mesmo tempo que

²³A transposição de obstáculos é um dos pontos que facilmente encontramos nos contos populares, mas, como vemos, também se pode encontrar nas próprias lendas.

29

permitiria a continuação do suspense e mistério. De resto, esse fascínio ainda está hoje presente nos Contos das Mil e uma Noites.

Ora um encanto pressupõe sempre um desencanto. Porém, este muito raramente acontece exatamente para facultar a permanência deste ser misterioso, belo e encantador. No fundo, o povo precisa de acreditar em algo e o suspense e mistério alimentam uma certa motivação no imaginário popular. São apresentados uma série de motivos para as mouras não serem desencantadas e continuarem "por mais cem anos" ou eternamente, no seu suplício: a falta de coragem dos humanos, o medo, a cobiça e ambição desmesurada, enfim, as tais atitudes erróneas de que já anteriormente falámos. Por outro lado, a invocação a Jesus, Deus ou outro elemento cristão, quebra qualquer tentativa de contacto com a moura, pois trata-se de mundos opostos não só pela religião, mas também porque o humano e o sobrenatural são inconciliáveis não podendo interferir nas vivências um do outro. Temos então duas razões impeditivas do contacto entre mouras e cristãos: por um lado, por se tratar de religiões diferentes, por outro, porque sucede serem mundos dicotómicos – terreno/sobrenatural. No caso da utilização de palavras de esconjura, poder-se-á associar a moura à figura do demónio, pois são também estes os vocábulos que o repelem. Na lenda "A moura e o bezerro de ouro"²⁴(nº186), foram dois homens tentar encontrar um tesouro dentro de uma cisterna. A dado momento, um dos homens, com medo exclama: "Valha-me aqui Deus! Ditas tais palavras tudo desapareceu. E os dois homens foram atirados pelo ar..."

Outras vezes, embora muito raramente, os humanos conseguem desencantar as mouras metamorfoseadas, à semelhança de muitos contos tradicionais em que certos animais se transformam em príncipes. Este desencantamento parece ser mais típico a norte. A título de exemplo, apresentamos a lenda "O guerreiro e a princesa moura" (nº56) em que esta é desencantada pelo cavaleiro que dela se enamora. Este desencanto tem uma explicação para fugir à regra: o tema de base é o amor que tudo vence, até mesmo a maldição de um rei mouro. Trata-se então de um desencanto desinteressado, esperando apenas uma correspondência amorosa que não inclui quaisquer fortunas. A nosso ver, será esse o motivo pelo qual o desencanto se realiza, pois em todos os outros onde o objetivo dos cristãos é manifestamente interesseiro, no sentido de ser recompensado, existe uma falha ao nível dos sentimentos, logo condenável pela religião católica e pela sociedade em geral que proclama somente o interesse espiritual e nunca o material. Como tal, o desencantamento, assim como a riqueza, não são atingidos.

Acontece mesmo casos de mouras que não só não são desencantadas como ainda veem o seu encanto agravado. Como terminam afinal estas histórias? Não muito diferente da forma como iniciaram, pois, em traços gerais, as mouras continuam encantadas e nalguns casos, o encantamento acaba mesmo por ser dobrado levando à desilusão da moura: "Ah, ladrão, que dobraste o meu encanto!" (nº258) e ainda outra lenda:

Conta-se que um rapaz de Sobreiró de Cima ia a passar no monte e encontrou no chão um cordão de ouro. Agarrou nele e pôs-se a enrolá-lo, e foi fazendo um novelo. Só que o cordão nunca mais acabava. E como a dada altura já era grande e pesado de mais, o rapaz vai e corta-o. Nesse instante, o cordão ficou negro como carvão, E apareceu-lhe então uma rapariga desconhecida, que lhe disse:
- Ah, ladrão, que me dobraste o encanto! (nº262)

É curioso verificar que se estabelece uma relação intrínseca entre o facto de surgir um cordão e o dobramento do encanto, já que, das lendas analisadas, apenas as que apresentam cordão revelam esta

desgraça para a moura, prolongando o seu suplício. Na lenda "A Fonte da moura de S. Julião" (nº30)

²⁴ Repare-se na fusão dos elementos: moura simbolizando paganismo e bezerro, símbolo católico, presente na própria Bíblia, que remete para o conceito de idolatria.

entra um cordão para o cântaro de uma mulher que tinha ido à fonte:" e como só com muita dificuldade conseguia dobar mais, resolveu partir o cordão.

Nesse mesmo instante o novelo desapareceu-lhe das mãos, e ouviu uma voz que disse:

-Marota, que me encantaste para toda a vida!"

A impaciência da interlocutora acaba assim por prejudicar a moura.

Analisemos agora, as soluções propostas para quebrar o encanto das mouras. Com maior frequência, é a moura quem propõe ao seu interlocutor os passos a seguir para o desencanto. Porém, em alguns textos, a proposta está apenas subentendida. De entre as ocorrências registadas, salientam-se as seguintes:

- O humano deve beijar a moura metamorfoseada em serpente;
- Espetar o corpo da cobra;
- O bebé da moura deve ser amamentado por uma cristã e ser batizado;
- O tear em ouro está escondido e o humano deve encontrá-lo;
- O interlocutor deve guardar segredo;
- Entrar numa fraga;
- Um cavaleiro sozinho deve ir ter com a moura;
- Ir de noite com o livro de S. Cipriano;
- Entoar uma ladainha e não ter medo;
- O cristão deve escolher a moura em vez do tesouro.

Que concluímos destas propostas? Quase todas envolvem coragem e isso, já anteriormente vimos, não é o forte destes interlocutores que demonstram ter muito medo. Deve o humano realizar uma tarefa após ultrapassar o seu medo. Para entrar na fraga necessita de coragem, para espetar a cobra tem de chegar até ela e, conseqüentemente, não pode ter pavor, para ir ter sozinho com a moura também não pode demonstrar receio. Ao entoar uma ladainha ou ir de noite com o livro de S. Cipriano é preciso ser corajoso. Enfim, o medo e a coragem apresentam-se como denominadores comuns à concretização do desencanto.

Alguns textos pedem apenas que o humano opte pela moura em vez do tesouro apontado para o lado essencialmente espiritual do catolicismo. Ainda nesta linha mais cristã, outras lendas mostram mouras com bebés (mourinhos) também eles encantados, e que só o poderão deixar de ser se uma mulher cristã os amamentar e forem batizados. No fundo, esta ideia deixa a passar a ambição dos cristãos quando investiram nas cruzadas: a conversão dos árabes.

Quanto à atitude de guardar segredo ou não ser demasiado curioso, ações já por nós analisadas e que, à partida, não parecem ser tão complicadas uma vez que não estão associadas ao medo, revelam-se igualmente ineficazes porque o interlocutor, seja homem ou mulher, não consegue manter o segredo nem sustentar a curiosidade. Continuam então as mouras e mourinhos encantados, mas sempre na esperança de um dia poderem ser libertados desse seu estado, como exemplifica o seguinte excerto da "Lenda da Ferrada"(nº185): "Todos os dias de S. João, à meia-noite, vai estender as meadas de linho que fiou durante o ano, esperando que haja então algum cavaleiro que ali vá sozinho quebrar o encanto. Infelizmente os rapazes que lá vão, levam as namoradas, pelo que ainda nenhum lho quebrou."

F - Tentação, desafio/ ceder à tentação

Todos os itens que considerámos importantes e resolvemos destacar nas grelhas de análise, estão interligados. Os que neste capítulo analisamos, não são exceção, pois um desafio/tentação tem sempre implícita uma possível cedência.

31

Das trinta lendas analisadas, apenas seis não comportam uma tentação ou desafio. Este, por sua vez, está igualmente ligado à solução para quebrar o encanto da moura. O humano é posto à prova, especialmente em todo o seu valor moral e enquanto defensor de uma religião oposta à do ser encantado que o interpela. É feito um teste aos modelos de conduta dos humanos que, por sua vez, enfrentam dois tipos de desafio: um com o além, quando resolve chegar à fala ou assim que se predispõe a entrar em contacto com a moura encantada; outro que é muito mais interior e que compreende a sua fé, a sua religião, os valores em que ele próprio acredita e julgava seguros, mas que acabam por ser abalados perante esta personagem tão bela e sedutora.

Há que distinguir entre o interlocutor feminino e o masculino. O primeiro não cede à tentação porque, na grande maioria das ocasiões, o alvo dessa provocação é o filho, mais importante que os bens materiais. É esse o caso das já anteriormente mencionadas, lendas "Torca de Balmeão"(nº259) ou "[A moura e a pastora]"(nº247). Com efeito, é curioso verificarmos que em todas as lendas onde não existe cedência à tentação, o interlocutor é uma mulher. Pastora ou mulher do linho, é inevitavelmente do sexo feminino e, portanto, não tão facilmente seduzida quanto o homem. Vejamos o exemplo da lenda "As mulheres do linho e as mouras" (nº260) em que as primeiras são tentadas pelas segundas desta forma: "Ó mulheres do linho,/ olhai os meninos que estão a chorar!/ Porque não os ides acarinhar?". Não se deixando tentar, as cristãs respondem: "Dex'ós chorar,/ quem os lá deixou que os vá buscar!"

Existe, no entanto, uma outra variante em que o interlocutor não cede à tentação e é exatamente quando se trata do amado da moura. Por exemplo na lenda "A moura e o cavaleiro cristão" (nº255). Ainda assim, podemos aqui entender que na verdade há um ceder à tentação de um amor proibido. Quando o interlocutor é homem, cai maioritariamente em tentação porque, ao que parece, os bens materiais têm realmente muita importância e, perante o masculino não são utilizadas as crianças como engodo. Esta é uma tarefa exclusiva das mulheres, sejam estas humanas ou não, católicas ou islâmicas. Em suma, os meios utilizados pela moura para atingir o fim de tentar e desafiar o ser humano são vários, sobressaindo, nas lendas estudadas, os seguintes:

- Solicita um beijo ao cristão;
- Utiliza o choro do bebé;
- Promete-lhe ouro, riquezas ou dinheiro;
- Propõe-lhe a entrada num subterrâneo para encontrar o tesouro;
- Promete-lhe o seu amor;
- Oferece boa comida;
- A moura dança fazendo mexer a tampa do dólmen e despertando a curiosidade do humano;
- Interpela o humano;
- Leva o cristão a condoer-se;
- Leva o humano a interpelá-la;
- Propõe-lhe uma escolha entre duas situações;
- Seduz pela sua beleza (penteando o seu belo cabelo, por exemplo);
- A moura enamora-se de um cavaleiro cristão.

Todas estas artimanhas não são mais do que tentativas para chamar a atenção do humano/cristão para que ele a possa desencantar. Infelizmente para ela, as suas investidas revelam-se ineficazes e infrutíferas. Por

todas as atitudes e ações erróneas dos humanos que analisámos anteriormente, estes, na esmagadora maioria das vezes, sucumbem à tentação. Cedem porque é próprio do ser humano ser curioso e ambicioso logo a razão que o leva a cair em tentação nem sequer é um motivo nobre, ou seja, o de desencantar a moura, mas antes a sua ascensão social através da riqueza.

G – Acordo/quebra de acordo

Numa tentativa de desencantar a moura e tendo igualmente como objetivo o alcance de alguma riqueza, o cristão entra, frequentemente, em acordo com a encantada. Registámos, no entanto, um considerável número de narrativas onde não existe qualquer acordo.

Este pacto, por assim dizer, acaba por ter uma função idêntica ao desafio ou tentação. A diferença consiste no facto do humano prometer, isto é, acordar realmente a realização de determinada tarefa, que pode ser uma das que a seguir passamos a enumerar:

- a) A moura aparece a um rapaz "prometendo-lhe imensas riquezas. Para isso devia o rapaz de meter as suas calças no meio de um rochedo" ...e também de atirar com um ovo à cabeça de uma cobra [...] O rapaz devia [ainda] guardar segredo..." (lenda nº5)
- b) Construir uma capela (lenda nº31);
- c) Guardar segredo, não falar em demasia (nº5);
- d) Na lenda "[A fonte de Vilarelhos]"(nº3), por exemplo, a moura prontifica-se a dar dinheiro diariamente a um homem que "soube-lhe falar". Esta quantia seria o bastante para que ele não necessitasse de trabalhar, mas ele, aborrecido com as perguntas dos amigos, acaba por ceder à tentação de lhes contar o segredo dizendo: " -Que não ia trabalhar; /Nem de trabalhar precisaria, /Enquanto a Fonte de Vilarelhos/ Lhe desse seis viténs por dia." No mesmo instante, acabou a sua sorte. Acreditamos tratar-se de uma penalização não só pela sua indiscrição, mas igualmente por não querer trabalhar, pois isso corrompe totalmente os valores católicos / sociais.
- e) Ir ver a moura banhar-se (nº43);
- f) A moura deveria casar com o pretendente escolhido pelo seu pai (nº232).

H – Castigo/ recompensa

De acordo com o cumprimento, ou não, do acordo, assim o humano é recompensado ou castigado. A moura pretende atribuir valores materiais ou espirituais ao seu possível salvador. Por exemplo, na "Lenda do Caúinho"(nº258) promete fazer o seu interlocutor feliz: " ...vou fazer-te feliz." Mas como muito raramente as moura são desencantadas, lá continuam na sua triste penitência.

Somente sete narrativas não referem recompensas ou castigos. As restantes comportam as seguintes promessas:

- Ficar com a moura;
- Ficar com um tesouro;
- Ficar com riquezas;
- Ficar rico;
- Casar com a princesa moura;
- Os enamorados ficarem juntos.

Quando a moura se apercebe que o encanto não vai acontecer, resolve castigar o cristão pela sua falta de palavra. No fundo, ele sofre as consequências dessa falta de carácter. Neste sentido, os seguintes castigos são os mais utilizados e raro é o que não envolve ouro ou qualquer outra forma de riqueza:

- O ouro transforma-se em carvão;
- A moura pela um cão;
- Uma aldeia é chacinada;
- A moura é encantada;
- Ficar sem riqueza;
- Ficar sem dinheiro;
- O ouro transforma-se em figos;
- "A moura e o bezerro de ouro" foram pelo ar.

33

De todas estas possibilidades, é sem dúvida o ficar sem riqueza, ouro ou dinheiro e o facto do ouro se transformar em carvão que regista maior ocorrência.

Os humanos que se dispõem a alcançar uma recompensa, (quase sempre o ouro da moura), numa tentativa de enriquecimento, têm que ultrapassar uma série de obstáculos, de forma regrada. Esta estrutura assemelha-se muito à dos contos tradicionais, mas ao contrário destes, em que os intervenientes são bem sucedidos, aqui, são escassos os humanos que conseguem ultrapassar as dificuldades, de forma a alcançar os seus intentos. Não temos, por isso, um final feliz, já que começam e acabam pobres.

I – Apresentação, condição da moura (metamorfose)

A metamorfose é o principal processo utilizado pela moura para se dar a conhecer ao humano.²⁵ Em grande parte das lendas analisadas, a moura surge metamorfoseada em diabo, "cobra enorme com uma grande cabeleira"(nº258) ou, então, metade cobra metade mulher. Como interpretar esta metamorfose? E como decifrar, igualmente, o contraste físico com os sarracenos? Por outras palavras, qual a razão para a moura aparecer tão bela e loura quando o povo árabe é muito mais moreno? Porquê tanto fascínio por este ser? A cabeleira loura deixa transparecer o misticismo a que as populações votaram a moura. É, indubitavelmente sensual como o são as fadas no contexto do imaginário popular europeu. Com os cabelos soltos, ao contrário do que acontecia com as mulheres cristãs das comunidades em que estas lendas se desenvolvem, ela representa tudo o que não era permitido à mulher do povo em tempos antigos, como, por exemplo, soltar o cabelo. Ora esta é uma das principais características da moura que solta os cabelos belos, louros e compridos ainda que surja sob a forma de cobra e serpente. A par desta capacidade sedutora, as mouras revelam qualidades próprias das mulheres do povo, isto é, também aparecem enquanto boas mães, tecedeiras, tendadeiras e até realizando duas ou três tarefas em simultâneo, como é o caso das mouras construtoras, que tratam dos filhos ao mesmo tempo que fiam. No fundo, caminhamos novamente no sentido da abundância tão querida da humanidade, quer esta seja provocada pela quantidade de filhos, quer pela capacidade de trabalho que origina haveres.

A forma em cobra ou serpente aponta num certo sentido erótico. Parece-nos, pois que esta metamorfose constituirá uma tentação para o homem comum que projeta na moura muitos dos seus desejos. Não nos esqueçamos também que, segundo a tradição judaico-cristã, é a serpente que tenta Eva²⁶ estando esta, posteriormente, na origem do pecado original. Ainda neste contexto, a moura pode apresentar-se transformada surgir-nos na figura do próprio diabo, tentando o cristão "indefeso": "Diz a lenda que para o desencantar já lá foi um padre com o povo fazer esconjuros e rezas. Apareceu o diabo escarranchado..."(nº4)

²⁵ Ao contrário dos mouros e mourinhos que raramente surgem metamorfoseados.

²⁶ Na tradição judaica é apresentada também a figura de Lilith, uma personagem demoníaca associada à serpente que terá enganado Adão no jardim do Éden. Esta figura ter-se-á insurgido contra a prepotência masculina e como tal, o seu alvo será sempre o elemento masculino. Dois aspetos são de salientar: por um lado a metamorfose em serpente utilizada igualmente pela moura. Por outro, e também a semelhança das mouras e das demais figuras como as sereias e fadas, a utilização da manha, através dos atributos físicos, para seduzir a figura masculina aquando da origem da humanidade.

Embora tenhamos registado uma maior ocorrência de mouras encantadas em cobras, é igualmente possível encontrá-las sob a forma de "uma rapariga desconhecida"(nº262), filha de um rei mouro, princesa moura encantada, leão (apenas uma ocorrência das lendas analisadas, embora saibamos que este animal regista algum recurso por parte das mouras).

Qualquer que seja a apresentação da moura, a verdade é que está sempre, ou quase sempre encantada, e na esmagadora maioria das narrativas, na forma de uma bela princesa moura, pertencente à nobreza porque filha de reis. Salientamos, todavia o texto "A Moura e o Cavaleiro Cristão" (nº255) onde a personagem feminina aparece na forma humana, ou seja, não está encantada. Esta é uma narrativa mais longa do que o habitual, o que nos permite, mais uma vez, encontrar algumas semelhanças com os contos populares e até com as novelas de cavalaria.

Em duas das lendas estudadas, esta personagem ou se apresenta na forma de uma "velha muito feia"(nº40) ou na figura de "um bicho horrendo"(nº57). Neste caso, é fácil a associação com as bruxas do folclore europeu ou, novamente, com o próprio diabo.

Como já tivemos oportunidade de mencionar, raras são as narrativas em que as mouras não surgem encantadas ou metamorfoseadas. No entanto, temos alguns casos de que são exemplo "A Gruta com feitio de mesquita"(nº226) ou "A Lenda da Fraga do Carvalho"(nº261).

Por vezes, numa mesma lenda, deparamo-nos com mais do que uma apresentação, isto é, surge enquanto moura muito bela e igualmente como serpente.

J – Forma de contacto com o humano/Interlocutor/ Hora do entreaberto

À semelhança do já tínhamos feito em capítulos anteriores, optámos por proceder a uma análise conjunta dos itens em epígrafe, na medida em que se implicam mutuamente. A forma de contacto está intrinsecamente ligada ao interlocutor. Por exemplo, a moura apresenta-se muito mais sedutora perante o interlocutor homem do que quando se trata do interlocutor mulher. Será esta a razão pela qual o homem cai facilmente em tentação contrariamente à mulher que se revela mais segura e logo mais difícil de ser seduzida. Por outro lado, um dos pretextos utilizados para estabelecer contacto com a mulher cristã é o instinto maternal, os bebés, os filhos, exatamente porque sabem-na muito mais sensível a esta matéria do que os homens: "- Ó mulheres do linho,

Olhai os meninos que estão a chorar! Porque os não ides acarinhar?" (nº260)

A moura pode contactar o humano apenas pela voz, não se apresentando fisicamente. É o caso do excerto acima transcrito, onde as mulheres do linho são postas à prova através do choro dos meninos. A voz da moura parece funcionar como a do próprio diabo tentando o humano. Mais uma vez, faz lembrar as sereias, personagens também encantadas que, de acordo com a mitologia, tentavam e seduziam os marinheiros através do seu canto. Umas como outras, estão envoltas num secretismo e universo oníricos, capaz de aliciar o próprio mundo masculino muito mais vulnerável à tentação. Neste sentido, é importante salientar a resistência das mulheres do linho à voz das mouras.

O modo como a moura interpela o humano, pode assumir as mais variadas formas. É comum um

"barulhinho" ou simplesmente "barulho" como podemos constatar nas seguintes palavras: "...no lugar da Ferrada o barulhinho que se ouve – pim pim, pim pim, pim pim... - é de uma moura encantada de grande beleza..."(n°185)

35

Porém, o diálogo é, indubitavelmente, o modo eleito pela moura para interpelar o cristão. É nesta "conversa" que ela propõe ao seu interlocutor um desafio, um acordo que, a ser cumprido, traria riqueza a este último e felicidade à primeira, na medida em que finalmente, seria desencantada. Salientamos, todavia, alguns textos que apresentam o humano enquanto interpelador da moura. Também nesta situação, é notória a diferença entre a reação da moura quando abordada por um elemento feminino ou masculino. Ao ser pelo primeiro, não lhe responde, como podemos constatar na "Lenda da moura branquinha"(n°231) em que "...uma senhora de Valnogueiras...quando foi levar o almoço ao marido...deparou com uma moura muito bonita... - Quem és tu? – perguntou. A moura não respondeu. A mulher aproximou-se mais e insistiu (...) Então a moira quebrou o silêncio e disse-lhe: - Deixa-me em paz! Não quero nada do que é teu!"

Já quando é interpelada pelo elemento masculino, este "sabe-lhe falar" como é disso exemplo a lenda n°3: "Na fonte de Vilarelhos...vive uma linda moura que guarda um valiosíssimo tesouro. Um homem a quem apareceu soube-lhe falar e ela prontificou-se a dar-lhe seis vinténs diários..." Mas a moura encantada seleciona outros meios para se aproximar do humano: através do choro, na lenda "O guerreiro e a princesa moura"(n°56); utilizando a figura do diabo, na lenda "A fraga da tecedeira"(n°4). Neste último texto, um padre tenta desencantar a moura e talvez por isso, isto é, por ser padre, símbolo da igreja, lhe apareça "o diabo escarranchado na ponta do peso do lagar". O diabo interroga o padre dizendo: "- O tesouro aqui está. Onde quer que vo-lo apresente?" Poderemos questionar o porquê da intervenção de personagens como o padre e diabo. Consideramos que é o diabo a aparecer e não a moura porque é o padre quem vai à procura do tesouro. Ora tal não deveria acontecer, pois um homem da igreja não deveria estar minimamente interessado em bens materiais, daí aparecer-lhe a figura diabólica, seu pretenso oposto, como que a recordar-lhe os valores perdidos. Além disso, registamos ainda outro aspeto que consideramos não ser casual: trata-se do dia dos acontecimentos – um Domingo - dia sagrado e de descanso, segundo os mandamentos católicos, mas igualmente de celebração eucarística, função que o padre deveria desempenhar em vez de estar à procura de riqueza.

A bela moura tenta ainda contactar o humano simplesmente pelo olhar ou pela sua presença sem, no entanto, manter qualquer espécie de diálogo. Na lenda "A moura e o cavaleiro cristão"(n°255), este conseguiu finalmente ver a princesa e "trocar com ela olhares de cumplicidade amorosa". Já na "Lenda da fonte da moura de Seixo de Ansiães"(n°47), "De sete em sete²⁷ anos a moura aparece a alguns mortais a quem promete imensas riquezas se lhe quebrarem o encanto".

Esta questão dos sete anos e da figura encantada escolher a quem quer aparecer, vem trazer a lume, novamente, a questão do entreaberto, conceito que se refere à hora escolhida pelos seres do além para entrarem em contacto com o plano terrestre. Em muitas das lendas, a altura privilegiada oscila entre o meio-dia, a meia-noite ou numa manhã de S. João, sendo esta última a que mais ocorrências regista. Por vezes, presenciamos duas situações de entreaberto numa mesma narrativa como acontece na lenda "A moura encantada e o lenhador"(n°246) : "À meia-noite do dia de S. João, o curioso poderá ouvir em diferentes rochas da região de [Souane] o tac-tac surdo de velhos teares..."

Note-se que o S. João coincide com o solstício de verão – e este é um dos momentos tradicionalmente de contacto entre mundos.

Por último, neste capítulo, salientamos as lendas que não apresentam qualquer hora de entreaberto. A bem da verdade ainda são algumas, mais propriamente doze, o que num universo de trinta textos

36

²⁷ O número sete é associado, tal como o número três, à perfeição e ao sagrado. Temos, por exemplo, sete sacramentos, sete dias da semana, sete pecados mortais, etc.

analisados tem a sua relevância, dando a entender que frequentemente, a moura não escolhe qualquer horário para comunicar com o humano. Encontra-o por acaso ou, ao contrário, é ele quem a descobre. Em suma, no universo de textos analisados, a moura escolhe preferencialmente os homens para estabelecer contacto, mas, ainda assim, são quase sempre novos, talvez por serem potencialmente mais fáceis de convencer e de seduzir, mas, por outro lado, não nos esqueçamos que também estas mouras são jovens e belas, é por isso natural que prefiram interlocutores pertencentes à mesma faixa etária: "um rapaz", simplesmente "rapaz" ou "rapazes". Destes rapazes, sobressaem "um jovem cavaleiro (lenda 255); "Um cavaleiro cristão" (nº 56); "D. Telmo"; um "pastor" (nºs 40 e 43); um príncipe (nº 55). Mas a moura também mantém contacto com "um maluquinho" (nº 36); "um homem do carvão" (nº 227); "um padre" (lendas 4 e 49); "um lenhador" (nº 246); "um caçador" (nº 55).

Claramente verificamos uma preferência pelos homens, independentemente da sua condição social, pois assim como temos príncipes também temos "homens do carvão" ou ainda do seu papel na sociedade a que pertencem, já que temos "um maluquinho" e, igualmente padres. O resultado é uma apreciação dos elementos constituintes da sociedade nortenha a que estes textos pertencem.

Já no que respeita o contacto com o elemento feminino, a situação revela-se bem diferente, pois esta é uma interlocutora pouco procurada pela moura, uma vez que é difícil de seduzir. Já vimos ser esse o caso das mulheres do linho. É igualmente interpelada uma pastora jovem que também não se deixa seduzir. A moura tenta aliciá-la com um tesouro, mas a pastora abandona a ideia por não saber como enfrentar os pais perante tal riqueza. Parece-nos, então, que a mulher "é mais séria" não se deixando corromper pelo dinheiro. A única lenda (das escolhidas) onde se concretiza a sedução do elemento feminino, prende-se com uma postura fatal da mulher ao ser demasiado curiosa, não chegando, por isso, a receber qualquer recompensa. Tal sucede na lenda "A fonte da moura de S. Julião" (nº30) em que uma mulher vai à fonte à meia - noite:

... e entrou-lhe a ponta de um cordão para o cântaro. Ela pegou nele e começou a dobar até fazer um novelo grande ... resolveu partir o cordão.

Nesse mesmo instante o novelo desapareceu-lhe das mãos, e ouviu uma voz que disse:

- Marota que me encantaste para toda a vida.

L- Temática

Os temas difundidos por estas narrativas são muito vastos e facilmente nos deparamos com amálgamas temáticas, porquanto os conteúdos e assuntos não são lineares. No mesmo texto encontramos indícios de vários temas, mas habitualmente é possível identificar um em especial pela sua predominância. Assim, considerámos a possibilidade de subdividir este item nos pontos que seguidamente enumeramos.

Temática próxima dos contos tradicionais e assuntos amorosos

Tal como referimos no capítulo quatro, quando abordámos os conceitos de lenda e conto popular, a norte é comum depararmo-nos com textos de carácter mais geral, muito próximos dos contos tradicionais onde é perceptível o simbolismo dos números (nº3 e 7)²⁸, surgem fadas, velhas (semelhantes às bruxas), príncipes, princesas, finais felizes (mas poucos). Tal é o caso da lenda da "Mina da Bolideira" (nº55) onde um príncipe é confrontado com uma serpente encantada guardando um altar em ouro. Quando tenta

²⁸ CF nota 27

Não passes daí, senão morres!". O valente príncipe não mostrou medo e avançou dizendo: "- Ó serpente que te arrastas/ dia e noite nesse pranto, / levanta-te desse chão, / desfaça-se o teu encanto!" O príncipe cristão desencanta a princesa moura e acaba por casar com ela como forma de recompensa: "Diz-se que o príncipe e a moura casaram e passaram a viver ali, onde em certas noites, ainda se ouvem cantigas e risos de alegria.

Mas este texto constitui a exceção e não a regra: "E à medida que ia dizendo estas palavras, a serpente ia-se transformando uma bela menina, pois mais não era que uma moura que tinha sido encantada por uma fada má." Neste caso, o desencanto acontece apenas por razões amorosas entre uma moura e um cristão ou vice-versa.

A mesma situação ocorre na lenda "A moura e o cavaleiro cristão" (nº255). As personagens enamoram-se e sofrem, por isso, as represálias do seu povo: os mouros aprisionam a bela princesa moura através de um encanto e os cristãos chacinam a aldeia moura.

Temática onde existe confronto ou confusão entre o cristianismo e o islamismo

Em certas narrativas, assistimos a uma mistura entre o cristianismo e o islamismo, fruto, provavelmente, de séculos de convivência e nem sempre de confronto. As lendas "[O Segredo da moura]"(nº5) e "Santa Colombina de Gimonde"(nº31) são exemplificativas, uma vez que mostram mouras que se tinham prometido a Jesus Cristo. Não deixa de ser curioso, uma vez que se trata de uma moura que, supostamente, deveria professar o islamismo e não o cristianismo, mas também já anteriormente nos deparámos com mouras "demasiado brancas" que mais parecem a própria Virgem. No caso desta última narrativa, acontece ainda outra situação inédita: ao contrário da maior parte dos textos que demonstram uma tendência das mouras e mouros para se manterem no anonimato, ou pelo menos, em não se exporem demasiado, aqui a moura aparece a uma mulher e pede que seja construída uma capela. Parece-nos que esta personagem não será uma moura no sentido histórico, mas sim uma moira com significado de "outra", isto é, apenas um ser do além.

"Santa Colombina de Gimonde" (nº31) é uma lenda exemplificativa da tentativa de supremacia do cristianismo face ao islamismo, dando a entender que o primeiro é tão forte e sobremaneira importante que até os infiéis se convertem. O rei mouro, havia concedido a mão da jovem a um cavaleiro rico, "Porém, Colombina ficou aflita, porque, sem o pai saber, estava prometida a Jesus Cristo.

Moura encantada em cobra ou serpente/ vertente ctónica

Trata-se de uma temática recorrente, exatamente por ser a metamorfose eleita pela moura. Geralmente, trata-se de uma grande cobra que só será desencantada se: " aparecer alguém que, em vez de a escorraçar ou fugir assustado, tiver a coragem de ficar quedo e de se deixar beijar pela cobra, esta transformar-se-á, ato contínuo, em pessoa humana. Deste modo se quebra o encanto e o corajoso receberá o tesouro que o fará muito rico." (nº54). A cobra, frequentemente, apresenta uma cabeleira loura: "Um rapaz, intrigado com o barulho, aproximou-se e viu então uma cobra enorme, com uma grande cabeleira, a qual penteava com um rico pente de ouro..." (nº258). Nesta temática, a cobra atrai o seu interlocutor, fazendo-lhe habitualmente a proposta deste lhe dar um beijo. No final, todos os textos terminam com o não cumprimento da promessa devido ao medo manifestado pelo interlocutor, continuando a moura encantada em serpente. As serpentes, por se esconderem em covas, subterrâneos, portanto, debaixo da terra, apontam para uma vertente mais ctónica, própria da zona nortenha. Estes espaços encerram o simbolismo de serem

consideradas zonas limite tanto para os humanos como para os seres que não são deste mundo. Se qualquer um deles ultrapassar esta fronteira, interferirá, inevitavelmente no mundo do outro.



Referências históricas / mouras construtoras

38

Várias são as lendas fartas em referências aos mouros históricos que por cá viveram. Todavia, não existe nem precisão temporal nem espacial. É feita alusão a outros tempos: "Diz-se que noutros tempos viveram ali os mouros." (nº260)

Já na lenda nº262, opta-se por enumerar hábitos dos sarracenos, indo estes "buscar água ao rio" de forma isolada para não serem descobertos pelos cristãos.

Também na lenda nº261: "Diz a crença popular que nelas habitaram os mouros..." Associados a estes hábitos "do outro", encontramos uma clara tentativa de se distanciarem e isolarem dos humanos. Para isso constroem grutas, fortes e palácios debaixo de terra. Locais que ajudam a perpetuar o seu misticismo junto do imaginário popular. Não se vendo o que por lá acontecia, apela-se à imaginação onde tudo é possível. De resto, a associação dos mouros aos subterrâneos e construção de palácios no seu interior, ou mesmo à construção em geral, é já antiga, pois que referências há a estas personagens detentoras de uma força descomunal capaz de elevar grandes pedras e de realizar várias tarefas em simultâneo. Lembremo-nos das mouras construtoras que carregavam pedras à cabeça ao mesmo tempo que fiavam e amamentavam os filhos.

Temática da maternidade / fertilidade

Este é um assunto que, a nosso ver, aproxima bastante as mouras encantadas das mulheres cristãs porque se trata de todo um universo feminino. Esbate-se aqui o mundo sobrenatural e o terreno devido à preocupação com os filhos que, afinal, afiguram-se ser o mais importante nas vidas destas duas figuras femininas.

Já aqui falámos das mouras que ao mesmo tempo que constroem ou fiam, cuidam dos filhos. Nos mesmos moldes, as mulheres do linho realizam as suas tarefas levando os filhos porque têm de os amamentar. Em suma, ambas as personagens manifestam as preocupações e realizam tarefas muito idênticas no mundo a que pertencem.

5.1.2. As Mouras a sul

A nossa abordagem relativamente às mouras do sul, diverge daquela realizada sobre as mesmas personagens a norte. Essa diferença decorre do método utilizado por Ataíde de Oliveira, estudioso em quem nos baseámos para a elaboração desta parte do trabalho. Nalguns textos, percebemos perfeitamente a intervenção do narrador, noutros, o autor limita-se a transmitir o que lhe foi contado, tal como fez Alexandre Parafita relativamente às lendas do norte. É assim importante, desde já, estabelecermos que os autores em quem alicerçámos o nosso trabalho, utilizaram também eles, métodos distintos para chegar ao seu objeto de estudo e parece-nos claro que isso tem de ser tido em conta ao explicarmos a abordagem desta análise.

Passaremos a explicitar um pouco melhor: Ataíde de Oliveira, no livro *As mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve*, optou por, de uma forma muito pessoal, construir uma narrativa que acompanha a sua própria viagem, na senda de lendas de mouras encantadas. Quer isto dizer que nos apresenta as narrativas à medida que estas lhe vão sendo contadas e, talvez por isso, as mesmas surjam

sem título. Por esse motivo, decidimos ser nós a denominar esses mesmos textos e numerá-los, de forma a ser possível a sua identificação. De modo que os apresentamos entre parêntesis retos e diretamente relacionados com a temática que desenvolvem. Desta feita, quando nos referimos, por exemplo, à lenda nº1, a numeração é da nossa autoria e aparece como tal, nos anexos destinados às lendas do sul.

39

Nesta região, deparamo-nos com algumas lendas muito extensas, onde é perceptível a intervenção e parcialidade do autor. Tal é o caso da "Lenda da Moura Cassima" (nº1), "Lenda da Moura de Salir" (nº17), entre outras. Essa tendenciosidade é transmitida por um narrador subjetivo, pois não só contextualiza historicamente os seus textos e, como tal, é usual encontrarmos datas e nomes de figuras históricas tanto da parte dos mouros como dos cristãos, como mostra a sua simpatia ou repulsa para com determinadas personagens. Acrescente-se também que as lendas acima referidas parecem servir de referência a muitas outras que àquelas estão ligadas. Assim acontece com a lenda nº15 que se situa nas "proximidades da fonte Cassima" e da lenda " [Fonte da Moura]" (nº2) e é também esta a razão pela qual tantas vezes faremos referência a estes dois textos.

Por último, é necessário explicar que Ataíde de Oliveira, aqui e acolá, vai apontando uma certa alteridade que não contempla necessariamente os mouros. Nas palavras do próprio autor:

Para o algarvio uma caverna de forma menos regular foi necessariamente habitada pelos mouros; os poços, as fontes, os penedos, furnas e os algares, foram esconderijos dos mouros; os castellos arruinados, muralhas, as torres e todos monumentos, cuja origem lhe é completamente desconhecida, são obra dos mouros, porque os julga o único povo antigo. (Oliveira, 1898: XVIII)

Um pouco mais à frente, o mesmo autor, dá ênfase a esta ideia através das palavras de um seu informador do povo:

-Ainda ha bem pouco tempo existia ali uma pedra, que pertenceu a uma casa de mouros. Essa pedra está hoje em poder do nosso pároco.

-Engana-se, respondi. Essa pedra fazia parte de um dólmen, e por tanto remonta a uma época anterior.

-Anterior aos mouros? Perguntou o meu homem muito espantado.

-Certamente.

-Isso não pode ser.

-Por que?

-Anterior aos mouros só houve os hebreus lá na Asia...

Não me causou espanto esta resposta, pois que o nosso povo não vai além do domínio dos serracenos. (Ataíde de Oliveira, 1898:76)

No fundo, para o povo, tudo o que é antigo é sinónimo de "mouro" ou do "tempo dos mouros".

A – Localização

No sul do nosso país, é inquestionável a forte ocorrência das mouras encantadas em fontes, cisternas e mesmo no "rio seco" (nº30).

Pelo número de ocorrências registadas, concluímos que a relação das mouras com o elemento água é muito forte. Podemos apontar várias hipóteses para esta preferência, mas se quisermos relacionar as mouras com as ondinas ou antigas ninfas das águas e não propriamente com as sarracenas, verificamos que para os antigos lusitanos, o culto das águas e sua consequente santificação assumia grande relevo. Esse interesse ainda hoje se mantém em qualquer cerimónia religiosa porque personifica a vida, o retorno às origens, o renascimento e a regeneração, mas aqui intimamente ligada à religião católica, simbolizando purificação, na medida em que este é um estado que se alcança pelo batismo. Trata-se de um elemento

primordial, essencial à vida e desde sempre, com a sua importância, independentemente da religião.

Segundo o Dicionário dos Símbolos:

[a água]... é considerada como sendo o ponto de partida para o surgimento da vida - toda a vida vem da água -, daí sua simbologia estar ligada à matrix -mãe -. É um símbolo do Gênese, do nascimento, e para os vedas é chamada

40

de mâtirimãh, o que quer dizer: " a mais materna. Nos mitos dos heróis ela está sempre associada ao seu nascimento ou renascimento: Mitra nasceu às margens de um rio, enquanto que Cristo "renasceu" no Rio Jordão.²⁹

De acordo com a mesma fonte: “[trata-se de]um dos símbolos do inconsciente, sendo que o ato de entrar na água e dela sair, possui uma analogia com o ato de mergulhar no inconsciente, enquanto que ser lançado à água é similar a ser entregue ao seu próprio destino.”³⁰

Esta ideia pode explicar o triste destino das mouras, encantadas para sempre, assim como as emoções que as acompanham neste processo. Daí, muitas vezes "carpirem " longe do seu povo ou dos reis mouros ficarem tristes por terem de encantar as próprias filhas.

É importante entendermos que a ligação das mouras encantadas à água, também pode ser entendida pelo facto do povo árabe ser oriundo de regiões mais áridas, onde este elemento é escasso e, portanto, os mouros sentiam necessidade de dominar as técnicas de captação e distribuição de água. Estes são dados históricos comprovados, especialmente nas regiões do Alentejo e Algarve.

Não obstante o destaque do elemento água nos textos sulistas, a localização em subterrâneos, portanto, lugares ctónicos, assume também a sua importância. Parece-nos assim evidente, a procura e influência dos elementos considerados primordiais à formação do universo: terra e água. Constituintes fundamentais e comuns tanto à religião cristã como islâmica e mesmo a religiões anteriores. Assim, surgem mouras encantadas em palácios subterrâneos, como é o caso da lenda nº10, em que os muçulmanos se reúnem numa sala subterrânea, ou da lenda nº12 que tem lugar debaixo de uma casa.

Do mesmo modo, é recorrente o aparecimento dos seres encantados perto de arcos ou de ruínas, apontando para um carácter mais histórico dos árabes no sul do país. Trata-se de reminiscências de um passado histórico vincado nestas populações. Desta feita, temos referências do género: "perto d'uns restos do antigo casarão" (nº5) ou "arco do castelo" (nº11).

Paralelamente, encontram-se ruínas associadas a locais cristãos. Apontamos como exemplo a lenda nº14, que se situa perto da igreja de Sant'Ana e da lenda nº16, localizando-se no "arco da Senhora do Pilar". Esta situação não deixa de ser curiosa, pois tratando-se de lendas mouriscas, normal seria que estivessem mais próximas de monumentos islâmicos. Contudo, sabemos que, tendo mouros e cristãos convivido durante muitos séculos, é perfeitamente normal que houvesse uma certa mistura de costumes e também uma tendência para um processo de aculturação. De resto, as próprias lendas deixam alguns indícios desta afirmação. Por exemplo, na já mencionada "Lenda da Moura Cassima", diz o narrador: “Chegou afinal a noite de S. João, noite igualmente festejada por mouros e christãos.” Este aspeto de relativa confusão entre ambas as culturas é único a sul.

Concluindo este capítulo da localização, considerámos importante destacar ainda três aspetos: o primeiro referente à lenda nº13, cuja ação decorre "perto de um portão", sugerindo um corredor entre o terreno e o sobrenatural, no qual a portada funcionaria como forma de contacto entre os dois mundos, especialmente em horas ditas do "entreaberto". Em segundo lugar, surgiu-nos também uma lenda cuja ação decorre "perto de uma figueira" (nº7), o que não é de estranhar, visto ser uma árvore de fruto tipicamente algarvia e o seu fruto, os figos, serem elementos igualmente tradicionais e por isso associados, com enorme

frequência, aos tesouros. Novamente, podemos entender esta árvore, tal como muitos outros factores, prova da influência muçulmana nesta zona do território português:



²⁹ “Água” in Dicionário dos Símbolos – disponível em:

<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/searchController.do?hidArtigo=6261DB66595A8E631B55264BB9A997E7>

(consultado a 19 de março de 2012)

³⁰ Ibidem

Nestes centros urbanos laboravam artífices, lojistas e mercadores de longo curso. Alimentavam-se da produção agrícola do alfoz ou termo, pontuado por aldeias camponesas. O modelo agrícola, favorecido no Andaluz, incentivava a arboricultura, com predomínio da figueira, da oliveira, da vinha e de plantas exóticas como a romãzeira; desenvolvia a agricultura de regadio que deixou as suas marcas no Ribatejo. Nas terras do norte deixou os cristãos com a sua religião e os seus usos mediante o pagamento de um tributo. (Coelho,1999:3)

B – Tesouro

No capítulo dedicado às mouras nortenhas, tivemos já oportunidade de nos referirmos aos tesouros. Mas por que surgem tantos tesouros? O povo responde a esta questão de uma forma simples a que o próprio Ataíde Oliveira dá voz nas seguintes palavras:

A rapidez no combate e na tomada dos castellos foi extraordinário, e por isso os Serracenos viram-se n'um imprevisto, forçados a largar tudo o que mais amavam e desamparar as suas villas e cidades. Esta fuga repentina e as ideias do tempo relativamente às artes mágicas deram origem às lendas das mouras encantadas. (Oliveira, 1891:24)

Grande parte das narrativas apresenta tesouros, ainda que, por vezes, este esteja apenas implícito. As riquezas podem surgir das mais variadas formas:

- Cintos de pedras preciosas;
- Figos transformados em ouro;
- Dobrões em ouro;
- Peças de ouro;
- Madeixas de fios de ouro;
- "riquezas sem conto"(nº18);
- "tesouros na cisterna" (nº18);
- Pente de ouro;
- Tesoura de ouro;

Os figos surgem associados ao ouro, ou porque nele se transformam, ou porque o ouro se transforma neste fruto. Seja como for, é de salientar a associação entre o ouro, objeto material, e os figos, simbólicos da alimentação essencial ao homem, à semelhança do que acontecia com o leite nas lendas nortenhas. Sendo assim, poderemos dizer que a alimentação assume tanta importância quanto o próprio ouro.

C - Ações, atividades ou qualidades das mouras e objetos simbólicos

No estudo das ações que a moura a sul realiza, é preciso ter em linha de conta a escassez de lendas apresentando apenas como personagem a moura encantada, pois a esta surgem associados os mouros e os mourinhos. De forma que num mesmo texto poderemos ter tantas ações quantas as personagens

intervenientes. Por exemplo, a lenda nº30 apresenta um mouro que encanta a filha, suplicando-lhe esta, de joelhos, que não o faça. Assim, temos um rei mouro que encanta através de magia, e uma princesa moura triste e suplicante. A razão para tantas personagens está diretamente relacionado com a ocorrência de famílias inteiras encantadas na região sul, daí reunirem-se frequentemente em palácios subterrâneos onde todos habitam, ou, mesmo não morando no mesmo espaço, marcam reuniões e convergem nesse local para dialogarem.

No corpus lendário por nós analisado, sobressaem, pelo número de ocorrências, as seguintes ações por parte das mouras:

42

- A moura surge muitas vezes a banhar-se, especialmente nas manhãs de S. João e horas consideradas do entreaberto por serem as escolhidas para o contacto com os humanos;
- Interpela o humano, fazendo-lhe propostas, desafiando-o (nº2 e 3);
- Entra em fontes (nº6);
- Reúne-se com os seus familiares (nº10);
- Penteia-se, embora as lendas em que tal tarefa ocorre sejam escassas (nº11e 18); •

Passeia (19);

- Seduz rapazes (nº23);
- "sentada à beira do caminho" (nº21);
- Costurando (nº21);
- Convida os humanos para a sua casa (nº24);

Resumindo, o que realmente nos parece é que as mouras encantadas desenvolvem uma vida paralela aos humanos, mas enquanto estes realizam as suas tarefas e manifestam os seus hábitos e tradições à superfície, aquelas realizam-nas subterraneamente para que estejam em paz e não sejam descobertas. Contudo, de quando em vez, sentem necessidade de se socializar com os humanos e, então, tentam contactá-los nas horas de entreaberto, usando recorrentemente, para tal, as crianças mouras.

Como é lógico, os objetos, simbólicos ou não, estão intimamente ligados às ações ou atitudes das mouras. Assim, tal como surge um considerável número de personagens, também abundam os objetos. Numa mesma lenda, como é o caso da já referida "Lenda da Moura Cassima", podemos encontrar um cinto de diamantes, simbolizando os famosos tesouros, como também três pães, convergindo para a importância dos alimentos. De resto, certamente que o facto de ser pão e não outro alimento, não é fruto do acaso. Para as populações, o pão simboliza o alimento mais importante, mas também o que é capaz de substituir qualquer outro.

A água, de que já falámos³¹, é igualmente um elemento presente, associável ao início do universo. Além disto, é preciso não esquecer que a sul encontramos com maior frequência o número três: "três pães", "três mouras", "três tinas de água". Este simbolismo é mais óbvio em lendas que se aproximam dos contos tradicionais. É esse o caso da atrás mencionada "Lenda da Moura Cassima". É muito frequente encontrarmos "figos", "figueiras" ou "esteiras de figos ao sol" não só por se tratar de um mantimento, mas porque é um fruto típico do sul do país, mais propriamente, do Algarve. Mas os figos, elemento

sobremaneira relevante nos textos do sul, ocupam o segundo lugar por ordem de ocorrência, pois "as crianças de barrete encarnado" (nº25) ocorrem em maior número³². Por último, constatámos a presença de animais: um peru, uma cabra, um touro, mas apenas uma serpente, ao contrário do que acontecia a norte. Foi igualmente possível encontrar alguma referência a

³¹ Cf o subponto "A- Localização", p.40

³² Este será um ponto a desenvolver aquando da análise dos mourinhos. Contudo, considerámos importante referir agora, por se tratar de um elemento simbólico nas lendas de mouras.

elementos possivelmente católicos como "uma mulher vestida de branco" (nº13) ou uma "moura muito alva" (nº21), sugestivas da figura da própria Virgem. Mas foi um caso muito esporádico.

D – Ações/atitudes dos humanos

Abonando a favor da nossa tese, que aponta no sentido das tarefas das mouras serem paralelas às dos humanos, encontramos situações em que várias personagens humanas convergem num mesmo texto. Por exemplo, na "Lenda da Moura Cassima", o humano cumpre o que havia prometido ao rei mouro. No entanto, a sua mulher é demasiado curiosa e, em consequência dessa atitude, quase deita tudo a perder. Temos também aqui, duas personagens e duas ações.

No sul, as atitudes dos humanos não divergem muito das ações observadas a norte. O medo, o susto continua aqui a registar o maior número de ocorrências. Contudo, alguns pontos são diferentes: a sul, temos várias ocorrências de homens que vêm para casa a desoras e, noutras ocasiões, encontram-se até munidos de armas: "Então o cavaleiro collocou a clavina, de que andava sempre acompanhado, em condições de fazer fogo, e ao mesmo tempo correu com força o ferrolho." (nº13) Ainda mulheres que se encontram para conversar, a horas já avançadas da noite, à porta de casa. Este último elemento afigura-se curioso já que esta é uma prática alentejana e algarvia, pelo menos, entre as mulheres mais idosas. Por outro lado, corrobora a nossa ideia de que a sul as lendas têm uma maior ancoragem na realidade, como, aliás, é próprio desta tipologia textual.

Podemos assim apresentar uma leitura sumária das atitudes mais recorrentes por parte dos humanos:

- Homem cumpre promessa, mas a mulher é curiosa;
- Fazer sinal da cruz;
- Assustar-se, ter medo;
- Falar demais por contar aos companheiros, amigas ou marido;
- Rapaz tenta desencantar a moura;
- Homem vem para perto da meia-noite (hora do entreaberto);
- Homem armado;
- Mulheres falando às portas de casa a desoras

- Homem rouba perus.

E – Encanto/Desencanto/Solução para quebrar o encanto

Como aconteceu nas lendas do norte, também a sul o encanto constitui a base das narrativas cujos protagonistas são mouras. Por que razão terão estas personagens sido encantadas? O povo, na sua simplicidade e humildade, encontrou uma explicação: "- Quando os cristãos entraram em Loulé, muitos mouros foram encantados com toda a família. Suppunham talvez que não fosse duradouro o encanto e que

44

voltariam em breve à vida real, pois estavam convencidos de que os marroquinos viessem logo reconquistar a villa."(Ataíde de Oliveira, 1898:35)

Na realidade, é frequente verificarmos que as personagens, embora saibam que estão encantadas e demonstrem estar infelizes com esse estado, não evidenciam grande preocupação em serem desencantadas. Será esta a razão pela qual poucos textos do nosso corpus registam acordos entre os seres encantados e os humanos por eles interpelados.

Claro está, que esta não é uma verdade recorrente em todas a lendas. Mais uma vez, na "Lenda da Moura Cassima", o rei mouro demonstra a maior das preocupações em desencantar as suas três filhas. Porém, encontramos muitas lendas que não propõem qualquer solução para quebrar o encanto. No universo de trinta lendas selecionadas, metade não apresenta solução para o desencanto. A outra metade distribui a quebra do encanto pelas seguintes soluções:

- Um carpinteiro deveria cumprir o acordo;
- Um rapaz deveria lutar com um leão e um touro;
- O humano deveria "regar a área do terreno encantado com a água da massa fabricada e manuseada em noite de S. João." (lenda nº10)
- " antes do sol nado...junje os touros e tira um rego da igreja de Salir." (lenda nº18) •

O cristão deverá escolher entre um objeto e a moura;

- O cristão deve beijar a moura;
- A cristã deverá dar um bolo cozido ao mourinho;
- O humano deverá esgotar uma nora a baldes ininterruptamente.

F - Tentação, desafio/ ceder à tentação/ interlocutor

Neste ponto, servimo-nos da mesma estratégia dedicada às mouras a norte, isto é, juntámos o item "interlocutor" à tentação, pois esta, assim como o facto de ceder ou não a essa mesma tentação, são aspetos intimamente relacionados. Queremos dizer com estas palavras, que o facto do interlocutor ser homem, mulher ou criança, faz, na realidade, diferença, tanto na abordagem realizada pela moura como na resistência dos humanos às provações por que têm de passar.

Ora, proporcionalmente ao vasto número de lendas que não apresentam qualquer solução para quebrar o encanto da moura, temos igualmente muitos textos desprovidos de tentação e, conseqüentemente, o

humano não cede a essa mesma provação simplesmente porque não precisa.

Dentre as tentações possíveis, sobressaem as propostas feitas aos humanos pelos seres encantados e que visam situações como desenterrar uma panela, apanhar perus, tirar figos, curiosidade em visitar as casas subterrâneas dos mouros, namorar uma moura ou por ela ser seduzido e obtenção de riqueza. É óbvia a relação entre a tentação e a comida, mas também entre esta e os produtos típicos da zona em que estes textos se integram. Assim se entende o predomínio dos figos, já anteriormente mencionados. Todavia, também aparecem os perus e a moura encantada que pede à lavradora que a deixe provar da sua comida (lenda nº24).

45

Este predomínio dos figos apresenta-se como a principal razão para os humanos cederem à tentação, mas temos uma lenda em que o ceder se deve ao amor, muitas outras em que a curiosidade, desejo de enriquecer e o falar demais se apresentam como principais motivos.

Praticamente todas as lendas onde há tentação, apresentam também cedência. O que é realmente distinto é o facto de serem, em boa parte dos casos, mourinhos a tentarem os cristãos e sabemos perfeitamente que as pessoas cedem facilmente às crianças. Nas restantes lendas são homens ou mulheres, nos seus afazeres, a cederem à tentação, mas o certo é que os homens cedem mais facilmente. As mulheres, quando sucumbem à tentação, é por falarem demais ou serem excessivamente curiosas, portanto incapazes de guardar um segredo

Já os homens, é pela sedução, pois tradicionalmente, a moura apresenta-se bela, jovem e muito sedutora. Dentre os homens, salientam-se “os rapazes” (nº23), “um mancebo” (nº18), “um cavaleiro”(nº27). Os que já não são assim tão jovens, são surpreendidos pelos seres encantados enquanto procedem aos seus afazeres, às suas tarefas diárias, o mesmo acontecendo com as mulheres. Assim, temos:

- "Um moleiro"(nº26);
- "Uma lavradora"(nº24):
- “um trabalhador”(nº2);
- “homem montado na mula”(8);
- “diversas pessoas”(nº18);
- "Algumas pessoas"(nº9)
- “ certo marítimo”(nº29);
- "Uma lavadeira"(nº28);
- “homem que ia a passar”(nº30).

G – Acordo/ Quebra de acordo/ Castigo ou recompensa

A sul, poucas são as lendas que contemplam acordos e, conseqüentemente, quebra dos mesmos. Considerámos a hipótese de tratar “acordos” juntamente com o item “solução para quebrar o encanto” por nos parecerem, de início, expressões praticamente sinónimas. Porém, à medida que íamos precisando a

nossa tese, verificámos que tal não era totalmente fidedigno, já que um texto pode propor a solução para a quebra do encanto da moura sem que esta personagem faça qualquer acordo com o ser humano. Do mesmo modo, pareceu-nos importante, considerar simultaneamente o “castigo/recompensa”, pois consoante o humano cumpre ou não o acordo, assim é igualmente recompensado ou castigado.

Em rigor, das trinta narrativas que constituem a base de trabalho para as lendas desta zona do país, somente dez preveem pactos entre mouros e cristãos, podendo os mesmos consistir nas seguintes tarefas por parte dos humanos:

- Desencantar as três filhas do rei mouro;
- Carregar o ouro sem nada dizer ao marido;
- Lutar com um touro e um leão;
- Fazer opções;
- Não dizer nada a ninguém;

46

Ainda que os acordos sejam poucos, a verdade é que mesmo assim, pouquíssimas vezes são cumpridos. No nosso corpus, apenas a lenda nº1, apresenta um acordo como parcialmente cumprido, pois em todas as outras, o pacto estabelecido não é acatado, resultando, conseqüentemente, num castigo para o humano, em vez da tão desejada recompensa. Nesta lenda, assistimos a alguma recompensa em virtude do acordo ter sido parcialmente cumprido. Não o foi na totalidade, por culpa da curiosidade da mulher e não por vontade própria do humano com quem o rei mouro estabeleceu o acordo:

Contraí contigo um compromisso, e não será um velho crente que faltará á sua promessa. Nessa noite, por ordem do governador, embarcou o nosso carpinteiro em um barco veneziano que o levou diretamente a Faro. Conta se que foram tão importantes as riquezas que o pai das mouras lhe ofereceu que ele chegara a comprar todo aquelle terreno...”

Mas, nas restantes lendas, porque não foram os compromissos cumpridos? A resposta é muito simples: devido às atitudes incorretas dos humanos. Quando as mouras pedem para não contar nada, os humanos não agüentam a ansiedade e contam demasiado cedo. Noutras ocasiões, têm tanto medo, que acabam por fugir espavoridos, não chegando a concretizar o pedido da moura. Registámos textos em que ao humano é solicitado que lute com animais ou que se não distraia (lenda nº18), mas o interlocutor demonstra fraqueza e não atinge os objetivos desejados.

Todas as ações têm as suas conseqüências e, nestes textos, o axioma não é menos verídico. Com efeito, as atitudes erróneas dos humanos conduzem-nos ao castigo e não à recompensa pretendida, pois a personagem humana é sempre desprovida da riqueza através de uma das seguintes penalizações:

- “és um parvo: perdeste a tua fortuna” (nº21);
- “será sempre desgraçado” (nº26). O ouro transforma-se em figos;
- A riqueza transforma-se em carvão;
- O ouro desaparece;

- O humano leva uma pancada na cabeça;
- “saiu-lhe dois fachos de luz dos olhos” (nº14)
- Uma cabana é queimada.

De todos os castigos, há um que sobressai e que confere um carácter particular às lendas do sul: a penalização pode não ser imediata, isto é, vai-se repercutir na vida do humano, a médio ou a longo prazo, pois conduz à sua própria morte: “ Foi tão grande o susto do pobre homem, que logo largou a enchada e poz-se de corrida para a sua casa, morrendo dois dias depois.” (nº8). Também na lenda nº 9, “cre-se que [o homem] morreu lá nos Brazis”.

47

Portanto, assistimos a um tipo de penalização mais violento e definitivo, como se de uma praga se tratasse.

H – Apresentação, condição da moura.

Nas lendas do norte, assistimos a uma incrível frequência de mouras metamorfoseadas em serpentes ou cobras de longas cabeleiras louras. Espantosamente, a sul, nas lendas por nós analisadas, isso nunca acontece. Esporadicamente, surgem-nos mouras que sofrem um processo de metamorfose, mas muito raramente em serpente. Temos uma cabra, um rebanho de perus, um carneiro, vários mouros que se transformam em animais, mas constituem a exceção, porque a regra é o encantamento através dos mourinhos. De facto, parece que a quantidade de mouras nortenhas encantadas em serpentes, é tão significativa como a quantidade de mourinhos encantados a sul

Quando a moura se dá a conhecer ao humano, surge encantada em fontes, estátuas de pedra, na figura dos já referidos mourinhos de barrete encarnado, “numa mulher vestida de branco”(nº13) e, frequentemente, irrompem “duas mouras encantadas”(nº18) ou “três tristes encantadas” (nº3), “três mulheres”(nº3). Portanto, o processo do encantamento a sul não é solitário.

I – Forma de contacto com o humano/ "hora do entreaberto"

A chamada " hora do entreaberto", consiste numa espécie de “portão” temporário, através do qual estabelecem contacto seres humanos e sobrenaturais. Tem as suas regras que compreendem, de uma forma particular, os solstícios, meia-noite, meio-dia e, muito em especial, a manhã de S. João, porque se trata de uma data que marca o solstício de verão. É possível que se trate de resquícios de algum culto solar pagão.

Estas preferências constituem um denominador comum às lendas do norte e do sul e podem ser distribuídas pelas seguintes escolhas temporais:

- Verão, em geral;
- Véspera de S. João;
- À meia-noite;
- Ao meio-dia;
- Noite de S. João;

- “ao romper da alva” (nº11);
- Simplesmente à noite;
- “antes do sol nado”(nº18).

Todas estas opções têm em comum a fraca visibilidade por terem lugar à noite ou perto disso, pelo que se torna um ambiente sugestivo à visão destes seres do além. A meia-noite mais ocorrências, seguida do meio - dia e, depois, com sensivelmente igual importância, todas as outras hipóteses. Parece-nos relevante, contudo, salientar neste item dois pontos: em primeiro lugar, podemos constatar um grande número de textos sem referência a qualquer hora preferencial para contactar o ambiente

48

terreno; em segundo lugar, o facto de ser escolhida a época do verão. Este aspeto parece estar ligado às próprias vivências e particularidades das populações sulistas, pois é típico no Alentejo e Algarve, durante o verão, as pessoas estarem à porta de casa a conversar e, portanto, recolherem ao interior das suas casas mais tarde.

Outra questão, neste momento, se impõe: de que modo estabelecem estes seres, contacto com os humanos? Maioritariamente através da simples aparição, mas também pelo diálogo, sendo que este, em alguns casos, não é iniciado pela moura, mas antes pelo próprio humano: “ anda cá, menino, levo-te à tua mãe. A criança, sem dar resposta, deu um salto dentro da fonte e meteu-se por um buraco.” (lenda nº6)

Independentemente de quem as inicia, a verdade é que estas “conversas” são mais longas a sul do que a norte, mas isso acontece porque também temos lendas igualmente longas que dão espaço a esse tipo de diálogo. Mais uma vez, isso acontece na Lenda da Moura Cassima, exatamente pela sua extensão.

J – Temática

As temáticas desenvolvidas por estas narrativas, acabam por ser uma súmula de tudo o que dissemos nos pontos anteriores.

Sem dúvida que as referências históricas, a precisão inclusive do nome de algumas figuras da nossa história, a par do constante recurso aos mourinhos encantados, serão os aspetos mais característicos dos conteúdos aqui tratados.

Todavia, há um outro elemento igualmente diferenciador e que não encontramos a norte: a magia. Com efeito, é frequente a presença de um rei mouro com poderes mágicos capazes de encantar as próprias filhas ou fazer com que um escravo cristão, por artes mágicas, alcance a sua terra natal, em apenas alguns segundos. É claro que este carácter fantástico esteve sempre subentendido, mas aqui está bem explícito:

"- Colloca-te d'aquelle lado do alguidar e dá um salto para traz. Se o salvares de um pulo, encontrar-te-ás imediatamente ás portas da tua villa, se o não salvares cairas afogado no mar.(...)E entretanto o carpinteiro atravessava como uma águia os ares e salvava os mares, chegando às portas da villa, ao romper da manhã." (nº1)

Devemos salvaguardar, e já noutros momentos o fizemos, o facto de vários itens se confundirem. Esta situação é devida à unidade textual, isto é, as várias características influenciam-se mutuamente. É por isso que alguns conteúdos diferenciadores referentes às temáticas aqui abordadas, podem ser igualmente encontrados noutras categorias. Por exemplo, as mulheres demasiado faladoras, constituem uma temática, mas também uma das causas para a quebra de acordos entre mouras e cristãos. Do mesmo modo, num mesmo texto, é possível encontrar mais do que uma temática.

Neste sentido, os temas podem ser distribuídos pelas seguintes ocorrências:

- Ligação à água e elementos que com ela se relacionem, como fontes, tanques, cisternas ou aljudaes;
- Tentação através dos figos;
- Mulheres desobedientes e demasiado faladoras;
- Referência a figuras ou locais históricos;
- Uso da magia;
- Vários mouros encantados em simultâneo, nomeadamente, famílias inteiras;

49

- Morte dos interlocutores humanos ou tristeza permanente;
- Mouras vagueando por castelos, fortes ou precipícios;
- Mouros dispostos a roubar “os santos óleos” (nº24);
- Mouros que demonstram alguma ligação à comida;

5.1.3. Comparação entre as Mouras a norte e a sul

Neste subcapítulo, pretendemos não só considerar todas as evidências tratadas nos capítulos anteriores, como também identificar eventuais particularidades das lendas consoante a sua localização e extrair as devidas ilações. Por outras palavras, é nosso objetivo dar resposta à pergunta que inicialmente formulámos nesta tese: “ A imagem da moura a norte será diferente da moura do sul?”

Desde já podemos afirmar que tanto a norte como a sul, a moura exerce nas populações um evidente e inquestionável fascínio, facto que podemos considerar como uma primeira semelhança. Contudo, o modo como esse deslumbramento se manifesta e é exercido nas comunidades, difere consideravelmente. No demonstrar destas diferenças e/ou semelhanças, considerámos importante manter o método utilizado aquando da análise individual destas personagens a norte e a sul. Assim, procederemos a um estudo por categorias. Inevitavelmente, alguns conteúdos serão repetidos, mas procuraremos reduzir essas repetições tanto quanto possível.

A - Localização

Montes, subterrâneos e rochas, assim como rios, riachos e fontes convergem para a terra e água, respetivamente. Elementos básicos e primordiais, desde sempre adorados pelos povos mais arcaicos e aqui continuados por estas narrativas, mas que constituem também uma grande diferença na localização das nossas mouras. Embora encontremos ambos os elementos nas duas zonas do país, a vertente ctónica é, sem dúvida, muito mais característica a norte e a aquática a sul. Não podemos entendê-las, porém, como vertentes opostas. Pelo contrário, completam-se formando o universo, já que a própria água tem as suas nascentes no centro da terra.

A ligação aquática manifestada a sul, salienta-se especialmente por associação com as fontes e, ocasionalmente, revela o simbolismo da própria purificação, como atesta o seguinte excerto da lenda nº12: “Dizem até que esses seres desditosos, antes da hora da reunião e ao atravessar as veredas subterrâneas

que para ali os conduzem, passam por três tinas cheias de água, uma de cobre, outra de pedra, e outra de ouro."

As pedras, rochas, penedos e fragas muito altas, tão características dos textos nortenhos, dão lugar a muitas fontes e cisternas no sul do país. Já os castros, antas e dólmens localizados a norte, testemunhas, provavelmente, de povos muito mais antigos do que os próprios mouros, transformam-se em castelos, ruínas, subterrâneos, evidências de acontecimentos que aconteceram, de facto, na nossa história. Estamos então, perante um domínio "mais real". A localização a sul funciona como prova da invasão árabe no nosso país porque demonstra vestígios de uma história muito mais recente que acaba por ser visível nos próprios nomes de muitas personagens e localidades (Alcoutim, Aljezur, Alcácer do Sal, etc.). Este último aspeto constitui uma outra diferença importante, pois a própria toponímia dos lugares e cidades aponta para o carácter histórico dos mouros sulistas. A norte, vemos igualmente nomes de localidades como: "Pia dos mouros", "A Moura do monte do piolho". Porém, parecem-nos nomenclaturas que tanto se podem

50

referir às mouras como a outras entidades, porque não encerram as próprias palavras árabes, isto é, não contêm "gravações" linguísticas nos nomes das localidades como acontece a sul³³, certamente por fruto da grande e vincada permanência da cultura muçulmana no sul do nosso país .

Sintetizando, pensamos que a moura nortenha se assemelha mais a um conceito de alteridade e que a do sul, dá lugar a uma verdadeira identidade mourisca.

Pela sua intemporalidade e maior imprecisão espacial, as lendas do norte parecem assemelhar-se mais a contos tradicionais, enquanto as do sul se aproximam da "verdadeira lenda", uma vez que denominam com maior precisão, figuras históricas, castelos que, na realidade, existiram e até mesmo datas de batalhas acontecidas. Esta é verdadeiramente uma temática muito mais desenvolvida pelos textos do sul que pelos do norte.

Em ambas as zonas, sentimos que as mouras encantadas preferem viver escondidas das civilizações, em zonas inacessíveis para os humanos, mas a norte, esta é uma característica muito mais evidente, já que a sul, muitas vezes, estas personagens tentam "conviver" com os cristãos, especialmente através dos mourinhos encantados.

Por último, destacamos o facto de algumas narrativas sulistas decorrerem "debaixo de casa" (nº12) e "à porta de casa" (nº3), situação que nunca verificámos a norte do país.

B – Tesouro

A ideia da existência de riquezas e tesouros está bem patente na maioria dos textos, independentemente da zona em que se integram. Todavia, a preocupação e insistência em enriquecer é maior a norte do que a sul, já que neste último espaço, é considerável o número de textos que não contempla qualquer tesouro. Ainda assim, sem dúvida que em ambas as zonas são apresentados tesouros inacessíveis, que o homem, por falta de tacto, não consegue alcançar.

Em qualquer das regiões, a alimentação é entendida como tesouro e repleta de simbologia. A diferença reside nos alimentos escolhidos: a norte, é preferido o leite, que pode estar subentendido na própria amamentação; a sul, os figos, pão ou bolos são os eleitos. Podemos, então dizer que estas regiões sofrem as influências das suas próprias tradições e costumes, pelo que as lendas não serão mais do que o espelhar das mesmas e o tesouro não é mais do que uma manifestação, um anseio de ter uma vida mais facilitada.

Por outro lado, a sul foi-nos possível verificar palácios subterrâneos repletos de ouro, apontando, mais uma vez, no sentido de uma maior permanência da estadia moura no sul. Neste sentido, o povo terá a sua razão em alegar que, em consequência da sua retirada forçada e inesperada, obrigaram-se os mouros a

deixar as suas fortunas nas mais variadas formas.

C - Ações, atividades ou qualidades das mouras

Também nas ações, atividades das mouras e objetos por elas utilizados ou encontrados nas lendas, é possível registarmos grandes diferenças entre o norte e sul.

A constante associação das mouras às atividades de pentear, fiar, tecer, e, conseqüente alusão a objetos como pentes, linho e teares, caracterizam a moura do norte. Não podemos descurar, contudo, algumas lendas que apresentam as mouras a cuidar dos seus bebês, atitude que não encontra equivalente a sul. Poderemos, quanto muito, vislumbrar alguma associação com a quantidade de mourinhos encantados a sul, mas estes são crianças muito mais velhas e não "tão inocentes".

³³ Especificando um pouco mais, no sul de Portugal, tanto no Alentejo como no Algarve, os nomes contêm prefixos de origem árabe e só pode ter acontecido enquanto fruto de uma grande influência, resultante de muitos anos de uma invasão real.

Ainda a norte, a moura estende barrelas de ouro ao sol, chora algumas vezes, arrasta-se na figura de uma grande serpente, ao mesmo tempo que guarda tesouros.

Já a sul, a moura revela hábitos diferentes: surge junto a figueiras, vagueia por meio de ruínas de antigos castelos onde outrora habitou, sobrevém, frequentemente triste³⁴ ou encontra-se acompanhada pelos seus pares porque existem famílias inteiras encantadas, de modo que têm o hábito de se reunirem. Por esta razão, habitualmente, afigura-se problemático apontar apenas as ações das mouras, já que na mesma lenda encontramos atitudes de várias personagens. Assim, é possível encontrar textos em que a moura pede para provar o almoço de uma lavradora, ao mesmo tempo que a convida para visitar a sua casa, espaço onde muitos encantados de ambos os sexos, pedem para a mesma lavradora lhes dar um beijo, modo de lhe tirarem "os santos óleos" (nº24). A norte, não se verifica esta situação na medida em que os textos, regra geral, apresentam apenas uma moura.

Ainda a sul, a moura surge, com frequência, petrificada em fontes ou estátuas e portanto, muito mais "presa" no seu encantamento do que a norte. Talvez seja essa a razão para uma maior relevância do caráter mágico dos encantamentos, pois as princesas mouras são encantadas pelos próprios pais. Na, já aqui continuamente referida, "Lenda da Moura Cassima", a terceira filha do rei mouro, que dá o nome à narrativa, fica para toda a eternidade encantada dentro da fonte. Também na "Lenda da Moura de Salir", o rei mouro transforma a sua filha numa estátua de pedra, perante o olhar atónito do cavaleiro D. Gonçalo Peres.

Certamente que a simbologia da pedra, tanto a norte como a sul, não pode ser negligenciada, visto tratar-se de um elemento presente em ambos os espaços, mas parece-nos que a norte, é mais entendível à luz de uma certa associação com a robustez dos monumentos megalíticos por ser mais apresentada "em bruto", isto é, não com uma feição tão esculpida, como é o caso das fontes ou estátuas, portanto com um caráter mais profano, uma vez que:

A imagem de uma pedra, principalmente quando de grandes dimensões, sempre provocou admiração no ser humano, como podemos verificar pelas muitas construções megalíticas dos antigos povos. Existem vários exemplos, como as construções célticas e Druídicas da França e Grã Bretanha: dólmenes, menires, e o mais importante calendário de pedra do mundo – Stonehenge.³⁵

Por outro lado, este mesmo simbolismo da pedra ou da moura petrificada, estará ligado ao próprio sagrado, que não é, necessariamente católico:

Os homens procuraram sempre edificar com pedras os Templos dedicados aos seus deuses, onde em alguns casos

mais primitivos proibia o povo de construir suas habitações com outro material que não fosse a terra cozida ao sol. Como elemento tirado diretamente da Mãe Terra, a pedra possuía as qualidades necessárias para que as casas ou quaisquer edificações mantivessem as qualidades e o clima do “útero” terrestre, ou seja, as grutas e cavernas, onde se realizavam rituais e onde moraram os primeiros homens. Isto se deve principalmente pelo fato de as primeiras religiões serem de cunho naturalista, com rituais ao ar livre.³⁴

Esta confusão e mistura entre o sagrado e o profano, pode ser entendido a partir da própria localização de algumas narrativas perto de locais cristãos, como arcos, antigas capelas, ou alusão à Virgem, pois, em vários textos, surgem-nos belas mulheres alvas, muito diferentes da figura feminina muçulmana.

Podemos, deste modo, assumir a ligação às pedras e à figura da Virgem, como itens semelhantes e bastante importantes tanto a norte como a sul. Contudo, a forma como são considerados revelam-se

³⁴ Destacamos, mais uma vez, o facto dos assuntos e ocorrências não serem lineares, isto é, quando dizemos, por exemplo, que a sul a moura vagueia por castelos e ruínas ou anda triste, não significa que não encontremos situações idênticas a norte, pois, como já verificámos, textos há em que é possível constatar tal atitude, apenas não se registam tantas ocorrências, pelo que não constitui um característica tão forte a norte quanto a sul e, como tal, será um elemento diferenciador. ³⁵ Revista Debates Culturais, disponível online em: www.debatesculturais.com.br/ (consultado a 13 de abril de 2012) ³⁶ Idem

dísparos porquanto a norte a moura surge em pedras, fragas e rochas, mas não encantada dentro destes sítios. Ao contrário, a sul, as nossas mouras estão sucessivamente enfeitadas dentro do próprio elemento pedra, quer na forma de estátua, no interior das fontes ou ainda debaixo da própria terra. Uma outra atitude da moura convém destacar. A beleza desta personagem e a sua capacidade de sedução é um denominador comum a ambas as zonas do país. É, no entanto, muito mais evidente a norte porque é aí que a moura, no intuito de atrair os humanos, penteia os seus longos cabelos louros, simbólicos dessa sua capacidade. Esta característica, permite a sua associação às fadas, sereias ou antigas feiticeiras capazes de mudar a vida do elemento masculino de forma enganadora. Por último, no que concerne as atitudes, salientamos a postura única a sul, da moura convidar o humano para os seus espaços subterrâneos. Inicialmente, considerámos curioso, mas deixa de o ser se pensarmos que tal postura pode ser um prolongamento dos hábitos das próprias populações que acolhem estas lendas. É sabido que as populações sulistas são conhecidas pela sua hospitalidade e portanto, têm o costume de convidar as pessoas para as suas casas. Assim, estas ações das encantadas não serão mais do que a extensão das rotinas dos próprios humanos, por um lado, e, por outro, mais uma vez, a influência mútua de culturas que, novamente se verifica.

A presença dos mourinhos de barrete encarnado é também inédita a sul.³⁷ De resto, a forte ocorrência destas pequenas figuras nas lendas do sul não encontra paralelo a norte.

É verdade que existe uma preeminência de diferenças, mas também é possível encontrar semelhanças. Independentemente do espaço, constatamos que as mouras parecem traduzir os hábitos e costumes das populações que as acolhem. Os seus usos, atitudes e mesmo objetos preferidos, são disso exemplo. Também em ambas as áreas, surgem mouras a interpelar os humanos através do diálogo e expõem, ocasionalmente, uma figura muito próxima da imagem da Virgem, testemunho da confusão e influência de culturas de que já aqui falámos.

D - Ações/ atitudes dos humanos

Neste capítulo, teremos que distinguir entre as ações que os humanos operam no que concerne as suas vivências pessoais ou em comunidade, e aquelas que expressam quando contactam com as mouras encantadas.

Relativamente às primeiras, ambas as zonas mostram pessoas nos seus afazeres diários, tomando atitudes e demonstrando ações típicas das suas localidades. Ora, é exatamente nesses hábitos que reside a

diferença, pois enquanto as mulheres nortenhas tecem, fiam, "mondam o linho" (Parafita,2006:383) e chegam a levar os seus filhos para estas tarefas, as do sul conversam à porta de casa, estendem figos ao sol, costuram, lavam roupa, vão buscar água às fontes e os homens andam na rua até muito tarde.

No que respeita o segundo tipo de atitudes, encontramos várias semelhanças entre as posturas manifestadas pelos humanos a norte e a sul: demonstram, continuamente, condutas erradas para com as encantadas, na medida em que fazem precisamente o oposto do que elas lhes pedem: falam demais, têm medo, não cumprem acordos e revelam demasiada curiosidade. Além disso, o que motiva uma boa parte das ações levadas a cabo pelos humanos, é o intuito de alcançar algum tesouro. Porém, a importância dada à riqueza é igualmente diferente. Explicamos melhor: parece-nos que as atitudes nortenhas têm uma maior preocupação com a obtenção do tão proclamado tesouro e esse procedimento não é tão óbvio a sul nem alvo de tanta atenção. A norte, os humanos cortam cordões de ouro, tentam desenterrar painéis com ouro, descobrir teares de ouro e moedas igualmente de ouro, sempre com o objetivo de alcançar riqueza.

³⁷ Cf capítulo sobre "Os Mourinhos a Sul".

A sul, os homens roubam perus, andam armados e são frequentemente assaltados pelas encantadas ou por mourinhos a caminho de casa, muito próximo da meia-noite, hora considerada de possível contacto entre os humanos e os seres do além. Também aí podemos constatar uma maior resistência à tentação, ainda que esta seja experimentada, particularmente através dos figos.

De resto, apercebemo-nos que no sul parece haver um maior respeito pela figura das encantadas ao mesmo tempo que as populações se sentem identicamente mais ameaçadas pela triste sina das mouras. Talvez por isso, os tesouros não alcancem tanta importância como a norte acontece. Transcrevemos as próximas palavras no sentido de defender esta nossa posição:

- Que mal lhes faço contanto esta história?

- Não se faça ignorante. O senhor sabe perfeitamente que contar-se a história dumas dessas infelizes sem o intuito de a salvar é o mesmo que redobrar-lhe o encantamento.

E por esta razão é ainda hoje muito difícil formar-se uma boa coleção de todas as lendas de mouras encantadas no nosso Algarve. (Oliveira,1898:99)

E - Encanto/ Solução para quebrar o encanto

Se falamos de mouras encantadas, obviamente que o encanto é um denominador comum às duas zonas do país afloradas neste estudo. Todavia, as soluções apresentadas para a quebra do encanto, apresentam discrepâncias consoante o espaço.

Grande parte dos textos, ostenta acordos entre os humanos e as mouras, mas os primeiros raramente os cumprem e quando tal acontece, é somente a sul³⁸. Ambos os lugares apresentam combinações que compreendem lutas com animais, metamorfoses (embora muito mais a norte que a sul), mas o resultado é similar visto que, por medo e falta de coragem, os humanos não finalizam os compromissos nem arriscam o suficiente para obter os tesouros das mouras. Do mesmo modo, ambas as mouras fazem propostas aos humanos que pressupõem determinadas atitudes por parte destes e também aqui eles fazem a escolha errada, preferindo bens materiais aos espirituais: " – Pois então vou dar-te a escolher- tornou-lhe a moura. – Preferes ficar comigo ou com esta picareta?

O homem, apesar de estar deslumbrado com a beleza da mulher, nem hesitou na resposta: - Se ma dás, prefiro ficar com a picareta, pois com ela sei que vou governado." (nº227) A norte, surge também o beijo como forma de desencantamento, à semelhança do que acontece nos contos tradicionais. Mas a sul, o

beijo não tem um cariz tão romântico. Surge sim, mas como uma forma subtil e enganadora de "tirar os santos óleos", isto é, como ameaça ao cristianismo dos humanos. Porém, dois importantes aspetos diferenciam os textos do norte das narrativas do sul: nas últimas, a solução para o desencanto passa muitas vezes pela atribuição de comida aos mourinhos, situação nunca ocorrida a norte, e, além disso, dois terços das lendas não oferece qualquer solução para desencantar as mouras. Este feito curioso pode estar ligado ao fraco interesse dos humanos nos tesouros dos mouros. Com efeito, a norte os humanos preocupam-se muito mais com as soluções para quebrar o encanto, visto que também parecem demonstrar uma fixação e interesse maiores pelo ouro mourisco, o qual não poderá ser obtido sem que antes a moura seja desencantada. Para que tal aconteça, as lendas nortenhas propõem duas atitudes por parte dos humanos: que sejam discretos, isto é, que guardem segredo, e que demonstrem coragem, ou seja, que não tenham medo. Ora as mesmas atitudes são solicitadas a sul, mas apenas com o propósito de obtenção de algum proveito, sem que se pressuponha o desencanto.

³⁸ Exemplo disso é a "Lenda da Moura Cassima", que apresenta um cristão cativo que cumpre, em parte, a promessa que fez ao rei mouro.

Outra diferença deveras importante e curiosa é que a norte, repetidamente a quebra do encanto passa pela leitura do livro de S. Cipriano ou pelo dizer de alguma ladainha, o que nunca se verifica nos textos do sul. Por último, e ainda a norte, a quebra do encanto frequentemente prevê o beijar de uma cobra ou serpente, nas quais a moura se encontra metamorfoseada. À semelhança do que acontece na solução anterior, esta também não é observável a sul.

F - Tentação, desafio/ ceder à tentação/ interlocutor

É fácil entendermos a união entre estes itens, visto que só a existência de uma tentação ou desafio podem consentir uma cedência, sendo que esta pode, ou não, sofrer alterações consoante o interlocutor seja homem ou mulher.

Desta feita, verificamos que nas duas zonas a tentação é um facto, mas com um peso consideravelmente maior a norte do que a sul, na proporção de 23 para 13 ocorrências respetivamente. Acreditamos que a esta situação não será alheio o maior interesse atribuído aos tesouros e ao ouro, em particular, pelos textos nortenhos, assunto de que já aqui falámos.

Também a forma de tentação utilizada pela moura difere. A norte, são utilizados como principais meios de tentação, o beijo, a obtenção de riqueza em geral, e do ouro em particular. Contudo, outros formatos são utilizados: a interação com o humano através do diálogo, a proposta de amamentação de bebés, encontrar teares, sendo estes simbólicos das ações mouriscas, uma relação amorosa entre um cavaleiro cristão e uma moura e mesmo uma proposta de escolha entre dois objetos ou elementos.

A sul, a situação é diferente porque os figos que, muitas vezes, se transformam em ouro ou em carvão, são o principal meio de tentação. Assistimos também a alguma tentação sugerida pelo excesso de curiosidade e pelos diálogos com os seres humanos, mas esta interação é maioritariamente levada a cabo por mourinhos encantados. Além disso, numa das narrativas analisadas, o humano, como já acontecia a norte, tem que fazer uma escolha entre a moura e o ouro, isto é, entre os sentimentos e os bens materiais. À semelhança do sucedido a norte, o homem faz a opção errada ao escolher o ouro, atitude nada cristã. De resto, outras tentações surgem que em nada têm a ver com a situação nortenha: o homem é tentado a roubar perus e a conhecer as casas subterrâneas das famílias mouras encantadas.

A cedência à tentação oferece igualmente algumas diferenças. É certo que em ambas as zonas assistimos

ao ceder da tentação, o que parece ser incongruente com a máxima cristã de não cairmos em tentação, mas a norte as mulheres resistem mais, ao contrário dos homens, com exceção de um padre. Já a sul, na "Lenda da Moura Cassima", por exemplo, o cativo resiste à tentação da curiosidade, é a sua mulher quem cede, não deixando que o marido cumpra o prometido ao rei mouro. Também, quando uma moura propõe a uma lavradora que visite a sua casa, esta condescende, embora não na totalidade porque quando lhe é pedido que beije os familiares da encantada, foge. Mas outras narrativas temos em que a mulher cede pela curiosidade.

Salientamos ainda uma lenda que apresenta uma criança cristã tentada pelos figos por uma outra criança moura. Portanto, como já vimos, a sul a mulher deixa-se tentar com mais facilidade do que o homem. No norte, é exatamente o inverso. Por que será? Estará ligado ao facto da mulher a sul falar à porta de casa com as vizinhas até tarde? Não parece ser uma atitude muito bem vista pela religião cristã... A verdade é que os homens sulistas, que não cedem à tentação, acabam, por vezes, por ser penalizados da pior forma, como veremos no capítulo seguinte.

55

Ora, a nosso ver, uma diferença primordial nos surge de imediato: o humano do sul parece mais interessado em conhecer a vida dos seus mouros encantados do que propriamente deitar a mão às suas riquezas, como acontece no norte. Certamente será essa a razão por que não existe tanta tentação nem tantos desafios nesta zona.

E se não existe muita tentação, também não haverá tanta cedência. Mesmo assim, esta está intimamente ligada aos interlocutores selecionados pela moura e este acontecimento é comum aos dois espaços. Com efeito, os interlocutores são maioritariamente homens que andam nas suas profissões ou nos seus afazeres diários e como tal, emergem trabalhadores em geral, ferreiros, caçadores, lenhadores, cavaleiros, lavradores e moleiros. Contudo, duas profissões divergem: a norte surgem-nos padres que nunca ocorrem a sul, e nesta última zona, é-nos apresentado "um cativo" e "um certo marítimo", portanto, um homem do mar, nunca referido a norte. Com certeza terá a ver com a proximidade do mar verificada a sul, mais propriamente na região algarvia, e o primeiro, mais uma vez, terá a ver com uma maior ligação à prática religiosa. A sul, sobrevêm, igualmente, com alguma frequência, homens montados em mulas. Seguramente por se tratar de um animal utilizado para as tarefas diárias nesta zona do país.

Existe outra diferença importante relativamente às lendas do norte: os interlocutores, recorrentemente, são plurais, o mesmo é dizer que são "algumas pessoas", "rapazes", ou "dois rapazes", "mãe e filho". Pelo contrário, a sul, a moura aparece apenas a um humano e dá-se o inverso, isto é, surgem vários mouros encantados somente para um humano.

G – Acordo/ Quebra de acordo/ Castigo ou recompensa

À semelhança do que dissemos no capítulo dedicado às mouras do sul, a tentação e o desafio não implicam necessariamente um acordo entre a moura e o humano. No entanto, quando este se realiza, a moura espera que o humano o cumpra. Esta esperança é legítima em ambos os espaços, mas de igual forma, uma desilusão para a encantada, pois muito esporadicamente o humano cumpre o trato efetuado.

O número de ocorrências com acordo é idêntico tanto a norte como a sul e acontece sensivelmente o mesmo quando nos referimos à execução desses acordos, já que praticamente todos caem por terra devido ao incumprimento dos humanos. O tipo de pactos efetuados diferem pouco de zona para zona, pois passam sobretudo por guardar segredo, ser comedido na curiosidade, não ter demasiada ambição, desencantar a moura e lutar com animais. Caso os humanos cumpram o acordo, é-lhes prometida

maioritariamente, riquezas, mas, a norte encontramos uma lenda cuja recompensa consistia na felicidade. A moura promete ao humano: "vou fazer-te feliz". Esta associação à felicidade, não encontrou equivalente a sul.

Porque os humanos não satisfazem a vontade da moura, são castigados ficando desprovidos da prometida riqueza. Esta situação sucede em ambos os espaços. Porém, a sul, quando a promessa não é satisfeita, os castigos podem ser bem mais violentos e definitivos: "homem morre em dois dias" (nº8), "crê-se que morreu lá nos Brazis" (nº9), "[levou uma] pancada na cabeça"(nº13), "saiu-lhe dois fachos de luz pelos olhos"(nº14), "será sempre desgraçado" (nº26)

Não obstante o incumprimento generalizado, a norte registámos duas narrativas cujos humanos satisfazem a palavra dada à moura. Numa, em que o acordo pressupunha a construção de uma capela, tal é, na verdade realizado e noutra, a moura solicita a um cristão que a vá ver banhar-se nas águas de S. Lourenço. A sul apenas uma lenda apresenta um acordo cumprido e somente de forma parcial (nº1).

Neste ponto, uma outra desigualdade considerámos importante e curioso realçar: a norte, somos confrontados com um acordo que não é cumprido pela moura e não pelo humano, como é regra e

56

habitual. Referimo-nos à "Lenda da moura branquinha"(nº231), em que uma mulher tenta por várias vezes falar com a moura, mas esta recusa-se, levantando voo. Nesta área, e com relativa frequência, deparamo-nos com lendas que não contemplam acordos mas, ainda assim, castigam os humanos que tentam obter tesouros. É o que acontece na lenda "A Fraga da moura de Sobreiró de Cima"(nº262). Neste texto, o humano, é penalizado, vendo o seu ouro transformar-se em carvão, em virtude de ter cortado um cordão de ouro. Acontece algo semelhante na lenda " A moura e o bezerro de ouro"(nº186): dois humanos são penalizados não por terem feito qualquer acordo, mas por terem proferido as palavras erradas, "valha-nos aqui Deus", foram "atirados pelos ares". A sul, tal situação não se verifica, valorizando assim a nossa tese de que o homem nortenho revela uma fixação maior pelas fortunas das mouras para que possa melhorar de vida, ainda que tenha de passar uma série de obstáculos.

Também o uso de objetos e termos ligados ao cristianismo é frequente a norte, mas não a sul. Por isso, encontramos a utilização do sino - saimão, da figura do diabo bem como palavras de esconjuras.

H – Apresentação, condição da moura

Este é mais uma rubrica que diferencia a imagem da moura a norte e a sul, pois no primeiro espaço, a moura surge frequentemente metamorfoseada, forma muito pouco recorrente a sul. Com efeito, a moura nortenha demonstra uma predileção para surgir metamorfoseada em cobra ou serpente, aos olhos do humano. Esta aparência tem, contudo, algumas nuances, pois a encantada pode surgir apenas metade cobra ou com uma grande cabeleira loura que penteia sedutoramente, com um pente de ouro.³⁹

Já a sul, apenas vimos uma lenda cuja moura surge metamorfoseada em serpente. Emergem outros animais, como perus ou um carneiro mocho, mas servindo este último para encobrir um mouro e os primeiros para esconderem vários mouros encantados, portanto nunca a moura.

Ainda a norte, a moura tem outras formas de se revelar ao humano. Através do choro de bebés mouros, na figura do próprio diabo, como uma velha muito feia, um bicho horrendo ou na forma de bezerro de ouro. Nenhuma destas formas encontrámos na região sul. Aí, é muito mais usual os humanos serem confrontados com mourinhos encantados de barrete encarnado, damas muito belas, vagueando solitariamente pelos castelos ou ruínas, belas mouras atuando em grupos de três ("três mulheres" ou "três filhas"), duas irmãs, ou presas em fontes. Das lendas analisadas três não fazem qualquer referência à apresentação da moura.

Parece-nos que novamente, as mouras do sul se afiguram mais reais e próximas da história do que as do norte, mais contíguas das fadas ou sereias enganadoras, tão frequentes na mitologia nórdica. Como facilmente verificamos, no que à apresentação da moura diz respeito, muitas são as divergências a norte e a sul. Todavia dois elementos as unem: muitos textos apresentam as mouras apenas encantadas, não especificando de que modo, e surgem alguns textos mostrando princesas mouras, filhas de reis mouros, ainda que esta particularidade seja mais recorrente a sul do que a norte.

I – Forma de contacto com o humano/hora do entreaberto

Várias são as formas escolhidas pelas mouras para estabelecer contacto com os humanos, mas na zona nortenha é inquestionável a predileção pela metamorfose. A cabeleira loura é também utilizada como

³⁹ Nesta área, encontramos treze narrativas com estas características.

forma de se aproximar do homem cristão, muito mais do que com as mulheres, como é compreensível. Aliás, embora a moura tente o convívio com homens e mulheres, os primeiros são os preferidos. Como a norte o espaço é bem mais religioso, é natural que a moira utilize a crença a seu favor e assim se poderá explicar a presença de seres como o diabo, realidade não observável a sul. Também a tentativa de chamar a atenção dos humanos através de barulhos, pequenos sons ou choro de bebés, é uma verdade constatável em várias lendas, mas que não conseguimos verificar no sul do país.

Nesta tentativa de convivência, o diálogo não é desprezado, mas quando acontece é momentâneo. Já a sul, quando sucede, é mais longo, específico e pode envolver várias personagens. Em ambos os locais, verificamos textos onde o humano é apenas contactado pela simples aparição da moura, o que não implica necessariamente diálogo.

Quanto à hora do entreaberto, é praticamente idêntica, pois os dois espaços mostram a noite ou manhã de S. João, meio - dia ou meia-noite. Aliás, a festa de S. João ainda hoje perdura e sempre esteve ligada ao outro mundo, razão pela qual a igreja a associou à heresia, embora também se encontrem ligações a S. João Baptista. Neste caso, é óbvio que o cristianismo, como não conseguiu acabar com estas comemorações, adaptou-as da melhor forma que pôde:

Le christianisme associe à la nuit de la Saint – Jean l'idée d'une magie dangereuse car des rites ancestraux qu'il ne contrôlait pas s'y attachaient. [...] Les femmes et, à partir d'une certaine époque, les sorcières avaient une occupation favorite pendant cette nuit fatidique: aller cueillir les herbes maléfiques. Les herbes de Saint- Jean ne sont pas moins connues, que les feux du même nom. (Walter, 2011 :154)

Saliente-se que esta hora preferencial para contactar o mundo terreno, existe tanto a nível religioso como profano, pois parece ser a altura propícia à conjugação dos dois mundos:

Les grandes dates du calendrier mythique permettent des échanges intenses avec l'Autre Monde...Tous les mythes liés aux fêtes dont Samain ouvre le cycle racontent à un degré ou à un autre la communication de l'Autre Monde et du monde humain. [...] Si encore aujourd'hui on associe trivialement la Toussaint à des idées de cimetières des commémorations des morts, c'est parce que la date du 1er novembre reste, dans une obscure mémoire mythique, attachée à la circulation des âmes et des revenants entre les deux mondes. (Walter, 2011 :59)

Todavia, algumas narrativas não nomeiam qualquer hora de proximidade. A verdade é que neste capítulo as diferenças são bastante ténues: apenas, a norte, ocorre um texto demonstrando a ponte entre ambos os mundos numa noite de lua cheia, e outra ao domingo, enquanto a sul é mais comum encontrarmos na

mesma lenda, mais do que um horário eleito para o contacto entre o espaço terreno e o sobrenatural. Por exemplo, a meia-noite e o meio-dia em simultâneo.

J – Temática

Por tudo o que nos capítulos anteriores foi dito, afigurasse-nos lógica a diferenciação de temáticas consoante as lendas se localizem a norte ou a sul. Desde logo temos a percepção de estar a lidar com factos mais históricos a sul do que a norte, pois surgem vários reis ou governadores mouros que tiveram de fugir, mas que eram extremamente poderosos. É curiosa e original, a este propósito, a lenda número dez que narra a história de um rei mouro muito rico, encantado na figura de um carneiro mocho e que arrastou neste encantamento, todos os seus súbditos, pelo que tal comitiva só será desencantada quando ele o for. Além do mais, esta lenda encerra a particularidade de ter sido contada a Ataíde Oliveira por uma pessoa rica, visto que praticamente todas as lendas são contadas por pessoas do povo, muito mais humildes. Será certamente por todas estas particularidades, que nesta zona predominam mais castelos e igualmente

58

localizações mais específicas, contrastando com uma maior alteridade, intemporalidade e indefinição espacial a norte.

A sul desenvolve-se tanto a temática das reuniões familiares entre os mouros encantados, em subterrâneos, como o tema dos mourinhos encantados de barrete vermelho, figura não encontrada a norte. Todavia, um elemento é particularmente importante e consiste nos castigos que as mouras estabelecem para os humanos que não cumprem as suas promessas. A norte, os humanos são privados de riquezas e do ouro das mouras quando não cumprem o prometido, mas a sul, além dessa privação, vários acabam por morrer ou são para sempre "desgraçados".

Valorizamos ainda, a norte, textos onde o encantamento é dobrado em consequência das atitudes humanas. Esta característica não foi identificada a sul.

Mas existem semelhanças entre os dois espaços: é perceptível a temáticas do amor entre mouras e cristãos ou mouros e cristãs, assim como encantados dispostos a "roubar os santos óleos por intermédio do beijo fatal" (nº24 a sul).

5.2. A imagem dos mourinhos

Quando decidimos levar a cabo o presente estudo, pretendíamos analisar os mourinhos encantados com base num corpus próprio, diferente do usado para o estudo da imagem das mouras e dos mouros. Porém, ao mergulharmos na investigação, deparámo-nos com um limitado número de lendas que apresentasse exclusivamente mourinhos como protagonistas. A sul, encontrámos várias, mas a norte a situação é esporádica. Obviamente, pensámos ser esse o motivo para se falar tão pouco em mourinhos, mas abundantemente em mouras encantadas.

Quer num espaço quer noutra, as lendas apresentam os mourinhos associados a adultos, nomeadamente a mouras, surgindo mesmo como complemento destas (são escassos os casos mostrando mourinhos aliados a mouros encantados). Tendo em atenção a dificuldade de dissociar as personagens, uma mesma lenda poderá ser utilizada como exemplificativa de vários itens. Frequentemente, abordamos conteúdos ligados aos mourinhos encantados como forma de análise das próprias mouras, sendo o inverso igualmente verídico. Esta forte dependência conduziu a uma forma de abordagem diferente da que, até agora, tínhamos usado. É certo que utilizámos tabelas análogas às das mouras e mouros, porém, considerámos

que não faria sentido subdividir a análise como fizemos com as encantadas, porquanto diversos itens iriam repetir-se. Por exemplo, quando abordamos a localização dos mourinhos, verificamos que é muito semelhante à das mouras, o mesmo acontecendo com a hora do entreaberto, assim como as ações dos humanos. A abordagem será então, geral, englobando todas as categorias que consideramos essenciais à caracterização e diferenciação destes pequenos encantados.

5.2.1. Os Mourinhos a norte

Os mourinhos encantados inserem-se no grupo de entes fantásticos que prevalecem no imaginário popular. Fazem parte da nossa mitologia, tal como acontece com outros seres desta natureza, que transcendem a explicação humana perante fenómenos, por si mesmos inexplicáveis, como a própria morte. Visto que as crianças fazem parte de qualquer sociedade, as populações consideraram lógico e por bem criar estas personagens simbólicas da infância mourisca. O próprio diminutivo "mourinhos", remete nos para sentimentos carinhosos de índole infantil.

59

A norte, estes pequenos seres têm a particularidade de surgirem sempre numa de três situações: associados às belas mouras, ou por serem seus filhos ou irmãos; referidas por ocasião do tema do tributo das donzelas ou, finalmente, por se tratar de meninas princesas mouras.

a) Filhos de mouras

Com frequência, surgem bebês ou crianças muito pequenas, que as mouras, suas mães, não quiseram abandonar quando foram encantadas. Esta afirmação é evidente na lenda "As mulheres do linho e as mouras"(n°260) ou na " Torca de Balmeão"(n°259) em que a moura utiliza os bebês para tentar atrair as mulheres do linho, funcionando, igualmente, como via para o seu desencantamento através de um possível batismo⁴⁰, o que não deixa de ser curioso, já que este é um ato católico e falamos aqui de mouras. No entanto, relembremos a importância do elemento "água" para todos os povos ancestrais, assim como para a generalidade das crenças.

Nesta subdivisão, ocorre ainda a situação de uma moura que, ao mesmo tempo que constrói a sua casa, carrega o filho. Expomos aqui, a este propósito, "A Lenda da Anta de Chã"(n°10), mas este não é caso único, pois a temática dos mouros construtores e, por isso mesmo, portadores de uma força sobre humana é sobremaneira recorrente, especialmente na zona de Trás-os-Montes.

Das lendas exemplificativas sobressai também a de uma moura que dá à luz " uma linda mourinha"(n°64), remetendo assim para uma temática tão feminina e que parece unir tanto a mulher moura como a cristã e aponta, novamente para a temática da fertilidade, transversal a qualquer povo, tribo ou seita.

b) Tributo das donzelas

É um assunto muito presente em várias lendas do norte. Claro que aqui já não serão bem crianças mouras, mas são donzelas e portanto, ainda muito jovens. Por outro lado, este é um tema que faz sobressair a supremacia dos cavaleiros cristãos que vão em socorro das donzelas, por oposição aos "terríveis mouros" que demonstram tamanha falta de valores como a exigência de semelhante tributo. Podemos constatar este assunto nas lendas: " O castelo de Rebordãos" (n°25) e "Os cavaleiros das esporas douradas"(n°1).

O Tributo das donzelas levou-nos a pensar mais nestas lendas como tendo uma base histórica, na medida

em que o assunto é referido na historiografia. A " Batalha de Clavijo", por exemplo, é apontada como tendo acontecido em resultado da exigência deste tributo por parte dos emires árabes, a que o rei Ramiro I terá recusado. No entanto, nem todos os estudiosos são unânimes quanto à veracidade deste acontecimento, pelo que nos parece mais sensato pensar nele como pseudo – histórico. Aliás, ainda hoje, na cultura islâmica, existem os haréns. É certo que não é exatamente o mesmo que o mencionado tributo, mas aponta num sentido idêntico porque revela a maneira como a figura feminina é encarada.

Por outro lado, é imprescindível salvaguardar o facto deste tributo ser de donzelas cristãs para os haréns mouros. Seriam, posteriormente, tornadas mouras.

De qualquer modo, a propósito deste assunto, e ressaltando desde já alguns aspetos lendários, a Batalha de Clavijo e a lenda "Os Cavaleiros das Esporas Douradas", conseguem transmitir o ambiente que envolvia mouros e cristãos relativamente a este tributo, sendo que nesta lenda são apresentados, mais uma vez, cavaleiros muito semelhantes aos príncipes dos contos tradicionais, no sentido em que tentam salvar donzelas, portanto, está presente o confronto entre a força do bem (os cristãos) e a do mal (os mouros).

⁴⁰ Novamente, está implícita a água, elemento purificador, regenerador.

c) Meninas princesas mouras

Estas meninas irão ser as futuras belas mouras encantadas de origem nobre. Assemelham-se, por isso bastante às princesas dos contos tradicionais. A " Mina da moura (nº189) fala de uma mourinha, filha de um mouro rico, a quem foi dobrado o encanto.

A parecença com os contos tradicionais não acaba aqui. Na lenda "A Fraga do Cavaleiro"(nº34), está presente a simbologia do número três tão frequente e característico dos contos. A menina aparece, em três dias seguidos, ao cavaleiro. A própria localização da ação em algumas lendas, sugere esse ambiente nobre e encantado dos contos infantis. Na lenda "A Parteira e a Moura"(nº64), esta dá à luz uma linda mourinha num palácio encantado.

Poderemos estabelecer alguma associação entre a generalidade dos mourinhos encantados e a figura dos trasgos, especialmente no que concerne a primeira ocorrência, isto é, os mourinhos à espera de serem batizados. Com efeito, esta personagem parece preencher a falta de mourinhos (meninos) encantados a norte do país. De acordo com antigas crenças, os trasgos serão almas penadas de crianças que não chegaram a ser batizadas, "- uma espécie de espíritos caseiros que fazem judiarias às mulheres no interior das habitações..." (Parafita, 1999:69) Enfim, pregam partidas às pessoas tal como fazem todas as crianças : "No concelho do Vimioso, ainda há ruínas de um velho moinho dos trasgos". (Parafita, 1999:69)

Semelhantes a estes, temos outras pequenas figuras como o "zanganito" e o "fradinho da mão furada", personagens míticas semelhantes a duendes caseiros, sendo este último: " um ser que tanto concede favores e benefícios como engana e prega partidas. Tem na cabeça um barrete encarnado, entra nos quartos de dormir, durante a noite, através do buraco da fechadura das portas e escarrancha-se à vontade em cima das pessoas, frequentemente causando grandes pesadelos".⁴¹

Alexandre Parafita faz corresponder estas criaturas:" ...aos duendes, gnomos ou elfos da mitologia dos países nórdicos. Porém, ao contrário destes, os trasgos são praticamente desconhecidos nas sociedades modernas, ditas civilizadas, porquanto a sua sobrevivência está circunscrita a uma cultura popular estritamente oral, que sempre foi subalternizada pelas sociedades mediáticas." (Parafita,2006:51)

Com efeito, por toda a mitologia europeia, encontramos equivalentes a crianças encantadas, quer sejam nomeados duende, elfos, trasgos ou mourinhos encantados.

Desta análise, sobressai uma outra conclusão: com exceção dos bebés das mouras, na medida em que não sabemos se são meninos ou meninas, a norte, os mourinhos que surgem são exclusivamente meninas. Talvez por isso, se justifique, e já aqui o dissemos, o facto da estrutura de algumas destas lendas se assemelhar a verdadeiros contos tradicionais. Contudo, ao contrário destes, não têm um final feliz, pois as mourinhas continuam encantadas.

Também a propósito do encantamento, sobressai um aspeto importante quando comparamos com narrativas de mouras adultas encantadas: surgem-nos textos onde as mourinhas, inicialmente, não estão encantadas. O encanto só acontece posteriormente. Tal é o caso da mourinha relatada na lenda "A moura encantada de Sanfís do Douro" (nº7).

Quando analisamos os restantes critérios registados para as mouras, verificamos não haver divergências importantes a assinalar. As mourinhas têm as mesmas ocupações, na medida em que também penteiam os longos cabelos com pentes de ouro, choram, transformam-se em serpentes. Encontrámos somente uma lenda que destoa das outras por apresentar uma menina "a catar piolhos" da cabeça do pai (nº16).

⁴¹ Fradinho da mão furada, disponível em: www.pt.wikipedia.org/wiki/Fradinho_da_m%C3%A3o_furada (consultada a 8 de março de 2012)

Surgem nos mesmos locais anteriormente escolhidos pelas mouras: fragas, castelos, antas, ou seja, preferencialmente zonas rochosas, sugerindo monumentos megalíticos. O tesouro está praticamente sempre presente e também aqui os humanos demonstram medo, mas, ocasionalmente, revelam uma certa valentia quando tentam acabar com o tributo das donzelas, por exemplo, mas isso pode ser justificado pela maior frequência de humanos cristãos e, ao mesmo tempo, cavaleiros e, portanto, a valentia é uma virtude e regra inerentes ao código de cavalaria e que está de acordo com a origem nobre das princesas mouras.

Sintetizando, acreditamos ser plausível afirmar que a norte não existem propriamente "mourinhos", ou pelo menos, não com a mesma dimensão que encontramos a sul. Estamos em crer que o uso de diminutivos se deve apenas a um trato afetivo ou utilizado para nomear os bebés e, portanto, neste caso, sinónimo de "pequenino". Não existe, pois uma identidade própria, tal como acontece a sul, pelo que, mesmo quando nos deparamos com o termo, este pode não designar verdadeiramente "os mourinhos encantados" tal como os conhecemos a sul.

5.2.2. Os Mourinhos a Sul

A sul é comum encontrar os mourinhos integrados em estruturas familiares muito equivalentes às humanas. A noção de família moura está bastante enraizada porquanto parecem desenvolver as suas tarefas de forma paralela à dos humanos, como se não soubessem que estão encantados. Com efeito, é sugerido todo um mundo debaixo de chão, com vida análoga à nossa, pois "todos os pontos do castello se comunicam subterraneamente" (Ataíde Oliveira, 1898:35). Como são muitas as famílias encantadas, é natural a abundância de mourinhos neste contexto. Esta será uma explicação para a maior ocorrência desta personagem a sul do que a norte. Exemplificamos esta condição através das seguintes palavras de uma informadora de Ataíde Oliveira:

Aqui bem perto, no prédio do sr. Assis, da Goncinha, está encantada uma formosa moura, e lá mais abaixo no prédio do sr. Luiz Assis está encantado um jovem mouro. São primos. Seus pais, que eram irmãos, queriam que elles se casassem um com o outro, mas nem elle nem ella estiveram pelo contracto, e os pais desesperados encantaram n'os. Ainda hoje há reuniões de muitos encantados lá em baixo na sala, sete varas sob o prédio de D. Vitoria Faisca, onde comparecem os dois primos. Falam-se, mas não se amam. Na parte do castello chamada a porta de Mirandela(?) esta também encantada uma tia da jovem moura, só no intuito de dar companhia á sobrinha, que é a sua única alegria.

Aliás, o próprio Ataíde Oliveira estranhou o facto de existirem mourinhos encantados: "- Estava convencido que não havia criancinhas encantadas ... observei." (Oliveira, 1898: 35) Ao que o povo, na sua vasta sabedoria, se apressa a encontrar uma explicação: "Quando os christãos entraram em Loulé, muitos mouros foram encantados com toda a família. Suppunham talvez que não fosse duradouro o encanto e que voltariam em breve á vida real, pois estavam convencidos que os marroquinos viessem logo reconquistar a villa." (Oliveira, 1898: 35)

É certo que quando comparados com as lendas de mouras encantadas, é indubitavelmente mais fraca a ocorrência de mourinhos nas narrativas quer a sul quer a norte. Todavia, do estudo até agora efetuado, parece-nos mais evidente e recorrente o seu aparecimento a sul e aí, no seguimento da linha familiar de que falámos, é curioso surgirem frequentemente, enquanto acompanhantes das mouras encantadas, como irmãos ou até filhos. Talvez por isso apresentem sensivelmente as mesmas qualidades que as mouras. Porém, como veremos mais à frente, têm algumas particularidades, pelo que nos parece pertinente dividi-los em duas categorias:

62

a) Os mourinhos que surgem como protagonistas das lendas em que se inserem, assumindo assim uma identidade própria.

Nesta categoria, surgem perto de locais onde crianças cristãs brincam, como é o caso da rua e armazéns. Esta circunstância transmite uma certa necessidade das próprias crianças mouras brincarem e de procurarem "amigos" para o fazer. Apresentam-se sozinhos perante as crianças cristãs, isto é, já não vêm acompanhadas nem por mouras nem por mouros:

Tinha eu oito para dez annos, andava eu brincando com os rapazes da minha idade ao jogo da bola, quando me appareceu um sujeito desconhecido. N'esta ocasião os meus companheiros de brinquedo tinham já retirado para as suas casas.

O sujeito perguntou-me: queres brincar comigo? (...)

- Você não sabe d'este jogo, disse-lhe.

- Mas sei outros mais bonitos. (nº43)

b) Mourinhos adjuvantes das mouras.

De acordo com esta qualidade, estes pequenos encantados têm função idêntica aos objetos simbólicos que visam atrair a atenção dos humanos. O local onde se encontram é semelhante ao das mouras: perto ou dentro de fontes, cisternas, ribeiras, lavadouros ou qualquer outro elemento ligado à água; junto a figueiras ou a figos e, tal como aquelas, também aparecem vagueando perto de ruínas, casas antigas, habitando recorrentemente em palácios subterrâneos, "sete varas abaixo do predio"(nº26).

Apesar de surgirem várias narrativas exemplificativas da segunda categoria, como é o caso da lenda "Moura de Olhão" (nº43) e "[Cova dos Mouros]" (nº22), encontramos um número maior de ocorrências respeitantes à primeira. São disso exemplo, a "[Lenda de Moncarapacho]" (nº45) e "[Mãe e filho]" (nº5). Constatamos, desta forma, que os espaços escolhidos pelos mourinhos encantados condicionam as suas próprias atividades. Assim, ao surgirem nas ruas, como acabámos de ver, pressupõem uma atitude chamativa perante os seus pares cristãos. Mas fazem mais. Realizam tarefas muito semelhantes às das mouras, indo, no entanto, um pouco mais além não só porque brincam, mas também porque são traquinas. É disso exemplo, mais uma vez, a "[Lenda de Moncarapacho]"(nº45), em que um mourinho arrelia uma lavadeira por se sentar na roupa já lavada e, quando chamado à atenção ainda cospe na mesma. De resto,

surgem-nos textos exibindo mourinhos que saltam para dentro de fontes ou simplesmente manifestando atitudes muito idênticas às das crianças cristãs, e então, ficam tristes, como na lenda "[Uma mulher chamada Carlota]" (nº25) em que a mulher apanhou tamanho susto quando o mourinho lhe apareceu, que "safou-se do lugar de corrida" deixando a criança sozinha e triste. Além disso, estes pequenos entes encantados choram, pedem bolos ou pretendem simplesmente ter companhia, pois sentem-se desacompanhados.

Que atitudes têm os humanos perante estas pequenas figuras? Ao surgirem frequentemente no meio do caminho dos humanos, como que vindos "do nada", acabam por ser interpelados pelas mulheres e homens com que se deparam, pois estes, por se tratar de crianças, sentem enorme vontade de os ajudar, não sabendo, inicialmente, que estão a falar com seres do outro mundo.

Outras vezes, são os próprios mourinhos que estabelecem diálogo com os humanos para pedir bolos ou para os convidar para os seus palácios subterrâneos. Mas não fazem distinção entre os interlocutores, isto é, tanto dialogam com homens como mulheres ou outras crianças cristãs. Porém, o que realmente é curioso e distinto é a nomeação exata de alguns interlocutores, ou seja, por vezes, os mourinhos chamam os humanos pelo seu próprio nome, como acontece na última lenda mencionada. Surge-nos também o nome de uma moura, Floripes, o que nos dá a ideia dos mouros estarem há tanto tempo nestas

63

comunidades, que já fazem parte dela e os humanos habituaram-se a viver com eles. Esse dado parece não os assustar pois cada um tem o seu espaço próprio. O que realmente lhes provoca receio é quando aqueles resolvem interferir no mundo dos humanos.

Os mourinhos também se servem do choro como meio de contacto com o ser humano. Constatamos essa situação na lenda "[Cova dos Mouros]" (nº22). Nessa narrativa, precisamente à meia-noite e ao meio-dia, o mourinho começa a chorar.

Salvaguardamos um último caso que se prende com o grande número de lendas onde os mourinhos não fazem qualquer tentativa para se aproximarem dos humanos. Estes só se apercebem da sua presença pela simples aparição, regra geral, a altas horas da noite, meia-noite ou ao meio-dia, como é usual e comum a todos os seres encantados.

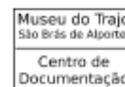
Um aspeto não pode ser descurado: a imagem dos mourinhos pode sofrer alterações quanto à sua interpretação: por um lado, é associado à figura do próprio diabo, que utiliza a forma de criança, por ser mais fácil tentar o humano, especialmente no que concerne as mulheres, pois apela ao seu instinto maternal. Por outro lado, é verdadeiramente encarado enquanto representação de crianças sarracenas que no nosso país ficaram encantadas, tal como aconteceu com as mouras. Neste último sentido, certamente sentirão todas as vontades inerentes a cada criança. Já na primeira hipótese, temos a sensação que a tentativa dos humanos chegarem à fala com os mourinhos funciona como uma espécie de palavras de esconjuro, pois imediatamente fogem: "A criança sem dar resposta, deu um salto dentro da fonte e meteu-se por um buraco" (nº8)

Na verdade, deparamo-nos inúmeras vezes com a seguinte definição no que concerne a imagem dos mourinhos no sul de Portugal:

Os "mourinhos encantados" são-nos descritos como figuras encantadas de crianças, todas vestidas de vermelho, que apareciam ao caminhante desprevenido. Encontrando uma criança perdida ou abandonada na volta de um caminho, sobre um muro ou junto de um tronco de velha árvore, ninguém saberia resistir ao generoso impulso de tomá-la ao colo para a levar consigo. Coisa estranha era o facto de o menino cada vez se tornar mais pesado. Era quando se apercebiam do logro, arremessando o fardo para longe. O ser misterioso desaparecia então, soltando um berro, no meio de densa fumarada.

Só em Moncarapacho falam nos "mourinhos encantados". Nas demais freguesias do concelho esta aparição tem o

seu paralelo no “menino de olhos grandes” que é, dizem, o próprio Diabo. Por isso, ao avistá-lo é necessário exclamar “Aleluia!” para o fazer desaparecer.⁴²



Todas as outras características são semelhantes às das mouras. O encantamento obviamente que é uma realidade e por isso mesmo responsável pela denominação "mourinhos encantados", porém, escassas são as soluções para o quebrar. Aliás, encontramos somente um texto que apresentava solução para o desencanto, mas não do mourinho e sim da moura que o acompanhava. Mesmo assim, essa resolução era muito difícil de ser conseguida, pois previa que quem a desencantasse fosse com ela para África. Nesta lenda a que nos reportamos, "A Moura de Olhão"(n°43), o humano é tentado a desencantar a moura e, na verdade, quase que sucumbe a essa prova, mas a tarefa não é fácil e acaba por não cumprir o acordo.

Nas restantes lendas que apresentam apenas mourinhos como protagonistas, a tentação e a cedência existem especialmente da parte feminina. Assim, as mulheres e as próprias crianças cristãs acabam por ser os mais tentados. Essa situação é evidente, por exemplo, na lenda "[Mourinho vai a casa do Moleiro]"(n°29), em que o mourinho pede um bolo à mulher.

⁴² Carrajola, Maria Corália, [O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão](#), p.251-252 , disponível em: www.Lendarium.org (consultada a 12 de abril de 2012)

Acreditamos que as atitudes dos humanos, nomeadamente seguir os mourinhos até aos seus palácios subterrâneos, não demonstra interesse pelos tesouros que aí possam existir. Terá mais a ver com o facto de serem crianças e, eventualmente, se acharem na obrigação de os ajudar. De resto, muito poucos são os textos que apresentam tesouros e quando o fazem é através dos figos que, posteriormente, se transformam em ouro ou dobrões e moedas igualmente valiosas.

Em termos de objetos ou ações simbólicas, sem dúvida que a particularidade dos mourinhos se apresentarem de barrete encarnado, constitui a maior característica destas narrativas. São descritas como crianças "garridamente vestidas "(n°26) e, à semelhança das mouras, muito belas. Como estas, podem castigar ou recompensar os humanos, consoante estes cumpram ou não as suas promessas. Quando há lugar a castigos, estes podem ser igualmente violentos. Na lenda "[Um vizinho]"(n°6) o interlocutor morre dois dias depois. Este cariz violento abona a favor da tese que defende a imagem dos mourinhos enquanto encarnação do próprio diabo, daí a vontade de castigar os humanos e surgir, por vezes, com os olhos muito grandes. Além disso, temos uma lenda que apresenta uma criança cristã perseguida por um mourinho encantado durante muito tempo e este só o larga quando o pequeno vai à missa e comunga (n°44); na lenda "[Mourinho vai à casa do Moleiro]"(n°26), a mulher "será para sempre desgraçada", uma vez que não cumpriu o que o mourinho lhe tinha pedido, isto é, não contar nada ao marido, portanto, falou demais; finalmente, na lenda "[O Arco da Sra. Do Repouso]"(n°29), o homem que o mourinho tinha convidado para o seu palácio, " caiu sem sentidos".

Concluimos assim que os mourinhos são entes pequenos comparáveis a outras entidades ctónicas que simbolizam a força da terra, como os "elfos" e "duendes", são prova da grande tradição mítica, oral e tradicional que polvilha toda a Europa. Numa altura em que as fronteiras ainda não estavam bem definidas, naturalmente que as diferentes culturas teriam alguma tendência para se confundir, acabando, por isso, por se influenciarem mutuamente.

A figura do mourinho assemelha-se a várias outras figuras equivalentes existentes em tradições de outros locais. De resto, não são apenas as culturas de índole europeia que mutuamente se influenciam. Podemos encontrar um equivalente ao nosso mourinho encantado de barrete encarnado, numa personagem muito

popular do folclore brasileiro, o saci pereré: "ser fantástico representada por um negrinho de barrete vermelho, cachimbo e uma só perna. O seu assobio, como o da ave [do mesmo nome] é impossível de localizar e espanta o gado ou os viajantes nocturnos."⁴³ Este ser pode, igualmente, revelar-se perigoso e malicioso

Ambas as personagens se apresentam de barrete encarnado, são brincalhões e traquinas e podem, eventualmente, ser associados à figura do diabo ou, pelo menos, manifestar algumas características diabólicas, como deitar pelos olhos lume ou fumo pelo nariz. No entanto, acreditamos que enquanto brincalhão, o Saci pereré terá mais em comum com os trasgos nortenhos, pois pode importunar bastante os humanos quando estes tentam realizar as suas tarefas. Não nos esqueçamos, todavia, que a sul também temos uma lenda em que o mourinho se senta na roupa já lavada. Porém, subsiste uma diferença: o encantado reconhece que procedeu mal e recompensa a mulher com dobrões de ouro (nº45).

É claro que não é objetivo deste estudo fazer uma comparação entre ambas as personagens sobrenaturais, mas parece-nos importante e curioso analisar alguns pontos, até porque não existem certezas quanto à origem do Saci, embora perdue a hipótese de ser oriundo da Europa. Os poderes desta personagem do folclore brasileiro podem ser anulados pela travessia de água corrente, o que não acontece com o nosso mourinho. Pelo contrário, refugia-se muito em fontes e outros locais associados à água.

⁴³ AAVV, Nova Enciclopédia Portuguesa, Vol., 22, Ediclube, Lisboa, 1992

5.2.3. Comparação entre os Mourinhos a norte e a sul

O objetivo deste subponto é fazer uma abordagem comparativa das lendas onde ocorre a figura dos mourinhos encantados. Para tal, temos por base a análise do corpus por nós selecionado, relativo ao norte e sul de Portugal, bem como a forma como estas personagens surgem perante o cristão e com que intuitos o fazem.

A imagem dos mourinhos é muito mais ampla a sul porque assume duas explicações possíveis: por um lado, é associada à figura do diabo, por outro, é verdadeiramente encarada como representação de crianças sarracenas.

A norte também sucede a associação com o diabo, mas nunca relacionada com os mourinhos, situação que se pode relacionar com a falta de identidade própria que esta figura demonstra, neste espaço. Também é verdade que não encontramos uma personagem que substituísse o mourinho na sua faceta diabólica. No entanto, no seu aspeto de criança moura, deparámo-nos com uma figura equivalente, com a função de importunar e chamar a atenção dos humanos: falamos dos trasgos. De facto, nesta zona, o trasgo assume uma importância muito maior do que propriamente o mourinho encantado, sendo essa, possivelmente, uma das razões para a escassez de narrativas ligadas a esta última personagem.

O trasgo demonstra algumas pareções com o mourinho encantado, pois não só ostenta um gorro encarnado, como é detentor de poderes sobrenaturais. Contudo, revela ser mais rebelde e traquina, chegando mesmo a pregar partidas e fazer algumas maldades, especialmente à noite, dentro de casa. Acreditamos que a maior diferença entre a imagem dos mourinhos do norte e do sul se prende com três características principais. Primeiramente, o número de ocorrências é decisivo e significativo: decisivo porque a sul é inquestionável uma quantidade muito maior de lendas cujo protagonista é o mourinho encantado; significativo porque se o número de narrativas é maior, será igualmente superior a quantidade de características inerentes a essa mesma personagem.

Em segundo lugar, a sul, os mourinhos valem por si só, assumem um protagonismo. O mesmo já não sucede com os mourinhos do norte porque emergem como acessórios da moura encantada e, como tal, não

são essenciais à narrativa. Constituem não mais do que um "isco" utilizado com intenção de levar os humanos a desencantarem as mouras. Ainda assim, é preciso ter em linha de conta que a sul, uma das categorias de mourinhos, tem igualmente a característica de se apresentar enquanto extensão das mouras encantadas. Todavia, é preciso não esquecer que o facto dos mourinhos do norte funcionarem como ponte para o desencantamento, leva também a que nesta zona, o encantamento assuma maior importância. Pelo contrário, a sul, os mourinhos não demonstram qualquer inquietação por estarem encantados e por isso, também não solicitam o desencanto nem demonstram grande preocupação em estabelecer acordo com os humanos.

Em terceiro lugar, na região nortenha, a maior parte das crianças mouras são meninas e já não muito pequenas. Princesinhas detentoras das mesmas características inerentes às mouras encantadas. Ao contrário, a sul⁴⁴ predominam meninos mouros de barrete encarnado, em muito maior quantidade e com algumas particularidades que os distinguem das mouras e mouros encantados e que por isso mesmo, resultam em figuras autónomas.

Existem, porém, outras diferenças, a maioria das quais, em consequência dos itens referidos no parágrafo anterior. Uma vez que a norte nos deparamos com mais mourinhas, surge, proporcionalmente, um número mais elevado de textos demonstrando cristãos que se apaixonam por estas princesas mouras,

⁴⁴ Referentes à segunda categoria que enunciámos no capítulo sobre Os Mourinhos do Sul.

conferindo assim uma maior semelhança com os contos tradicionais onde temos recorrentemente princesas e príncipes.

A par desta última característica, surge em vários textos nortenhos, o tributo das donzelas, assunto nunca aflorado nas lendas do sul, provavelmente porque aí também não temos mourinhas, mas apenas mourinhos.

Uma outra diferença entre a imagem dos mourinhos a norte e a sul sobressai: embora em ambas as zonas os mourinhos realizem tarefas semelhantes às mouras ou mouros, é sem dúvida a norte que esta situação é mais evidenciada, já que a sul, muitos mourinhos conseguem afastar-se deste padrão devido ao protagonismo alcançado.

Sobressai uma outra situação: a norte foi possível detetarmos um texto (mas sabemos que existem outros) em que a moura, ao mesmo tempo que constrói a sua casa, carrega o filho. A moura é aqui detentora de uma força sobrenatural que não se encontra a sul e, ao mesmo tempo, é tida como uma boa mãe, pois embora sozinha, tem força para tudo resolver. Alexandre Parafita, no seu livro *A Mitologia dos Mouros*, apresenta a seguinte explicação para esta qualidade da moura:

Assim, a moura, em muitos relatos da tradição oral ligados a estes monumentos, assume a dimensão de uma autêntica supermulher, multidisciplinar, a mulher ideal no universo de responsabilidades a que o meio rural a sujeita, que o mesmo é dizer, uma mulher no limite da realidade e da utopia. [...] Tais registos carregam todo o simbolismo de uma realidade sociológica bem presente nestas terras, a emigração, que, desde há séculos, chama os homens para países longínquos, ficando as esposas, irremediavelmente, agarradas ao à terra e a um papel reforçado de mulher e de mãe. (Parafita, 2006:104).

Nesta última área, parece-nos importante salientar a questão histórica. O que queremos nós dizer com esta afirmação? Simplesmente que não é possível apagar a influência moura no nosso país. Não nos parece que a questão dos mourinhos esteja apenas ligada à influência de diferentes culturas ou miscigenação de religiões. Acreditamos que os nossos mourinhos nos dizem respeito, tal como as mouras encantadas, nas

palavras de Leite de Vasconcellos, "são mais nossas". Provavelmente, os mourinhos encantados assumem as características que têm a sul porque são o resultado da influência que tiveram os sarracenos na nossa cultura. É por isso que a norte parece haver um vazio no que respeita estes seres encantados, pois também é verdade que nesta região, a influência árabe não se fez sentir de forma tão prolongada e permanente. Ainda hoje é perfeitamente possível detetarmos um sem número de influências deste povo na nossa cultura, aspetos que por nós foram aculturados e que vão desde a arquitetura à própria língua. Vários aspetos abonam nesta nossa tese: o facto de serem famílias inteiras encantadas, as ruínas e castelos por onde vagueiam e ainda se encontram encantados mouras, mouros e mourinhos, localizações precisas de castelos, batalhas e personagens que nesses acontecimentos intervinham, além de descrições de hábitos e costumes mouros, assim como uma certa mistura de costumes. Tudo isto passamos a demonstrar através de um excerto da "Lenda da Moura Cassima": " Chegou afinal a noite da véspera de S. João, noite igualmente festejada por mouros e cristãos". (Oliveira, 1898:21); "- Antes de tudo quero que jures pelo teu nazareno..."(Oliveira, 1898:17)

Em termos de atitudes e ações dos mourinhos, existem grandes diferenças visto que no sul do país, a principal atividade é brincar, pedir comida ou interpelar e convidar os humanos para os seus palácios subterrâneos, o que constitui também uma particularidade, pois não ficam à espera de serem interpelados pelos humanos. Tomam eles a iniciativa contactando-os das mais variadas formas. Esta situação é esporádica a norte porque aí, como já anteriormente referimos, os pequenos encantados são apenas um meio para obter um objetivo e, portanto, são demasiado pequenos para proceder à interpelação. Quando

67

são maiores, caso das mourinhas princesas, surgem enamoradas de algum cristão ou foram desobedientes para com os pais.

A imagem dos mourinhos a norte e a sul não é apenas feita de diferenças, mas também de semelhanças. Em ambos os locais, a imagem destas personagens encontra equivalentes noutras culturas ou através de outras manifestações. Porém, as denominações são diferentes assim como as suas especificidades. A sul, por exemplo, os mourinhos encantados apresentam a particularidade de serem muito pequenos e aparecerem recorrentemente de gorro encarnado, podendo facilmente ser relacionados com o Saci Peréré, que surge, igualmente, de barrete encarnado e que tanto pode ser associado ao diabo como à traquinice infantil, correspondendo, deste modo, à imagem que o povo a sul tem dos mourinhos encantados.

Regra geral, em ambas as zonas, os mourinhos surgem associados a adultos, facto perfeitamente normal se o compararmos com as crianças cristãs, já que estas precisam sempre de acompanhamento de alguém mais velho que por elas seja responsável.

Também a origem nobre destes mourinhos é um denominador comum às duas zonas analisadas. Com efeito, não encontramos mourinhos pobres e o mesmo já acontecia com as mouras e com os mouros. Trata-se de personagens sempre filhos de reis, governadores ou alcaides mouros que deixaram as suas filhas ou filhos encantados, na esperança de posteriormente poderem voltar para os resgatar. Porém, por infortúnio, tal não sucedeu e é essa razão por que ainda hoje se encontram enfeitiçados. Qual é então a diferença? A norte, os mourinhos são ainda bebés e como tal, encontram-se encantados juntamente com as mães, uma vez que estas não os quiseram deixar.

A sul também verificamos estes últimos casos, mas de forma esporádica, pois as situações que predominam dizem respeito a famílias encantadas, nas quais, logicamente se encontram os mourinhos, e que parecem viver uma vida paralela à dos humanos, usufruindo mesmo de estruturas familiares muito idênticas às nossas.

Os mourinhos ou mourinhas do norte surgem quase sempre integrados em narrativas que ostentam tesouros, pois essa é uma preocupação constante. A sul nem por isso. São raros os textos de mourinhos

que, em simultâneo, ostentam tesouros. Por isso, acreditamos poder concluir que, na zona em causa, os mourinhos parecem ser "mais crianças" que a norte, pois ficam tristes, choram, pedem comida, querem brincar e sentem-se sós, pelo que interpelam e aparecem aos olhos dos humanos porque querem sentir-se acompanhados. Esta atitude gera também nos humanos sulistas uma certa piedade e vontade de os ajudar, mas paralelamente, têm receio e preferem não falar destes casos não só porque as pessoas não acreditam, mas porque podem dobrar o feitiço dos encantados.

Como já acontecia com as mouras, os mourinhos do sul podem castigar ou recompensar os humanos. Quando tomam a primeira atitude, conseguem ser bastante cruéis, levando mesmo os seres humanos à morte.

Em todas as lendas que analisámos, a norte e a sul, nunca os mourinhos surgem metamorfoseados como acontece com as mouras. Acreditamos que a explicação reside no facto de serem crianças e, ainda que mouras, serão igualmente ingénuos e inocentes, portanto, dão-se a conhecer no seu estado mais puro, isto é, ainda não pensaram em iludir ou "enganar" o humano, como fazem as mouras.

5.3. A imagem dos Mouros

Ao iniciarmos a análise referente às lendas de mouros, impõe-se salientar que os vetores caracterizadores desta personagem são diferentes daqueles que serviram de base à análise das mouras e mourinhos encantados. A razão de ser destas alterações é simples: os mouros, de um modo geral, não surgem encantados⁴⁵, logo não podem ser considerados itens como: "encanto", "solução para o desencanto", "acordo", "incumprimento", "tentação", "castigo ou recompensa". Da mesma forma, a metamorfose está praticamente ausente porque essa condição requer existência de um encantamento e de um ser sobrenatural. No entanto, considerámos o item "magia" que inclui igualmente situações de milagres, pois muitas vezes somos confrontados com reis detentores de poderes mágicos ou surgem situações milagrosas. Nestes textos, também não é evidente uma "hora de entreaberto" porque, novamente, estaria ligada ao encantamento. O que na verdade temos é um mouro enquanto ser humano e não uma aparição, tal como acontecia com as mouras encantadas. Por todas estas particularidades, considerámos pertinente assumir aqui a nomenclatura de Alexandre Parafita, isto é "mouro histórico" e "mouro mítico".

5.3.1. Os Mouros a norte

A – Localização

A localização destas lendas está intimamente ligada à temática que desenvolvem e a verdade é que o antagonismo muçulmano/cristão é o assunto mais abordado no que respeita os mouros nortenhos. Muitas lendas apresentam uma ação cuja fixação ocorre perto de locais católicos e sagrados, como capelas e conventos, o que, por um lado, vinca ainda mais esse confronto e, por outro, em determinadas narrativas, revela um certa mistura e influência de culturas, elemento que não é estranho, pois sabemos que em termos históricos, houve períodos de paz entre os dois povos. A título exemplificativo, temos a lenda "[O Mouro e a Igreja de S. Fecundo]"(nº251) que alude não só ao confronto mouro/católico, como à própria vitória destes últimos.

Quando a temática se aproxima de conteúdos mais históricos, as referências espaço-temporais são igualmente muito mais precisas. Tal situação é perfeitamente visível na lenda "[Os Cavaleiros das Esporadas Douradas]"(nº1), que refere com exatidão, as localidades de Chacím e Castro Vicente. Este aspeto não acontecia com as narrativas de mouras ou mourinhos encantados.

À semelhança das mouras nortenhas, os mouros preferem habitar fortalezas, castelos, montes, encostas e pontes, mas encontramos igualmente os mouros em subterrâneos, grutas, covas e minas. Também ruínas e castros, apontando, mais uma vez no sentido de um possível confusão entre mouros os povos pré históricos⁴⁶ para o que contribui também a localização temporal num passado remoto não definido. Com efeito, para alguns investigadores está fora de questão confundirem-se estes textos com o povo mouro e um dos indícios é a palavra céltica Mrvos, que significa 'morto', ou 'ser sobrenatural'. Os celtas teriam sido dos primeiros habitantes da Península Ibérica desde os tempos paleolíticos, portanto, bastante anteriores aos árabes.

B - Tesouro

Ao contrário das lendas de mouras encantadas, nas narrativas relativas a mouros, muito excepcionalmente encontramos tesouros com significado equivalente ao atribuído nas lendas de mouras,

⁴⁵ A aparição de mouros encantados é muito esporádica, por exemplo na lenda nº10

⁴⁶ Sobre este assunto cf capítulo sobre As mouras a Norte.

isto é, não como acessório ou elemento essencial. São feitas alusões a fortunas, grandes riquezas, características que as populações consideram inerentes aos árabes, mas que, de um modo geral, não procuram alcançar: "Quando as guerras terminaram, entregaram-se [os mouros] à tarefa de derreter o ouro, que possuíam em grande quantidade. Com ele, construíram teares que trabalham, dia e noite, no fabrico de vestuário, também de ouro."(nº50)

Porém, deparámo-nos com uma lenda, "[O Cristão, o mouro e a Senhora de Guadalupe]"(nº234) onde são os mouros a demonstrar mais interesse pelo dinheiro, pois levam um cristão para a mourama e tentam pedir um resgate.

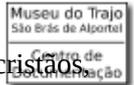
C - Atitudes/ ações dos mouros

Sem dúvida que a imagem do mouro que consta do nosso imaginário popular é a dos sarracenos "maus" que invadiram a Península Ibérica e, muito em especial, Portugal. Quando começamos a desmontar essa imagem, cedo confirmamos essa ideia, mas, paralelamente, verificamos mouros detentores de outras atitudes e realizando outras tarefas bastante próximas do real, do humano. De resto, nas lendas nortenhas, não encontrámos qualquer texto denunciador de mouros encantados. Ao contrário das mouras, parecem todos bastante humanos e históricos⁴⁷. De igual modo, é quase impossível caracterizar a imagem do mouro sem a associar ao cristão, pois ambas as personagens surgem em frequente comparação, isto é, os mouros são "maus" porque deveriam ser cristãos ou realizar as mesmas práticas que estes últimos.

Relativamente às atitudes dos sarracenos, considerámos duas características distintas: a primeira mais de acordo com o que afirmámos no parágrafo anterior, isto é, abonatória dos ditos mouros "maus" e a segunda, apresentando mouros mais "caseiros", ou seja, realizando tarefas mais familiares pertencentes ao seu dia a dia. Portanto, encontramos duas facetas: a "profissional" e a "particular".

Detenhamo-nos, por agora, na primeira particularidade. Com efeito, a maior fatia de lendas que estudámos, apresenta uma imagem dos mouros nortenhos perfeitamente assustadora, pois são, essencialmente guerreiros. Ocupam-se da guerra. Foi esta a atitude que registou maior ocorrência na nossa

análise.



Mas o ato de guerrear tem várias nuances, pelo que os mouros surgem em batalhas contra os cristãos, torturam os inimigos e perseguem-nos, destroem vilas, martirizam e apedrejam-nos. Ainda nesta mesma categoria, os muçulmanos exigem o tributo das donzelas, sendo esta a atitude que em segundo lugar, apresenta maior número de ocorrências. Esta exigência por parte de muitos reis e alcaides mouros provoca a revolta dos cristãos e de muitas populações que lutam contra tal situação. Segundo as lendas, é a causa para muitas batalhas.

O resultado destas lutas denuncia, quase sempre, a supremacia dos cristãos sobre os muçulmanos, o que não constitui novidade, pois ocorre em inúmeros textos. O que realmente é curioso é encontrarmos narrativas onde mouros se convertem ao catolicismo. Podemos confirmar esta situação na lenda "[O Mouro e a igreja de S. Facundo]" (nº251), onde o mouro acaba por se converter ao catolicismo. E porque não o contrário? O que significará essa conversão? Uma prova a confirmar a grandiosidade católica ou a vontade que os católicos teriam de que assim fosse? Acreditamos tratar-se, no fundo, de um reflexo do que foram as lutas da chamada "Guerra Santa", cujo objetivo seria, supostamente, a conversão dos "árabes infiéis". Por outro lado, a resignação do mouro à fé católica apresentada nesta lenda como

⁴⁷ Quando nos referimos a "mouros históricos" significa que adotámos a definição de Alexandre Parafita e que aludimos ao seu papel histórico no nosso país.

70

noutras, traduz, no fundo, a importância do catolicismo, isto é, será o mesmo que admitir uma menor relevância e importância do islamismo, uma vez que não consegue converter cristãos, mas, confirma a existência de elementos do seu núcleo que se rendem à evidência cristã porque ocorreram ou presenciaram milagres que os convenceram. Isso mesmo, podemos constatar no seguinte excerto da mesma lenda acima enunciada: "Corria o mouro a refugiar-se na Igreja do santo [S. Facundo], já ferido, e o cristão sobre ele. Entrou o mouro na igreja, e o cristão, ao chegar à porta se lhe pregaram na cantaria do limiar dela as mãos do cavalo. De sorte que hoje se veem ser as estampas das ferraduras cravadas nelas."(nº251)

O tema da conversão não constitui propriamente uma inovação, uma vez que era comum na literatura medieval, nomeadamente na literatura de doutrinação cristã, caso das narrativas de milagres. É muito provável que estes textos tenham reflexos desta convicção e mentalidade.

A segunda especificidade que acima apontámos (a faceta particular), insere os mouros numa outra categoria que se prende com a sua vida privada. Por outras palavras, dá conta dos seus hábitos, desempenhando as seguintes tarefas: fazem pão, vão dar água aos cavalos, treinam as suas montadas e são construtores, "trabalham a pedra". Neste âmbito, destacamos dois aspetos: em primeiro lugar, o facto de treinarem e darem de beber aos seus cavalos continua a manter alguma ligação com o seu carácter bélico, o que nos faz pensar que mesmo no seu aspeto mais familiar, mantêm sempre a atenção nas batalhas; em segundo lugar, enquanto construtores, são detentores de uma enorme força, como podemos constatar pelo seguinte excerto da lenda "Os Mouros e a Capela da Senhora de Guadalupe" (nº233): " ... o povo acredita que foi obra dos mouros [a construção da capela], pois só eles tinham poder e magia para construí-la numa noite". Uma outra narrativa, a lenda "[A força dos mouros]"(nº135), aponta no mesmo sentido:

A montante de Mandis, e numa encosta, [na freguesia de Solveira, concelho de Montalegre] ficam as ruínas de um velho castro, constituído por umas muralhas sem fosso. Anda-lhe ligada a lenda de que o fizeram os mouros enquanto o povo estava ouvindo a missa, porque eles viravam as fragas todas num quarto de hora, e tinha mais força um mouro do que três juntas de bois.

A norte, deparámo-nos ainda com uma lenda denunciadora da magia utilizada por reis mouros. Trata-se da lenda da "Noiva encantada",⁴⁸ contando a história de um rei mouro que encanta a filha pelo facto desta se ter apaixonado por um cristão, mandando decapitar este último. Novamente nos surge a ideia de uma categoria de mouros constituída por reis maléficos capazes de encantar as próprias filhas, portanto, carrascos das princesas mouras.

Concluímos, então, que em praticamente todas as narrativas, os mouros detêm uma imagem quase exclusivamente histórica, ao contrário do que acontecia com as mouras e mourinhos. Por isso, e como já tivemos oportunidade de comprovar, esta personagem surge, na grande maioria das situações, vencida pelos oponentes católicos ou acaba por se converter. É claro que textos há em que são os cristãos os vencidos, mas aí, os mouros são apontados como vilões e sanguinários, praticamente sinónimo do próprio diabo.

⁴⁸ "Conta a lenda que um rei mouro tinha uma filha, que estava destinada a casa-se com um outro rei que vivia nas terras de Além – Douro. Ela, contudo, alheia às combinações do pai, apaixonara-se por um jovem da sua idade, filho de camponeses e de religião cristã. Por isso, na primeira ocasião, fugiu do seu palácio para casar com ele.

O pai, quando soube, partiu em perseguição da filha e do noivo, alcançando-os no alto de S. Domingos (em Provezende, concelho de Sabrosa). Aí ordenou que decapitassem o rapaz e lançou sobre a filha um encantamento, que era errar permanentemente pela serra.

Por isso, diz o povo que nas manhãs de inverno, quando o nevoeiro vindo do rio Douro esconde a serra de S. Domingos, há quem tenha visto um vulto de mulher a deambular por ali, e que é a moura encantada à procura do seu noivo". In Parafita, Alexandre, A Mitologia dos Mouros, Gailivro, 2006, p.319

D - Atitudes/ ações dos humanos

No âmbito de um conceito histórico, a imagem dos sarracenos que até nós chega, é grandemente difundida pela igreja que não só os aponta como infiéis, como perversos, sendo os cristãos meras vítimas nas suas mãos. Sabemos, todavia, que não terá sido sempre assim, pois muitas são as narrativas a darem conta de cristãos cujas atitudes são, de acordo com os valores atuais, no mínimo, "pouco católicas". Vejamos, por exemplo, a lenda "[A matança dos mouros]"(nº177) onde "...houve uma batalha renhida com tal rigor que deu em resultado não ficar vivo um só mouro." Outro exemplo é a lenda dos "Cavaleiros das esporas douradas"(nº1) em que os cristãos "desbaratam" os mouros e matam o alcaide. Claro está que esta violência é imediatamente justificada pela defesa do cristianismo, por motivos amorosos ou, como é o caso desta última narrativa, pelo tributo de donzelas que o alcaide mouro impunha às populações, característica da religião islâmica muito condenável para a crença cristã.

Ainda um outro exemplo, a lenda, "[O Vale da Osseira]"(nº231), mostra cristãos bastante sádicos, pois alude ao facto dos mouros por eles terem sido "batidos e trucidados".

Chegamos à conclusão que a "espinha dorsal" das atitudes manifestadas pelos cristãos se prende com o ato de guerrear, tal como acontece com os mouros. Tal como já tínhamos referido no capítulo anterior, a propósito da análise da conduta mourisca, não é possível dissociar as atitudes dos cristãos dos atos sarracenos porque realmente foram as cruzadas, a luta pela religião, mas acima de tudo, pelo domínio de terras, que os levou a serem inimigos durante vários séculos.

Tendo em conta as apreciações do parágrafo anterior, considerámos pertinente dividir as atitudes dos cristãos da seguinte forma: atos de guerra e vivências do dia a dia, à semelhança do que tínhamos feito com as atitudes mouriscas.

Na primeira categoria, considerámos dois pontos: as lutas com os mouros, tendo como pretexto o catolicismo, e confrontos contra o tributo das donzelas. Numa segunda categoria, as tarefas podem ser ligadas ao catolicismo ou compreender atividades diárias. Nesta última ordem de ideias, as lendas

difundem cristãos fiéis a Deus, sempre perto de locais católicos, rezando em capelas ou no seu percurso para a igreja, mesmo quando a adversidade, representada nos textos pelos atos mouros, os tenta impedir.

O castro de Sapiãos, chamado também "Casa dos Mouros", fica cerca de 400 metros adiante dos Sapiãos [concelho de Boticas]. Corre na tradição que os mouros daquele castro apedrejavam os cristãos quando por ali passavam a caminho da igreja românica de S. Pedro, que fica na margem direita do rio Terva, e a uns 500 metros da base do castro." (nº12)

Os cristãos mandam também construir túmulos para os seus mártires e quando subjugam os mouros, por vezes, obrigam-nos a erguer capelas, como demonstra o seguinte excerto: "O mouro passou então a ser escravo do cristão, e este, em castigo do que teve de passar na mourama, obrigou-o a construir uma capela dedicada a Nossa Senhora no sítio exato onde a caixa poisou. A capela lá está." (nº233)

Continuando nesta última categoria mais ligada a factos quotidianos, outras narrativas há em que os cristãos impedem os mouros de realizar as suas tarefas, levando-os a desistir e ir embora: "...tal ponte nunca se pôde fazer, pela razão simples de que a gente de Carvalhelhos ia lá de dia e deitava abaixo tudo o que os mouros tinham construído de noite." (nº18)

Por último, salientamos uma lenda, "[O cristão, o mouro e a Senhora de Guadalupe]" (nº234), que apresenta várias atitudes por parte dos cristãos, entre as quais se destaca uma certa esperteza, já que de início o cristão era prisioneiro do mouro e consegue ultrapassar a situação, subjugando-o e obrigando-o a construir uma capela.

72

Concluímos, pois que, ao contrário das sedutoras mouras que até parecem "agradar" aos humanos, os mouros não são bem-vindos. A ideia que chega até nós e a de uma atmosfera de hostilidade mútua e de tensão permanente.

E – Magia/ Milagres

Já constatámos que nas lendas de mouros não está presente o encanto tão típico e específico das mouras encantadas. Todavia, é possível encontrar um elemento substituto, que tanto pode ser a "magia", no caso de alguns reis mouros, como a presença ou alusão a milagres, quando envolve elementos católicos. Optámos por considerar ambos os aspetos na mesma categoria, na medida em que pressupõem algo de prodigioso. Neste contexto, pareceu-nos pertinente, as seguintes considerações de Leite de Vasconcelos: "Disto se pode concluir que as moiras encantadas representarão em parte, assim como os santos e as virgens da Igreja católica, uma assimilação de quaisquer divindades locais, análogas às ninfas, ondinas, espíritos da natureza..." (Vasconcelos,1938:499) Talvez seja esta a principal razão para muitas localidades terem nomes ou alusão a mouras e mouros, como por exemplo, "Cova da Moura" ou "Vale da Moura", mas também outras adquirem nomenclaturas ligadas a santos religiosos, "O cabeço de S. Bartolomeu, ou, ainda mais usual, praticamente todas as regiões de Portugal têm padroeiros que são santos católicos e realizam comemorações em sua honra. O S. João, por exemplo, é considerado a principal "hora do entreaberto" e, no entanto, trata-se de uma festa católica coincidente com o solstício de verão. Prova-se assim, mais uma vez, o quanto o cristão e o pagão se podem misturar. A comemoração dos solstícios era já uma prática recorrente nos povos mais antigos e por isso pode, mais uma vez, gerar alguma confusão entre os mouros e povos anteriores.

Recorrentemente, surgem-nos mouros com muitos poderes e detentores de uma força sobrenatural, capazes de construir uma capela do dia para a noite, o que prova uma certa magia: "Uma das tradições

populares sobre a capela de Nossa Senhora da Guadalupe...diz que foi construída da noite para o dia. O povo acredita que foi obra dos mouros, pois só eles tinham poder e magia para construí-la numa noite".(Parafita,2006:363)

Temos ainda outro texto que dá conta da força dos mouros: "Anda-lhe ligada a lenda de que o fizeram [o castro] os mouros enquanto o povo estava ouvindo a missa, porque eles...tinham mais força do que três juntas de bois."(nº135)

No capítulo dos milagres, o alvo são os cristãos. E assim, na lenda "[O Cristão, o mouro e a Senhora de Guadalupe]"(nº234), a arca do cristão voa, trazendo-o da mourama até à sua terra:

Por isso resolveram matá-lo [ao cristão]. E ficou um mouro de guarda deitado sobre a caixa até ao momento da execução. O cristão, ao perceber o que o esperava, pôs-se a rezar a Nossa Senhora, pedindo que lhe valesse. E tanto rezou, tanto rezou, que de um momento para o outro, a caixa onde ele estava voou e foi poisar na aldeia da Ponte. – Ó cristão, na tua terra há galos?

- Há – diz o cristão.

- Então grande milagre conseguiste, pois estás na tua terra!

Claro que estes milagres conseguidos, revertem sempre a favor dos cristãos, até porque, segundo o catolicismo "os outros" é que são os infieis, logo, Deus, Jesus e todos os Santos, manifestar-se-ão a seu favor acarinhando-os com estes supostos prodígios. Na lenda acima citada, por exemplo, o milagre fez com que o mouro antes dominante, acabasse por ser o dominado: "O mouro passou então a ser escravo do cristão." Na narrativa "[A Senhora do Bálamo na mão]"(nº72), sucede uma renhida batalha entre mouros e cristãos. Todavia, estes são em muito menor número que os primeiros, por isso, não fosse a ajuda da